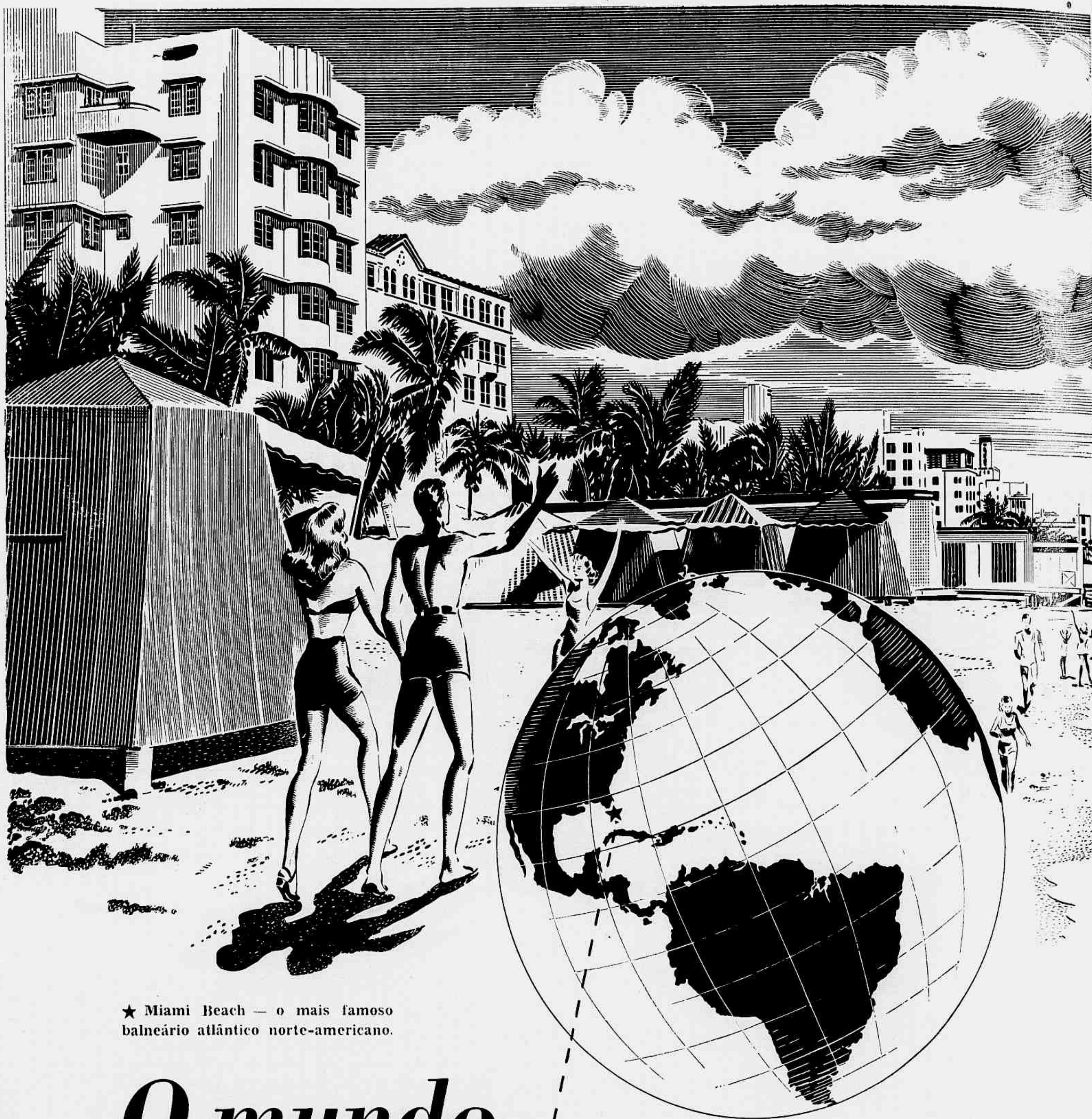


REVISTA DA SEMANA





★ Miami Beach — o mais famoso balneário atlântico norte-americano.

O mundo é seu... pelo CLIPPER

V. S. pode ser um dos milhares de turistas que estão desfrutando a temporada na praia alegre e pitoresca de Miami. Pelo Clipper da Pan American é

simples questão de horas um vôo àquele paraíso dos que estão em férias! Hoje, o mundo inteiro está ao seu alcance — graças à vasta rede de rotas interna-

cionais da Pan American. Projete agora a viagem de férias que tanto sonhou. Consulte *hoje, mesmo* o representante local da PAA ou agências de viagem.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ☆ CORRESPONDÊNCIA

10.056-101-15-18

IMPRESSÕES DE UM REPORTER CARIOCA EM LOS ANGELES

ALTOS E BAIXOS DA CIDADE QUE PRETENDE DOMINAR NOVA-YORK — DAS RESIDÊNCIAS IMPONENTES DE BEVERLY HILLS AO "BAS-FOND" DE "DOWNTOWN" — NEM TUDO É CINEMA EM LOS ANGELES, MAS HOLLYWOOD VIVE EM FUNÇÃO DO CINEMA — TURISTAS E "ASTROS" FAMOSOS, EM CONTRASTE COM OS PÁRIAS DE PARSHING SQUARE — EXTRAVAGÂNCIAS E CONTRASTES QUE NEM TODOS VÊEM

CELESTINO SILVEIRA (Enviado especial da REVISTA DA SEMANA aos Estados Unidos)

Los Angeles, março. — Foi um funcionário do Consulado do Brasil quem nos advertiu quando ali fizemos a nossa primeira visita: Los Angeles tanto pode ser conhecida em três horas como em três anos. Na primeira hipótese, o viajante apenas terá visto o convencional, continuando a sua jornada na ingênua suposição de quem travou relações, mesmo superficiais, com alguma coisa que vivia muito nos seus sonhos. E, na segunda, acabará convencido de não ter visto tudo. Assim é de fato. Quanto mais rebuscamos os altos e baixos de Los Angeles, penetramos os seus redutos que vivem em função do cinema ou nos desviamos para outros onde ninguém pensa em cinema, tanto mais nos certificamos de que a relação do "não visto" será superior, quando partirmos, à parcela do que estamos vendo mais ou menos demoradamente. Nossos dias e noites dividem-se entre os dois extremos, na esperança de tirar a média capaz de nos permitir uma informação completa para o Brasil. Hoje percorremos a praia elegante de Santa Monica, onde a frequência das "estrêlas" não é tão numerosa quanto se pensa ao longe, mas amanhã daremos um salto na cidade-baixa e estaremos em contacto com certos elementos desta grande metrópole, em caminho a passos largos para uma competição destemida com Nova-York. Se Manhattan não reagir, é certo que dentro de dez anos Los Angeles poderá rivalizar com ela, senão em expressão comercial e industrial, ao menos em densidade de população e expressão econômica. Vamos hoje, portanto, oferecer aos leitores da REVISTA um apanhado de impressões recolhidas em mais uma semana de permanência neste recanto privilegiado da Califórnia, onde o sol não receia o inverno

e os paradoxos parecem instalar o seu reduto predileto.

★

Nem tudo é cinema em Los Angeles, afastada de Hollywood quase uma hora de ônibus ou de um bonde veloz que nos leva do Sunset Boulevard à Broadway. À medida que nos aproximamos do centro, a cidade perde a sua configuração bizarra de cenário cinematográfico, os "drive in" vão cedendo lugar aos prédios altos, desaparecem os quiosques envidraçados e as residências de madeira, parecendo que estamos realmente em Nova-York, e a população aumenta. A Broadway de Los Angeles é também um arremedo embora audacioso do original novayorkino, mas quando nos afastamos do perímetro central elegante para as extremidades do "east side", é como se saíssemos da nossa Avenida entrando, de súbito, no setor das desaparecidas ruas Visconde de Itauna e Senador Euzébio. Com a diferença de nos surgirem aos olhos flagrantemente ainda mais pobres, alguns até miseráveis. A famosa Quinta Rua, que nas vizinhanças da Broadway tem a frequência da boa gente de Los Angeles, perde-se em uma terrível fisionomia de "bas-fond" quando nossos passos lhe alcançam a extremidade mais escura. Ali vemos autênticos antros onde se bebe o dia e a noite inteiros, porque as portas jamais são fechadas. Os interiores, sombrios em contraste com a claridade da rua, não deixam que se distingam a rigor as fisionomias dos cavalheiros e damas, trepados no banquinho giratório e debruçados no balcão de alumínio, onde garçons de caras pouco amáveis servem o pior e mais falsificado "whisky" da terra. Quando um freguês dá por suficiente a quantidade de álcool que

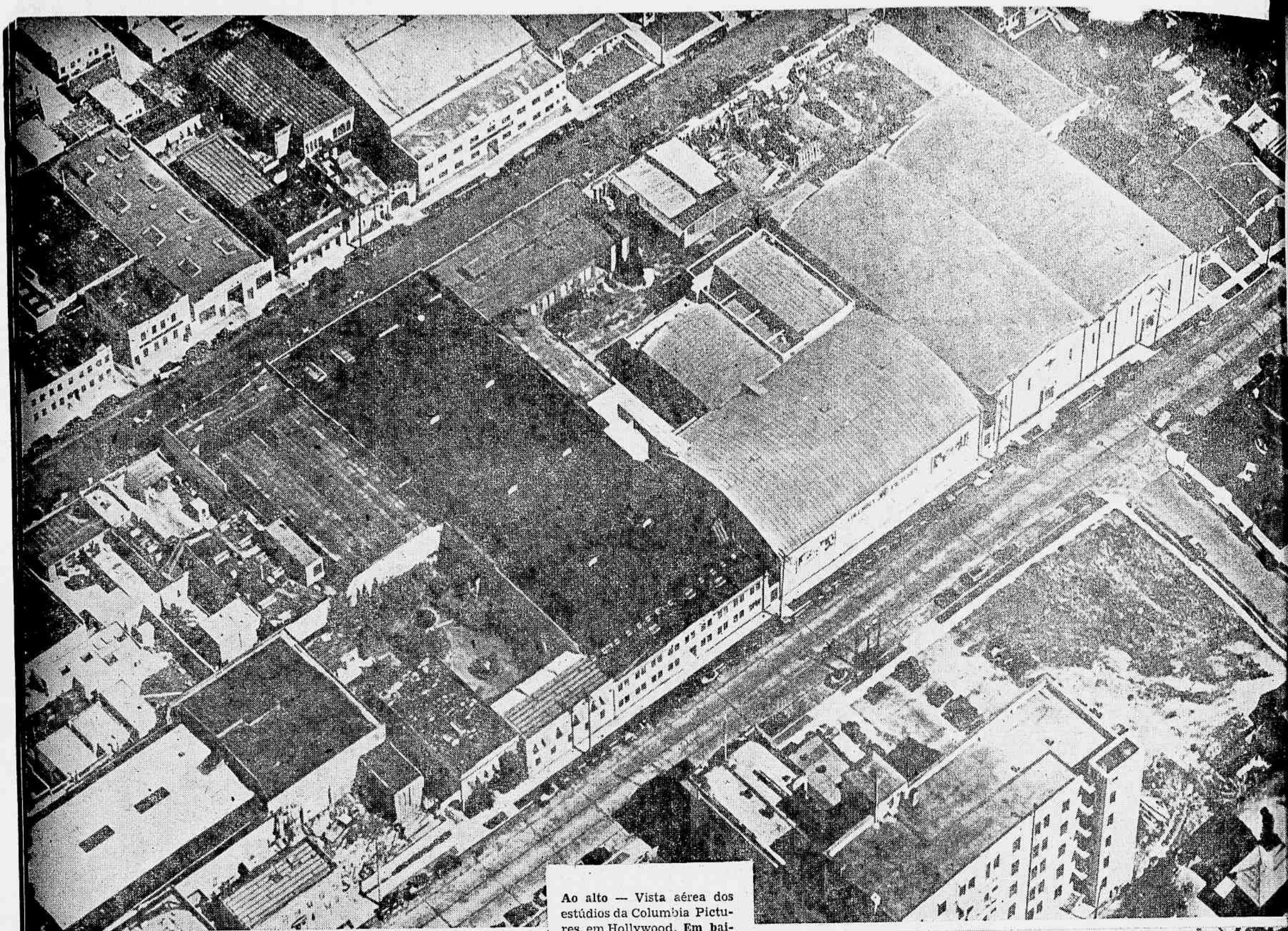
ingeriu, vem para a rua e aguentando-se como pode, os olhos injetados e as pernas trêmulas, aí vai fazendo "letras", perambulando até outra "tasca" onde repetirá as doses enquanto lhe sobram alguns centavos. O comércio local possui as mesmas características de miséria. Multiplicam-se, em cada quadra, os belchiores mostrando ao transeunte a sua mercadoria sórdida, roupas esfarrapadas, sapatos que devem ter palmilhado léguas deste mundo de Deus e ali terão sido vendidos por um "dime" para duas doses de "whisky", relógios, ferramentas, armas de fogo e punhais, máquinas de toda espécie e muitos chapéus ensebados.

Pelas esquinas, à soleira das portas, mesmo durante o dia, ébrios oscilam e murmuram palavras pela metade, enquanto nos pedem esmola. Esmola para continuar bebendo. Vimos no cruzamento de duas ruas bastante movimentadas, um pobre homem estendido na calçada, de braços abertos, arrazado pelo álcool, a roupa descomposta e a barriga ao sol, sem que ninguém se preocupasse com a sua triste exibição pública. Em uma das mãos apertava um pedaço de giz, com o qual, antes de se deixar cair, havia escrito no asfalto: "Deus disse que um dia viria salvar-nos. Aqui estou aguardando a Sua visita"...

Mas o espetáculo mais deprimente de Los Angeles foi o que nos ofereceu o seu grande parque municipal, Parshing Square, com milhares de párias deitados na relva, entregues a um sono pesado, ou sentados nos bancos de madeira, sem balbuciar palavra, de mãos cruzadas no peito e os olhos fitos no céu azul. Esse é um dos redutos da gente sem trabalho de Los Angeles, tendo as autoridades o cuidado de dividi-lo em duas partes, cada qual destinada aos representantes de um sexo.

Long Beach, a duas horas de auto de Hollywood, uma das praias das "estrêlas"





Ao alto — Vista aérea dos estúdios da Columbia Pictures, em Hollywood. Em baixo — Um cenário construído nos mesmos estúdios.



Há, n
 "Men
 there
 lá, ex
 preva
 ficam
 o qu
 não t
 dios,
 e ali
 nos b
 os pe
 as au
 reme
 rável
 em c
 ali e
 inclu
 No
 lorac
 dos p
 susp
 ciais
 e tar
 ao in
 a Rú

De
 entr
 men
 Noss
 Lon
 favo
 uma
 cari
 a e
 ensa
 que
 cont
 Mon
 emp
 tos
 tant
 sub
 que
 cial
 dad
 pac
 ma
 rac
 visi
 em
 olh
 de
 de
 oce

F
 me
 qu
 an
 de
 gl
 mo
 do
 rat
 za
 qu
 ga
 ja
 da
 qu
 bo
 ta
 ap
 un
 fe

tr
 w
 te
 es
 n

Há, mesmo, de cada lado, uma pequena placa: "Men" e "Women". Pobres e carcomidas mulheres, agasalhadas em sovados casacos de lã, exibindo os mais grotescos chapéus onde prevalecem as plumas e as flôres artificiais, ficam de um lado, esperando ninguém sabe o que. Homens que voltaram da guerra e não têm onde dormir, desempregados e vadios, permanecem o dia inteiro do outro lado, e ali dormem, aquecendo-se uns aos outros, nos bancos, ou estendidos na relva. Ninguém os perturba. E como poderiam perturbá-los as autoridades se ainda não foi encontrado remédio para o seu caso? São êsses os miseráveis de Los Angeles, que nunca pensaram em cinema nem para frequentá-lo, embora ali existam centenas de casas de diversões, inclusive bastantes de "gênero livre".

No meio da praça, um grupo discute acaloradamente. Quando nos aproximamos, todos parecem olhar-nos com uma boa dose de suspeita. Que discutem eles? Questões sociais... O "caso" da Espanha, da Argentina, e também o mais recente, que diz respeito ao incidente dos aviadores americanos com a Rússia.



Deixemos agora os párias de Los Angeles entregues à sua miséria e falemos de coisas menos trágicas. Das praias, por exemplo. Nossas impressões de Santa Monica e de Long Beach, as duas que já visitámos, são favoráveis, mas continuamos encontrando uma fascinação mais pronunciada nas praias cariocas. Não é saudosismo, acreditem, mas a expressão da realidade. São extensas e ensolaradas, limpas e perfumadas, as praias que estamos conhecendo, mas alguma coisa contribui para diminuir-lhes o encanto: Santa Monica, por exemplo, é uma praia particular, emparedada por um grupo de estabelecimentos comerciais. Cada um dêles tem direito a tantos metros da praia, embora não existam sub-divisões, mas resulta que não é fácil frequentá-la sem o contacto com a parte comercial, não existindo assim a sensação de liberdade, que é um dos maiores atrativos de Copacabana. A areia, escura, ganha um colorido maior apenas quando lá se instalam as barracas multicoloridas dos banhistas; mas se visitarmos Santa Monica em dia útil, êsse embelezamento não prevalece, e o que nossos olhos abrangem é uma extensa fita escura de areia, beijada por uma água muito azul, de um azul realmente forte, característica do oceano Pacífico.

Em Long Beach também visitámos os primeiros trabalhos da grande feira mundial que só deverá realizar-se em 1950. Quatro anos antes, já ali encontramos instalada parte de um parque de diversões, inclusive uma gigantesca montanha-russa. Mas Long Beach mostra-nos também reminiscências do período de guerra, até mesmo as montagens aparatosas do radar, pôsto a serviço da fiscalização marítima. E dizem-nos, com segurança, que, embora os jornais não tivessem divulgado a notícia, de fato submarinos e aviões japoneses andaram muito pelas imediações da aristocrática praia de Los Angeles. Houve quem adiantasse que até mesmo algumas bombas incendiárias, logo apagadas, reben-taram por ali. Mas o que estamos vendo é apenas uma praia quieta e convidativa para um excelente mergulho em suas águas azul-ferrê.



Não deve surpreender-nos o fato de encontrarmos a maioria dos habitantes de Hollywood em traies esportivos, onde as côres fortes são proeminentes. Acontece que as casas especialistas em artigos para homem e senhora, não possuem outra classe de roupas.



Wilshire Boulevard, em Los Angeles

Rebuscámos não só Hollywood, mas Los Angeles em pêso, à busca de uma camisa branca, e não a encontramos no estilo comum das usadas no Rio. Quando muito, oferecem-nos camisas esportivas, de mangas curtas e colarinhos abertos. A gravata foi abolida por completo. Ora, esta gente não pode comprar roupa no estrangeiro, ou mesmo em Nova-York e Chicago, porque teria de gastar o dôbro, e os preços, aqui, já não são muito convidativos. Resulta que no fim de alguns meses o imigrante tem mesmo de aderir à

moda da terra, até porque, não o fazendo, insistindo no seu trajar diferente da maioria, será êle o extravagante. Estávamos à porta do hotel assistindo ao desfile tecnicolorido de homens e senhoras, quando subitamente vimos, a distância, um rapaz diferente. Diferente porque vestia um terno azul-marinho discreto, camisa branca e gravata sem passarinhos nem flôres em grande estilo. Fomos os primeiros a afirmar, intimamente, que devia ser por força "um estrangeiro", e não nos enganávamos. Quando o rapaz se apro-

Mesmo no verão cai neve em Crystal Lake, montanha a duas horas de Los Angeles



ximou, ambos nos reconhecemos: era um dos vinte e cinco brasileiros de Hollywood, ainda sem a necessidade de reformar o seu guarda-roupa...

★

Aliás, os estrangeiros levam suas vantagens, sob certos aspectos, nesta terra. Nas vizinhanças de Culver City, entramos em um "drive-in" para o café da manhã. Reparámos que o rapaz do balcão serve-nos com extrema gentileza e nos observa de soslaio. Estamos em companhia de Luis Serrano e com ele falamos português, ainda mais intrigando o garçon. Nosso "lunch" é menos complicado que o dos americanos ali presentes. Que diabo estará intrigando o homenzinho? Só depois o sabemos: quando, em Hollywood, aparece alguém vestindo "diferente", falando outro idioma e mostrando-se pouco familiarizado com o meio, admite-se que seja pessoa muito ligada aos estúdios e, quem sabe, algum futuro "astro". Seu nome poderá ser famoso muito breve... A saída, o rapaz abriu um livrinho e ofereceu-nos um lápis.

— Para que? — indagamos.

— Seu autógrafo, "please"...

Decididamente, era o que nos faltava acontecer em Hollywood...

★

A tatuagem, em algumas terras, é considerada um indício de mau caráter ou, pelo menos, um indício suspeito. Aqui, não. Em plena Quinta Rua, deparamos com uma loja de tatuagem. Lá dentro, dois marujos são atendidos pelo técnico no serviço, um judeu de óculos e chapéu na cabeça, que procura desenhar um corpo de mulher, mais ou menos despido, no ombro de um dêles. O trabalho é perfeito. Em meia hora o perito estigmatizou o corpo do "sailor" e ganhou cinco dólares. Com o movimento dos músculos, o corpo da deusa ganhava movimentos extravagantes... O marujo saiu satisfeito. O homem da tatuagem ficou satisfeito também e convidou-nos para uma operação semelhante. Nós já estávamos satisfeitos com o que víamos, e também com os modelos mais divertidos de tatuagens, estampados nas paredes: imagens divinas de mistura com figuras profanas, se-

reias e cabeças de artistas famosas... Tudo por cinco dólares. E a polícia não liga...

★

Uma prova evidente do espírito superior que preside à indústria cinematográfica em Hollywood está no seu interesse pelos filmes de outros países. Vários "leaders" dos estúdios com quem conversámos, procuram conhecer informações sobre o cinema no Brasil e não têm, para ele, a menor frase deprimente. Pelo contrário. Mr. Schellborn, do departamento estrangeiro da Paramount, afirma que seria negócio, dado o interesse norte-americano pelo nosso país, se alguns filmes "tipicamente brasileiros" viessem até a América, a exemplo do que acontece com a produção mexicana. Fazemos sentir-lhe a diferença da situação do nosso idioma, quando aqui encontramos numerosa colônia mexicana. Ele rebate: "Que tem isso? Se um filme é bom, tanto pode vir do México como de qualquer outra parte do mundo. O essencial é ser bom".

Mas, acompanhando melhor a penetração do filme azteca neste país, temos sentido que realmente ela se vem fazendo de maneira muito pronunciada. Não admira que também no Brasil o México esteja fazendo bonita figura com a sua indústria cinematográfica, pois aqui mesmo, na vizinhança dos maiores estúdios do mundo, seus filmes têm colocação garantida e boa aceitação. Acreditamos no aspecto comercial. Receiam mais os produtores locais o desenvolvimento da indústria mexicana, em nosso continente, que mesmo a argentina.

★

São poucos os brasileiros em Hollywood e por isso mesmo são aproveitados os bons serviços daqueles que possam dá-los. Gilberto Souto, o decano dos nossos patrícios aqui domiciliados, com quatorze anos de América, desfruta uma situação apreciável nos domínios de Walt Disney, em companhia de Aluizio Oliveira, que foi, outrora, componente do Bando da Lua. Dante Urgolini divide suas atribuições de correspondente de revistas cariocas com as de fabricante de petecas, e disse-nos ter feito, nos primeiros seis meses de sua indústria, aproximadamente trinta e

cinco mil dólares. Alex Viany e Luis Serrano são frequentemente convidados pelos produtores para serviços de tradução e orientação sobre motivos brasileiros, e até mesmo um especialista em "make-up", nosso patrício, aqui encontramos. Chama-se Orlindo Santos, trabalhou na Cinédia e sonha instalar um bonito estúdio de "maquillage", em legítimo estilo cinematográfico, aí no Rio.

★

E assim é Hollywood. Um pedaço da terra onde não falta assunto, cada dia mais interessante, complexo e variado. Encontrámos "estrêlas" que nos falam de seus projetos de visitar o Rio, sendo que duas, Eleanor Powell e Janet Blair, parece terem fechado negócio para uma próxima atuação no Rio. Mas não encontramos ainda Charlie Chaplin nem Orson Welles, o primeiro, desaparecido da circulação e saturado de Hollywood depois daquele memorável escândalo que o envolveu; o segundo sempre em lugar incerto e não sabido. Desde Washington cercamos Orson Welles para dizer-nos o que realmente aconteceu com o seu filme "Tudo é verdade". Andamos desenhados; todavia, parece que não sairemos de Hollywood sem avistar o homem que improvisou um Carnaval fora de tempo, aí no Rio.

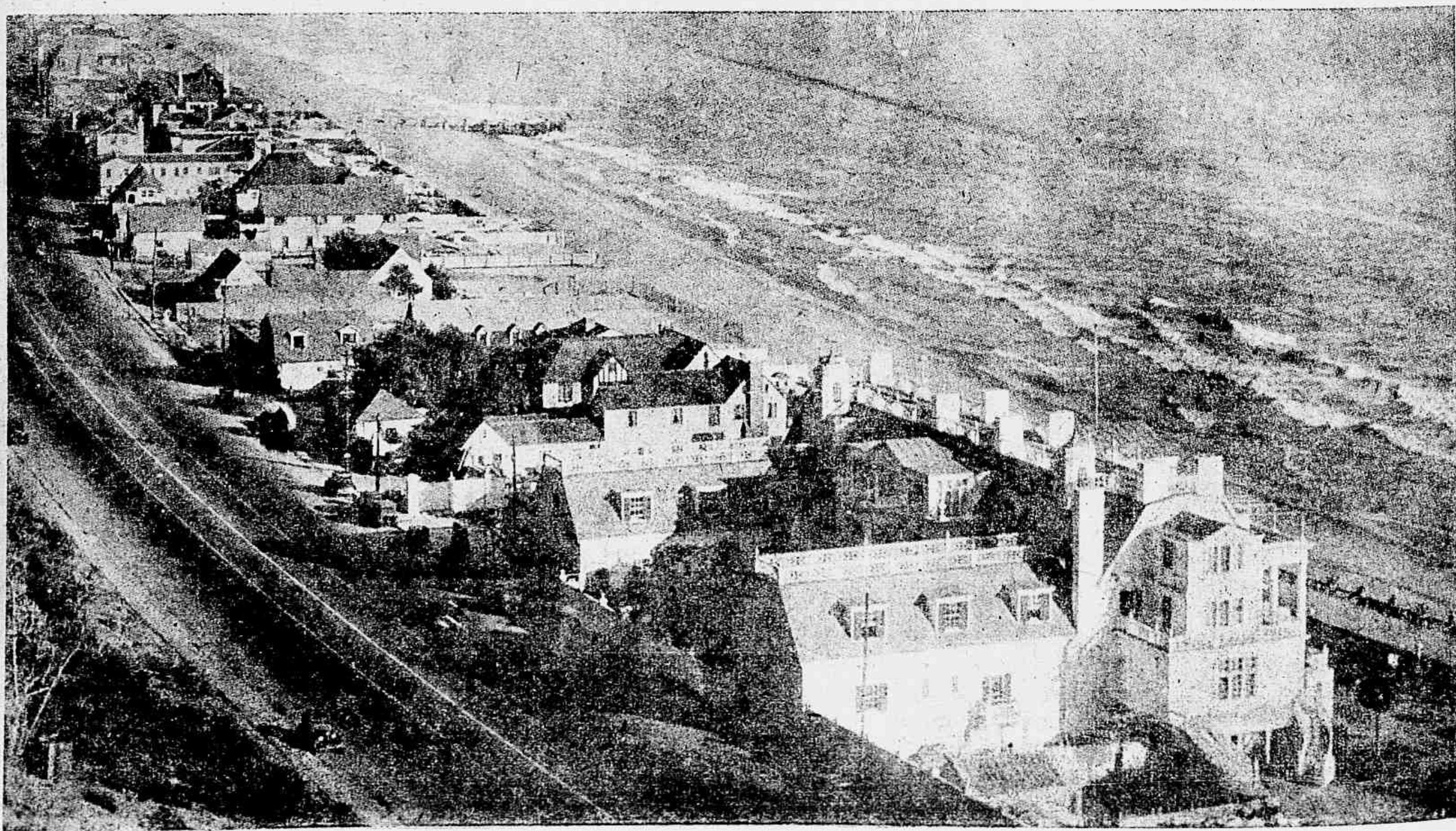
★

E por falar em Carnaval: na noite do sábado gordo, deparamos com dois rapazolas fantasiados em plena Hollywood Boulevard. Vestiam roupa de pano-de-saco, tinham o rosto pintado de zarcão e pinoteavam quem nem cabritos. Mais tarde, esbarrámos com um casal de "noivos", uma garota bonita e seu "boy-friend", realmente espirituosos. Cada um dêles vestia-se "cinquenta por cento de noivo, de cartola e casaca, cinquenta por cento de noiva, com véu e grinalda". Ninguém lhes dava importância. Apenas um marinheiro parou, conversou com ambos e, sem pedir licença ao "noivo", pregou um beijo notável nos lábios da pequena. O "noivo" não reagiu, o marinheiro seguiu para um lado e o casal para outro...

— Carnaval? — indagámos a quem nos acompanhava.

— Não — foi a resposta. Apenas uma coisa muito parecida: Hollywood!

Praia de Santa Monica, residência das "estrêlas"



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 12 :: 23-3-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00.

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00.

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro.

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602. Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL. REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires. Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO.

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

SUMARIO

LITERATURA

Tia Candoca (Alves Borges)	17
Rumo ao Egito (Edgar Wallace)	27
Máscaras negras (André Maurois)	34
Livros Novos (J. L.)	36/37
Salas Magnas (Escragnolle Doria)	38
A dívida (Artur de Azevedo)	49

REPORTAGENS

Impressões de Los Angeles (Celestino Silveira)	3/6
Internato para moças	8/14
Paris 1945	15/16
Figuras e Fatos	35
Jockey Club Mundano	48

FEMININAS

O que as "estrêlas" sugerem	30/31
Nos bastidores femininos	32
Listras	39
Penteados	33
Modelos avulsos	42
Modelos para a tarde	46/47
Mulheres que o mundo não esqueceu	50
Femininas	50
O tricô volta à moda	58

CURIOSIDADES

Do "East Indiaman" ao "Queen Elizabeth"	22/23
No desaparecido império de Hitler	24/25

CINEMA

Uma história de Scheherazade	28/29
A REVISTA em Hollywood	44/45

TEATRO

"Candida"	18/21
-----------------	-------

SECÇÕES

Música (Roberto Lyra Filho)	54
-----------------------------------	----

CARICATURAS

De bom humor	26
"Charge" de Raul	52

NA CAPA

Na capa de hoje, Signe Hasso, da Metro.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

4.ª Fase

São as seguintes as condições para a participação no mesmo:

- 1) O prazo para o quarto concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de maio.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dots, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos órgãos internos



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campoa
ALIMENTA A PELA — CONTRA AS RUJAS
A VENDA EM TODA A PARTE



- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, seriedade, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Roberto Lyra Filho, Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do quarto trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos tem como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o escritor jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1 de junho de 1946 será iniciado o 5.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAMSE RECENTES ME-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS. RELÓGIOS. BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



AO TOQUE DA SINETA — As 5,30 horas da manhã, a sineta do internato da Escola de Enfermeiras Ana Néri toca a alvorada. Todas as alunas se levantam, vestem-se rapidamente, aprontando-se para o início de um novo dia de longos trabalhos e estudos severos. Como nos grandes colégios universitários americanos, não há ali dormitórios coletivos. As alunas dormem em quartos de três e quatro camas cada um. Aqui estão três moças, vindas de três distintos Estados da União, que se conheceram na escola, travando uma camaradagem de irmãs. O seu dia começou. Enquanto uma calça os sapatos, outra dá corda ao relógio e a terceira procura um alfinete para prender o avental.

EM TRINTA MINUTOS — Das 5 às 3,30 da manhã a aluna deve fazer a "toilette" completa, para apresentar-se no refeitório do internato já uniformizada e pronta para o serviço. As aulas práticas e teóricas ocupam todo o seu dia. Eis aqui uma moça apressando-se em escovar os dentes para não perder a hora do café matinal.



INTERNATO PARA MOÇAS

**UMA VISITA À ESCOLA ANA NÉRI — UM COLÉGIO UNIVERSITÁRIO
TOMA O LUGAR DE UM HOTEL — TRÊS CAMARADAS QUE SE CO-
NHECERAM NO INTERNATO — WILL DURANTE E TESTUT
CONFUNDIDOS NUMA ESTANTE — ALMOÇO ÀS SETE**

ANTIGAMENTE aqui era o morro. O moror da Viúva. A grande elevação se adiantava pela borda da baía e marcava, para além do Flamengo, o fim de um promontório verde, que era o princípio de Botafogo.

Depois vieram as dragas mecânicas e os grandes condutos de água e o morro foi afastado. Da curva da Amendoeira saiu uma larga avenida, no rumo do mar.

O lugar é lindo. Viram os homens de negócio que havia uma grande semelhança entre a curva serena da praia e a Côte d'Azur e resolveram edificar um hotel na encosta da montanha. O prédio foi levantado. Mas, por circunstâncias diversas, o hotel nunca chegou a ser instalado.

E um dia apareceu na fachada do edifício esta legenda:

"ESCOLA DE ENFERMEIRAS ANA NÉRI"

E o edifício povoou-se. Formas azuis e formas brancas movimentavam-se pelas varandas e pátios, desciam em fila pelas escadas, enchiam os vastos salões. Daquilo que

fôra construído para um hotel de luxo, se fizera uma escola feminina, um internato para moças.

Já se vão muitos anos. Milhares de enfermeiras que prestam serviços hoje em todo o Brasil e mesmo em alguns pontos do estrangeiro, passaram por este internato. No entanto, o público do Rio de Janeiro, um dos maiores beneficiados pelas "nurses" instruídas naqueles estabelecimento, ignora completamente o que se passa no interior do velho hotel.

Só se tem notícia da vida das moças da Escola Ana Néri quando sai do prédio um ônibus lotado de alunas, no rumo dos hospitais onde elas tomam suas aulas práticas, que formam a base de seu aprendizado na espinhosa missão a que se destinam.

Quando o vento da madrugada agita as árvores da curva da Amendoeira, e a neblina sobe do mar para a praia, as moças da Escola Ana Néri deixam o internato da avenida Rui Barbosa e iniciam o seu penoso dia de estudos e trabalhos ininterruptos. Grandes ônibus esperam-nas à porta. E elas lá se vão, para os hospitais e os anfiteatros, metidas

dentro dos uniformes azuis, como a própria personificação do desprendimento e da bondade.

A saída dos ônibus é a única notícia que o mundo exterior tem do que se passa no interior do casarão. No entanto muitos milhares de brasileiros devem a vida àquele internato para môças, onde duas centenas de mulheres abnegadas, muitas das quais mal saídas da adolescência, se privam de todos os prazeres mundanos, para se entregarem de corpo e alma aos sagrados deveres da enfermagem.

E' a vida dessas mulheres excepcionais que vamos revelar hoje aos leitores, através da reportagem que colhemos no internato, tentando, na maneira do possível, reproduzir com exatidão e clareza tudo o que nos foi dado ver e ouvir no interior do velho hotel.

COLÉGIO UNIVERSITÁRIO

A Escola de Enfermeiras Ana Néri está hoje diretamente ligada à Universidade do Brasil, constituindo as suas aulas um curso superior apurado, ao qual só é permitido acesso às môças que cumprirem uma certa quantidade de requisitos indispensáveis, entre os quais se compreende a apresentação de uma prova de conclusão do curso secundário.

Por aí se vê que mais valor têm ainda as môças que se matriculam no estabelecimento. Ser-lhes-ia fácil e compensador um curso de medicina. Uma matrícula na Escola de Direito lhes satisfaria melhor a vaidade e o snobismo. Um curso de engenharia traria para tôdas maiores vantagens pecuniárias. Mas o curso de enfermagem que favores lhes poderá trazer? Apenas muito trabalho, o trabalho ingrato das longas noites de vigília forçada, passadas às cabeceiras dos leitos de hospital, tentando afastar a morte, que ronda ameaçadora a enfermeira. Para elas está reservado o suplício agonizante dos aparelhos de anestesia, cujos ponteiros marcam a transição enervante do desmaio para a vida, ou a viagem silenciosa da vida para a morte. Depois de três anos de estudos e canseiras, elas terão apenas como prêmio os plantões lentos ao pé dos quadros de chamada, à espera angustiosa de um toque que as chame ao quarto de um agonizante. Para elas estará reservada no futuro a tarefa de atender a todos os que sofrem e mitigar a dor de todos os infelizes.

No entanto, para se entregar a êsses duros mistérios, aos quais a maioria das mulheres, por falta de coragem ou por falta de abnegação, é inteiramente adversa, essas môças cursam durante três longos anos um colégio universitário, e durante três longos anos se prendem a um internato, cuja disciplina rígida não pode ser quebrada num mínimo sequer.

DUZENTAS E TANTAS MÔÇAS

Não queremos, nesta reportagem, discutir sobre os préstimos da enfermeira, ou estudar os inestimáveis serviços prestados à coletividade pelas discípulas de Ana Néri. Teremos ocasião de falar nisso. O presente trabalho entretanto foi elaborado com o fito exclusivo de mostrar ao público como é a vida de um internato para môças, através de uma visita feita ao nosso único colégio universitário que mantém um internato, e que é, por outro lado, a única escola da Universidade do Brasil destinada exclusivamente às mulheres.

Foi-nos dado percorrer detalhadamente as dependências do Internato da Escola Ana Néri, onde aprendemos muita coisa a respeito de enfermeiras e onde ficámos conhecendo duzentas e tantas môças, môças no íntimo iguais a tôdas as outras môças, mas que por muito tempo abandonaram tôdas as



QUARTO DE ESTUDANTE — Na foto acima vemos três companheiras de quarto dando os últimos retoques em suas "toilettes", para se apresentarem no refeitório da Escola. Em baixo, a mesa de seu pequeno dormitório. A delicadeza feminina mostra aqui os seus traços nos bonequinhos e bibelots que enfeitam o móvel. Mas a condição de estudantes de enfermagem das ocupantes do quarto é lembrada pelo tratado de microbiologia que domina tudo com a sua presença assustadora.



IRMAS DE CARIDADE — Entre as alunas da Escola de Enfermeiras Ana Néri encontram-se algumas irmãs católicas, que aprendem junto com as outras môças a humanitária ciência de curar. Elas não têm, entretanto, com as outras alunas uma vida comum, sendo-lhes destinados quartos e salas em separado. Mas isto não impede a boa amizade entre elas, e são as irmãs que muitas vezes auxiliam as môças em seus afazeres estranhos aos trabalhos da casa. Aqui está uma religiosa emprestando uma agulha à sua colega.





suas predileções e todos os seus gostos fúteis, para se dedicarem a um trabalho sério, que lhes toma as horas tôdas do dia e, não raro, tôdas as horas da noite. Algumas dessas môças são adolescentes, cândidas, mal saídas da infância e que no entanto, junto com as colegas mais velhas, compenetradas de sua missão sagrada, atravessam sorrindo os dias longos de serviço pesado e as noites intermináveis de plantão, em contacto com as misérias mais duras e os dramas mais dolorosos.

Para elas, que muito cedo trocaram os contos de Grimm e os romances de Deli pelos grossos compêndios de Patologia, o câncer é uma realidade palpável, e a tuberculose é um processo de infecção que poderá ceder a este ou àquele método de tratamento. Nenhuma dessas meninas ignora o que seja uma peritonite. Para elas, uma criança que nasce, longe de ser um bebê de porcelana engraçadinho e feito para deliciar os olhos das visitas, representa muitas vêzes o suplício doloroso de um mulher, a que elas atenderam com solicitude e carinho. E o novo sêr que veio ao mundo é mais uma vitória para o seu cartel. Essas garotas de dezessete anos que abandonaram o "footing" e a "matinée" semanal para ingressar na Escola Ana Néri, bem cedo compreenderam a dura realidade da vida, foram muito jovens ainda ao encontro da dôr e da miséria que mora nas grandes enfermarias dos hospitais públicos.

São duzentas e tantas môças, que congrega o Internato da Escola Ana Néri. Duzentas môças já sem nenhuma ilusão, mas cheias tôdas de entusiasmo pelo seu trabalho que, se apresenta para o público a beleza do desprendimento de um sacerdócio, para elas mostra porém a outra face, a face feia da medicina, um mapa horripilante onde se gravam tôdas as linhas das degenerescências patológicas.

A MISSA DOMINICAL

Estivemos na Escola Ana Néri num domingo. Chegámos pela manhã, quando se rezava a missa na capela do estabelecimento.

As alunas, de joelhos, rezavam em voz baixa. Pediam a Deus alívio para as dôres dos seus doentes, pediam a Deus pelas almas de seus mortos.

O côro entoou um canto de glória. Um frêmito de esperança percorreu tôda a sala. E pouco depois, com um toque de campainha, deu-se fim ao ofício religioso.

Deixaram a capela as alunas, vestidas à paisana, conversando em voz alta e divididas em grupos numerosos. Vendo-as assim, vestidas como qualquer môça do Rio de Janeiro, ninguém poderia adivinhá-las enfermeiras ao serviço do Brasil.

Sim. Elas são môças como as outras, têm paixão pelos bailes, gostam de música e de poesia, de esportes e de cinema. Justamente por isto é que maior valor têm o seu desprendimento e a sua abnegação. O sacrifício de se privarem de seus gostos mundanos é outra corôa de louro que lhes enflora as cabeças.

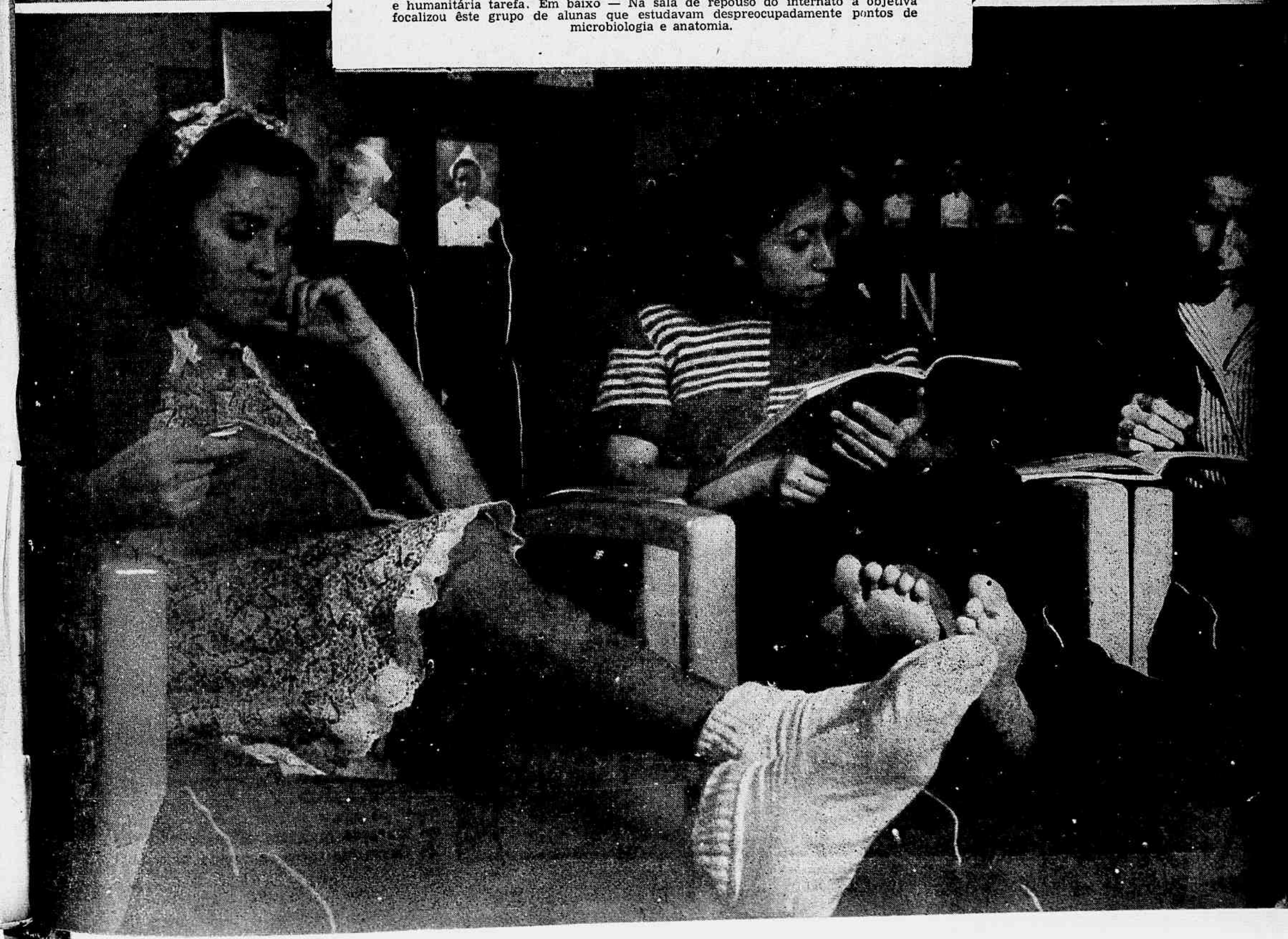
Foi assim que vimos pela primeira vez em conjunto as môças da Escola Ana Néri. Um conjunto de senhoritas alegres que conversavam sobre os mais diversos temas e comentavam os mais vários assuntos.

À saída da missa, ouvimos as suas conversas e pudemos adivinhar que elas tratavam de tudo — política, literatura, arte, filosofia — mas procuravam tôdas esquecer o assunto obrigatório dos seis dias de sua semana de trabalhos e estudos: doença.

AOS DOMINGOS — Eis aqui um aspecto do refeitório do internato durante o "de jejum" de domingo. O sétimo dia da semana assinala o descanso das alunas. Depois da missa elas se dirigem ao refeitório antes de saírem para os passeios dominicais. Mas muitas alunas permanecem na Escola, de plantão, afim de atender a qualquer exigência dos trabalhos nos hospitais a que servem.



TRABALHO E REPOUSO — Ao alto da página aparecem várias alunas da Escola de Enfermeiras Ana Néri, quando subiam as escadas do internato, depois de um dia de aulas tomado todo por explicações teóricas e aprendizado prático da sagrada arte de curar. As moças voltam cansadas mas alegres de sua espinhosa e humanitária tarefa. Em baixo — Na sala de repouso do internato a objetiva focalizou este grupo de alunas que estudavam despreocupadamente pontos de microbiologia e anatomia.





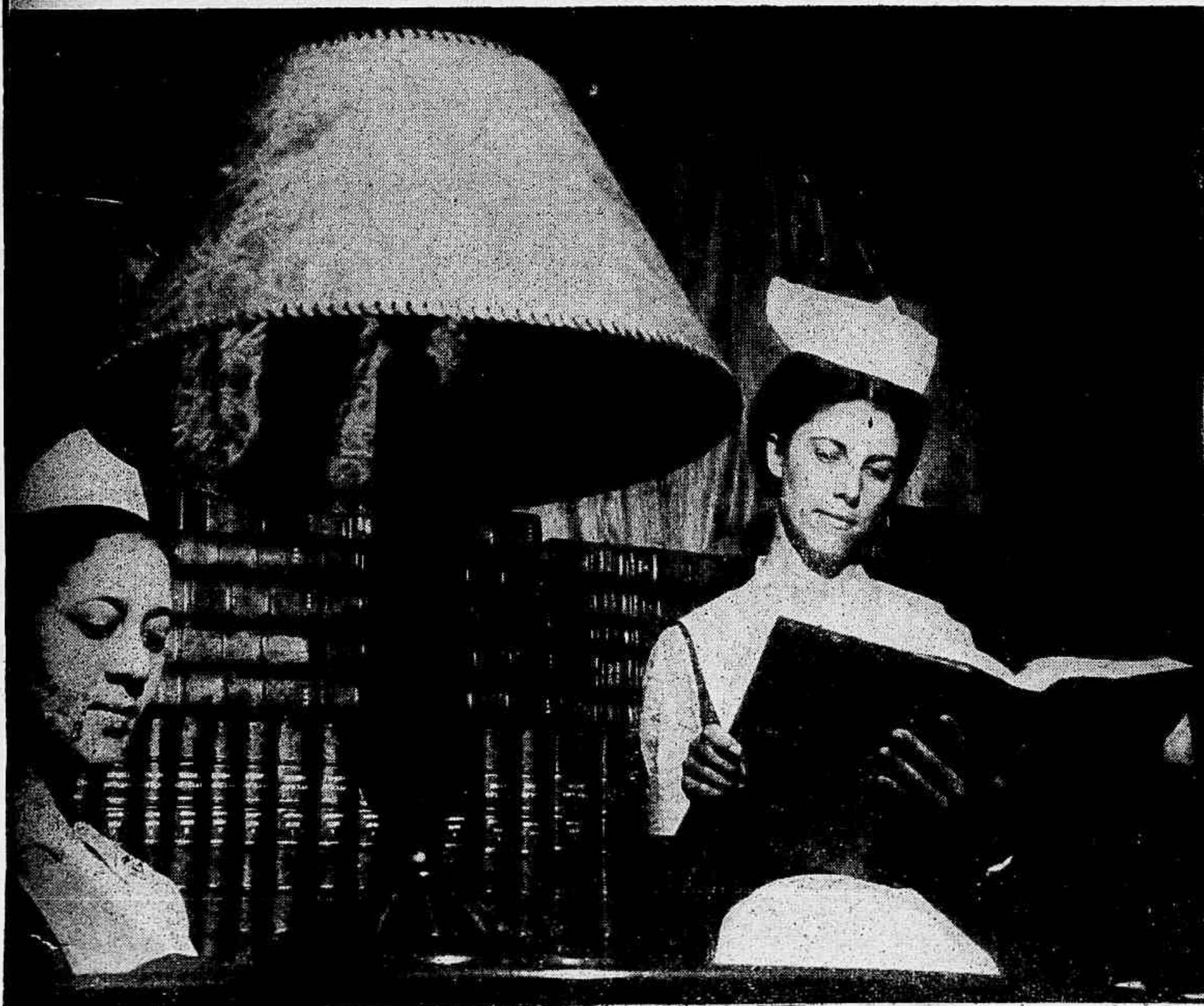
CORRESPONDÊNCIA — A chegada do carteiro assinala sempre um movimento de correria na escola. As alunas se enfileiram junto ao guichet da portaria, ansiosas por receberem notícias de casa. A porteira vai distribuindo o que veio. Todas as notícias, boas ou más, passam pela sua mão. Muitas mães saem desiludidas, com as mãos vazias. Mas para outras a chegada do carteiro é motivo de grande alegria. Vieram notícias de longe, dos parentes que ficaram no Estado natal...

O DIA DE UMA FUTURA ENFERMEIRA

Atendidos delicadamente pela diretora da Escola, percorremos demoradamente todas as dependências do Internato. Era domingo, mas a doença não respeita a lei do descanso

semanal. E quando há doentes deve haver enfermeiras. Por isto permaneciam no Internato, num plantão dominical, várias mães. Em conversa com elas, pudemos nos inteirar de todos os detalhes de seus trabalhos e tomar conhecimento do que representa

NA BIBLIOTECA — Duas alunas foram surpreendidas pelo fotógrafo quando se encontravam na biblioteca, consultando livros técnicos sobre as complicadas matérias que constituem o curso de enfermagem. Não há no internato uma hora destinada obrigatoriamente ao estudo. Mas quase todo o dia das mães é ocupado pelos seus deveres escolares, pois os exames são duros e as aulas práticas requerem uma longa e perfeita preparação teórica.



para elas o seu longo dia de trabalhos e estudos.

A vida no Internato começa às cinco e meia da madrugada. Ao toque da sineta, todas as alunas se levantam. Rapidamente, fazem a sua "toilette" matinal. O horário é duro e exigente. Meia hora depois, devem estar todas já uniformizadas e envergando o avental branco, no refeitório da Escola, para a primeira refeição.

No inverno, a neblina que sobe do mar cobre todas as coisas do exterior. Para além é o mar. Mas o mar se perdeu dentro da névoa. E a Urca é apenas uma ilusão sumida por trás da cortina espessa e cinza. A única realidade para as mães são os ônibus que as esperam à porta, implacáveis e frios.

E em fila indiana, vão todas entrando nos carros, movendo-se dentro do nevoeiro como fantasmas brancos. A saída das alunas do Internato faz lembrar em tudo o embarque dos soldados da infantaria auto-transportada para o "front". E, não fôsse o medo do lugar comum, poderíamos repetir aqui a comparação velhíssima: soldados do bem, embarcando para a luta diária contra os bacilos, os cocos e os protozoários.

E assim começa o dia da estudante. As horas que se sucedem marcam o desenrolar dos estudos demorados, as longas explicações de anatomia e patologia, os trabalhos dos hospitais, as explicações teóricas.

De um hospital para outro, de uma sala de aulas para nova sala de aula, o dia se consome nesse mister ininterrupto e constante.

As duzentas e tantas alunas da Escola Ana Néri são mães iguais a todas as mães do mundo. Gostam de cinema, de teatro, de rádio. No entanto não é ao cinema, ao rádio e ao teatro que dedicam os seus dias e as suas noites. Para elas o dia é um dever e a noite é uma obrigação. Mal completados os seis meses de seu período de preparação teórica e de aprendizado de adaptação, começam os trabalhos práticos, que formam a base da formação de uma boa enfermeira.

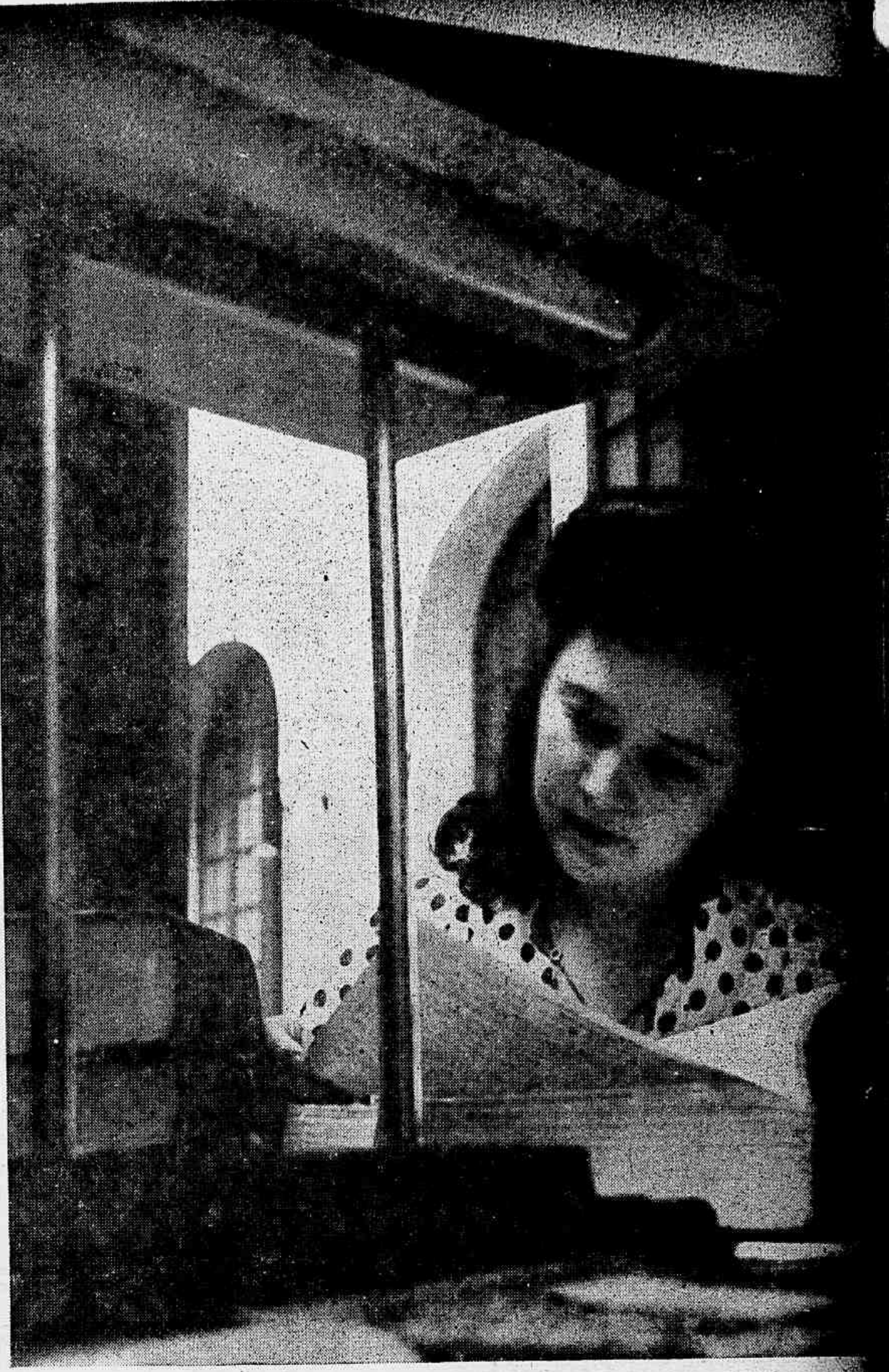
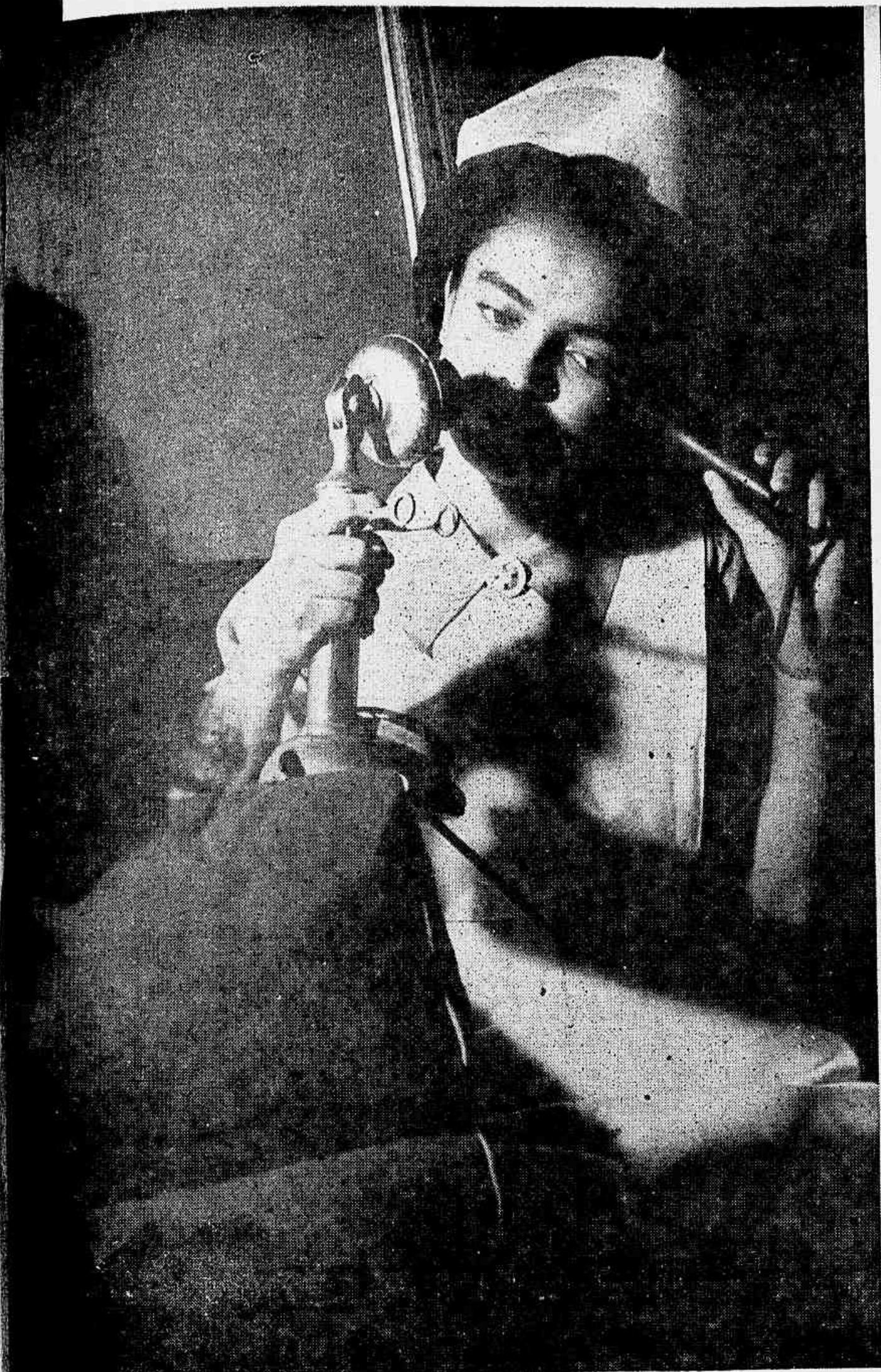
Das duzentas e tantas alunas da Escola Ana Néri, nenhuma deixou de assistir às dissecações anatômicas realizadas nos anfiteatros téticos. No entanto, acostumadas com todos os espetáculos de dor e de tragédia, voltam as mães à tarde ao Internato, para a vida de família, pois as discípulas e as mestras formam uma grande família, que se reúne no velho casarão, nos raros minutos de descanso que lhes dá o tempo.

TRÊS CAMARADAS

No internato para mães, os dormitórios ocupam o segundo piso do edifício, justamente onde se localizariam os quartos do grande hotel de turismo. Em vez dos gordos magnatas vindos de Monte Carlo e de Chicago, moram aqui mães originárias dos mais distantes rincões do Brasil, que vieram ter ao Rio para, ao fim de um curso cansativo e trabalhoso de três anos, fazerem jús ao diploma que lhes assegurará trabalho em qualquer hospital do território pátrio.

Não há dúvida. As alunas e as mestras da Escola formam uma grande família. E os laços que unem todos os seus membros são ainda mais apertados pelo sentimento de solidariedade humana, que é o traço característico dessa numerosa irmandade.

Num dos quartos do Internato moram três alunas. Três mães cujas idades variam entre 19 e 23 anos. Podiam ser irmãs. E agora realmente o são. Vieram de lugares distantes — uma nasceu lá para os lados de Obidos, onde as águas se confundem com a terra e os igarapés invadem as matas; a segunda é do Ceará, da terra castigada pelo sol tirano,



"ALÔ, MUNDO EXTERIOR!" — Muito raramente é permitido às alunas da Escola Ana Néri comunicarem-se com o mundo exterior pelo telefone. Só mesmo em caso de premente necessidade as môças conseguem uma ordem neste sentido. Aqui está uma aluna falando a um parente que chegou de sua terra natal, trazendo notícias da família. A alegria que as notícias trouxeram, não conseguiram apagar a expressão de saudade nos olhos da menina.

VERDES ANOS — Dezesete anos... Menina-e-môça. O que estará lendo, assim tão absorvida pelo volume pesado e massudo? Um livro romântico? Uma história de fada? Não. Apesar de seus verdes anos, esta garota consulta com interesse as complicadas explicações sobre artrologia num livro de Testut. Outros três volumes repousam sobre a mesa, esperando a sua vez de ser também folheados.

que torra as plantações e faz dos pastos um forno crematório para o gado flagelado; a última das ocupantes do quarto é da Paraíba, e tão môça ainda que já não tem memória dos acontecimentos de Princesa. Três meninas de terras distantes, que vieram se conhecer na Escola. No entanto, desde o primeiro momento de convivência uma grande camaradagem as uniu. Terminaram por gostar das mesmas coisas, leram os mesmos livros, viram juntas os mesmos filmes e, quando deram fé, defendiam tôdas os mesmos pontos de vista.

O quarto é um quarto de môça como muitos. Três camas, uma mesinha. Sobre a mesa bibelots, enfeites femininos, púcaros, almofadinhas de alfinetes... Tudo revela aqui a delicadeza da sensibilidade da mulher. Mas, de repente, o nosso olhar cai sobre um tratado de microbiologia, que domina tudo com a sua presença assustadora. A condição de estudante de enfermagem não pode ser esquecida um minuto pelas alunas. Dentro do próprio recolhimento do quarto de dormir tudo é dominado pela invisível presença do dever.

Mas nos raros minutos de descanso as môças aproveitam bem o seu tempo. E' isto o que nos revelam os livros enfileirados na pequena estante das moradoras do quarto. Lá estão vários romances. Mas não são êstes os romances de môças fúteis, que se aprazem com a leitura de histórias sentimentais. As próprias poesias que formam parte da pe-

quena biblioteca, são sérias e eruditas. Castro Alves e Milton se misturam.

A um canto da estante, tratados científicos e filosóficos. Li Yutang e Will Durante.

Assim vivem as môças da Escola. Essas que moram no quarto que descrevemos, são hoje três antigas camaradas, quase três irmãs. Vão juntas aos seus passeios, juntas estudam as matérias dos exames. A agulha e a linha de uma delas servem para coser a roupa de tôdas. Têm tudo em comum no quarto.

Quando deparámos com a "História da Filosofia" na estante, perguntámos curiosos:

— De quem é êste livro?

— Meu — respondeu a amazonense. — Mas nós tôdas já o lemos. E gostámos.

A IMAGEM DA DEDICAÇÃO

Há entretanto no Internato algumas alunas que não participam da vida da grande família. São irmãs de caridade que vieram do interior aperfeiçoar-se na humanitária arte de curar. Para estas, o mundo exterior não existe.

Os seus quartos estão situados em separado, as suas refeições são feitas em lugares que lhes são reservados. A vida dessas irmãs é uma sequência de sacrifícios e abstenções, a que elas se entregam sorridentes, sem uma palavra de lamúria, sem um gesto de revolta.

Se não participam da vida mundana das outras alunas, com elas executam entretanto todos os trabalhos e com elas se entregam aos mesmos estudos cansativos.

Vimo-las atravessar os corredores exten-

sos do Internato, silenciosas e humildes, trancadas nos hábitos escuros, pisando de leve sobre o tapete, como se os seus próprios passos pudessem incomodar alguém.

E assim caminham elas dia e noite, pelos corredores dos hospitais, levando alívio onde há dôr, levando consôlo onde há pranto. Silenciosas como sombra, solícitas como as próprias imagens da bondade.

Para estas irmãs de caridade, a vida do Internato se resume em aprender e trabalhar. Para elas não existem os direitos que assistem às outras alunas, dos quais abriram mão, pelo próprio voto religioso. Os deveres que lhes pesam sobre os ombros são entretanto maiores e mais duros.

Mas a resignação é a sua arma de resistência...

VISITAS

Tivemos ocasião de presenciar, no Internato da Escola Ana Néri, uma dos momentos mais felizes da vida das alunas: a recepção de visitas.

O salão de visitas é vasto e confortável. Como se fôra a sala de visitas de uma família extremamente numerosa, ela ocupa uma grande área da parte fronteira do edifício. Está localizada justamente na peça reservada ao salão nobre do hotel.

O mobiliário da grande sala divide-se por grupos. Ao fundo um piano, onde se recebe de vez em quando a visita de Chopin e Beethoven. E nos grupos estofados sentam-se as alunas com os parentes que vieram de

fora, ansiosos por se pôrem ao par das notícias que êles lhes trazem dos lares distantes.

Aos domingos são numerosas as visitas. Em todos os grupos um zum-zum intenso marca o interesse das palavras esperadas durante muitos dias. Todos os conhecidos e amigos que vieram de longe, com a incumbência de levarem às môças notícias de suas famílias, aproveitam o dia de descanso para a visita à Escola.

E o vozerio abafado vai se aumentando aos poucos. Dentro de pouco tempo as conversas formam um todo confuso e indistinto, do qual nada percebe o observador.

Cada aluna porém bebe as palavras das amigas que lhe contam coisas dos lares distantes, perdidos nas distâncias incomensuráveis das matas amazônicas ou das caatingas cearenses.

E durante alguns minutos a saudade invade a sala, até que os acordes do piano vêm trazer para a música os sentidos de todos. Uma môça executa um trecho romântico que toma conta da sala, sai pela janela, confunde-se com a neblina que anda lá fora...

ALMOÇO AS SETE

Saimos da sala de visitas para voltarmos ao andar superior. Ao pasarmos pelo refeitório, eram sete horas da manhã e três môças, envergando o uniforme da escola, almoçavam, sentadas à volta de uma mesa redonda.

Como estranhássemos que a refeição se realizasse àquela hora, a professora que nos servia de cicerone explica-nos:

— Para estas, a noite começa agora. Elas vêm do serviço noturno e precisam almoçar já, para que possam dormir depois.

Deixámos no refeitório as três alunas, que terminavam apressadamente o seu almoço das sete horas, para poderem dormir durante a manhã o sono que lhes fôra tomado de noite, pelo trabalho cansativo do plantão, nos hospitais da Cidade.

No andar superior, tivemos que andar nas pontas dos pés, para não acordar outras môças que repousavam àquela hora, recuperando as forças dispendidas nos serviços noturnos.

DESCANSO

Enveredando por corredores compridos, chegámos por fim a uma sala quadrangular, que serve de salão de repouso para as alunas. Ali descansavam àquela hora várias môças, estendidas em "chaise-longues" vermelhas.

Um silêncio profundo reinava na sala. Todas as alunas liam despreocupadamente os seus autores prediletos. Poesia, romance, filosofia...

A um canto, uma menina de 17 anos, que não conseguira apreender as lições teóricas do sábado, se encontrava empenhada em decifrar as longas explanações sobre o valor das vacinas. Olhámos o livro e vimos que ela se lançava com tôdas as forças no estudo de um capítulo que falava da "imunidade adquirida ativa". Não quisemos ver mais. Retirámo-nos para o corredor.

E foi então que passaram por nós, correndo na direção da portaria, tôdas as alunas que se encontravam no Internato.

Era a hora da distribuição da correspondência. A hora mais ansiosamente esperada pelas alunas.

A hora mais feliz do Internato para môças...

ALMOÇO AS SETE — São sete da manhã e duas enfermeiras almoçam. Quando o dia desperta para o mundo, começa o seu período de repouso. Vieram dos hospitais, da longa noite de trabalhos exaustivos à cabeceira dos doentes, tentando afastar a morte dos leitos brancos. Agora, depois de um almoço ligeiro, recolhem-se ao leito. O dia não existirá para elas.

VISITAS — Nas salas de visitas do Internato as môças recebem os seus parentes e conhecidos. Apesar da disciplina rigorosa do estabelecimento, reina ali grande alegria. A um canto do salão, um piano fornece Beethoven e Chopin às famílias das alunas nos dias de visita. As garotas esperam ansiosamente pelos parentes, e as suas visitas têm para elas a significação de grandes acontecimentos. O nosso fotógrafo conseguiu apanhar o flagrante abaixo, durante a visita que fizemos à Escola Ana Néri num domingo pela manhã.





Ao alto — A Guarda Republicana desfila diante do Arco do Triunfo, em torno do qual foram depositados os esquifes de 15 heróis mortos da Resistência, da F. F. I., dos deportados, dos fuzilados e das forças armadas francesas.

Ao lado — Desfile dos alunos da Escola Politécnica diante do Arco do Triunfo.

PARIS 1945

Por EDOUARD HELSEY

(Copyright do Serviço Francês de Informação)

O bloco da folhinha decresce rapidamente sob o dedo. Dezembro já se está afastando cada vez mais. A entrada do novo ano convida-nos a classificar num album de recordações as imagens carimbadas pelo ano que finda.

Paris. Surge 1946. Esperamo-lo de coração confiante. Mas antes de virar a página, de arrancar a última folhinha e de deixar para trás o Paris de 1945, como não dirigir o pensamento para os meses que passaram?

1945! É, sem dúvida, a fisionomia empalidecida de um convalescente, apenas curado de doença mortal, que essa data evocará no espírito dos que gostam de Paris.

Convalescença lenta, difícil, dolorosa. A alegria de se ver salvo ampara o enfêrmo, às vezes exalta-o, dá-lhe, por um instante, a ilusão de plena saúde, mas, fisicamente, sua fraqueza é profunda e continua a paralizá-lo em grande parte.

A cidade do bom humor, do espírito sutil, do sorriso, ainda não tornou a encontrar sua completa alegria.

Por certo as fisionomias não têm mais essa máscara de amarga impassibilidade, que durante quatro anos dissimulou ao ocupante o ódio provocado por sua presença.

O fim da guerra, o esmagamento do invasor trouxeram, além de imenso alívio, a mais fecunda renovação da esperança. Mas a realidade era dura. Foi preciso subir, passo a passo, um longo declive escarpado, exaustivo. As condições econômicas da existência melhoram, embora de modo insensível. Paris não podia tornar achar sua proverbial alegria numa França ainda submetida, dezesseis meses após a Libertação a um regimen alimentar insuficiente.





Vista de Etoile na manhã de 11 de Novembro. Os 15 ataúdes dos heróis mortos pela França são depositados em torno do Arco do Triunfo.

E chegou o inverno... Vendo, ao acordar, os vidros das janelas recobertos de neve, o parisiense pensou nos meses que tinha de passar sem aquecimento. Vestia-se no escuro. Havia falta de eletricidade. Não se encontra-

vam nem velas nem gasolina. As crianças partiam para a escola sem os "pull-overs" de lã, tão necessários nessa estação. A mulher não usava "manteau" nem meias; o homem calçava tristemente sapatos deformados

e não podia deixar de sonhar com a volta à normalidade.

★

Entretanto, passeando pela cidade, toda essa miséria não aparecia em sua espantosa realidade. O engenhoso pudor da população fazia guardar uma aparência decente, Paris enrijecia-se afim de conservar o garbo.

As tristezas de todo o dia, os constrangimentos generalizados, e mesmo as aflições, não atingiram o moral. Grandes dias de entusiasmo nacional provaram inúmeras vezes que essa França, tão profundamente posta à prova, não perdera a consciência da própria força e continuou a crer no seu grande destino.

Verificou-se isto a 11 de novembro último, durante as piedosas cerimônias que reuniram toda a população de Paris em volta dos quinze ataúdes simbólicos, dos quinze heróis da guerra aberta ou clandestina, que pairam nos campos de concentração, de batalha ou os pelotões de fuzilamento.

Paris reiniciou o trabalho corajosamente. As artes e as letras, sufocadas por longa opressão, tornaram a florescer, maravilhosamente. Grandes vozes que se tinham imposto o silêncio, fazem-se novamente ouvir. O "existencialismo", embora algo pueril, prova que a literatura de hoje ainda está cheia de seiva. Apareceram grandes obras teatrais, cheias de idéias.

As condições de miséria que descrevemos acima, representam a dura realidade de 1945 e a de 1946, embora algo melhoradas. Pois são lentas e pequenas as melhoras. Grandes são, porém, o entusiasmo do povo francês e a coragem com que enfrenta o após-guerra. E' que ele sabe estar-se construindo a nova França. A França que todos sonham: rica, forte, justa e feliz.

Homenagem aos professores e alunos da Academia de Paris mortos pela França e pela Liberdade. Vista tomada durante a cerimônia realizada na Sorbonne, quando falava Mr. Roussy, reitor da Academia de Paris.





TIA CANDOCA

Conto de ALVES BORGES
Ilustração de MIGUEL H.

DENSAS nuvens cobriam a Mantiqueira. Desde cedo avolumava-se enorme massa negra por trás da serra, caminhando lentamente em direção ao norte. Pássaros voavam atarantados e o gado mugia, inquieto, presagiando tempestade. Multiplicavam-se os mosquitos que, zumbindo, irreverentes, invadiam os casebres, aguçando o ferrão, ávidos de sangue. Um vento fresco principiava a soprar, amenizando o calor sufocante.

Sinhá Bela, de mãos nas cadeiras, contemplava a escura mancha, como adversário que vê avançar o inimigo e que no entanto sente-se impossibilitado de reagir. A brisa perpassava-lhe pelos cabelos, como que debochando. Sinhá Bela tirou do bolso da saia a travessa de celulóide e passou-a pelos cabelos, juntando-os na nuca. Em seguida foi ajudar o marido a colher batata doce e feijão na humilde horta. Arrancava as raízes e as vagens ainda verdes, pois, segundo previa, teriam chuva para uma semana ou mais. Passada a tempestade, o roçado transformar-se-ia num chavascal; nada se aproveitaria e seriam obrigados a reiniciar a tarefa. Enquanto não brotassem e crescessem as sementes tratariam nova luta contra privações, hospedariam novamente a fome.

Indo ao cercado, chamou os filhos e mandou que se reunissem no casebre, um barraco de terra batida, frágil, rodeado de mato e plantas daninhas. Logo após entrou, seguida pelo marido, carregando ambos braçadas de provisões.

— E tia Candoca, mãe? — inquiriu um dos pequerruchos, que se arrastava pelo chão imundo.

Tocara no ponto sensível, na circunstância que o casal fingia

ignorar. Tia Candoca! Por que lembrar-se de tia Candoca? Encararam-se, ambos, confusos, sentindo-se culpados, receiando exteriorarem os pensamentos e, ao mesmo tempo, obrigados a curvarem-se às circunstâncias.

Tia Candoca fôra à vila fazer compras. Ainda não regressara. Velha, trôpega, vinha, sem dúvida, arrastando-se pelo caminho. E aproximava-se a chuva; a tempestade rebelde que tudo inundava, arrazando as plantações, trazendo consigo a fome e a morte. As provisões eram poucas. Raízes e vagens verdes. Tia Candoca era velha. Alimentava-se de papas. Como cuidar daquele estôrvo? Que não te-

(Continua na pág. 41)

CLASSIFICADO NO
CONCURSO DA
"REVISTA DA SEMANA"

TEATRO



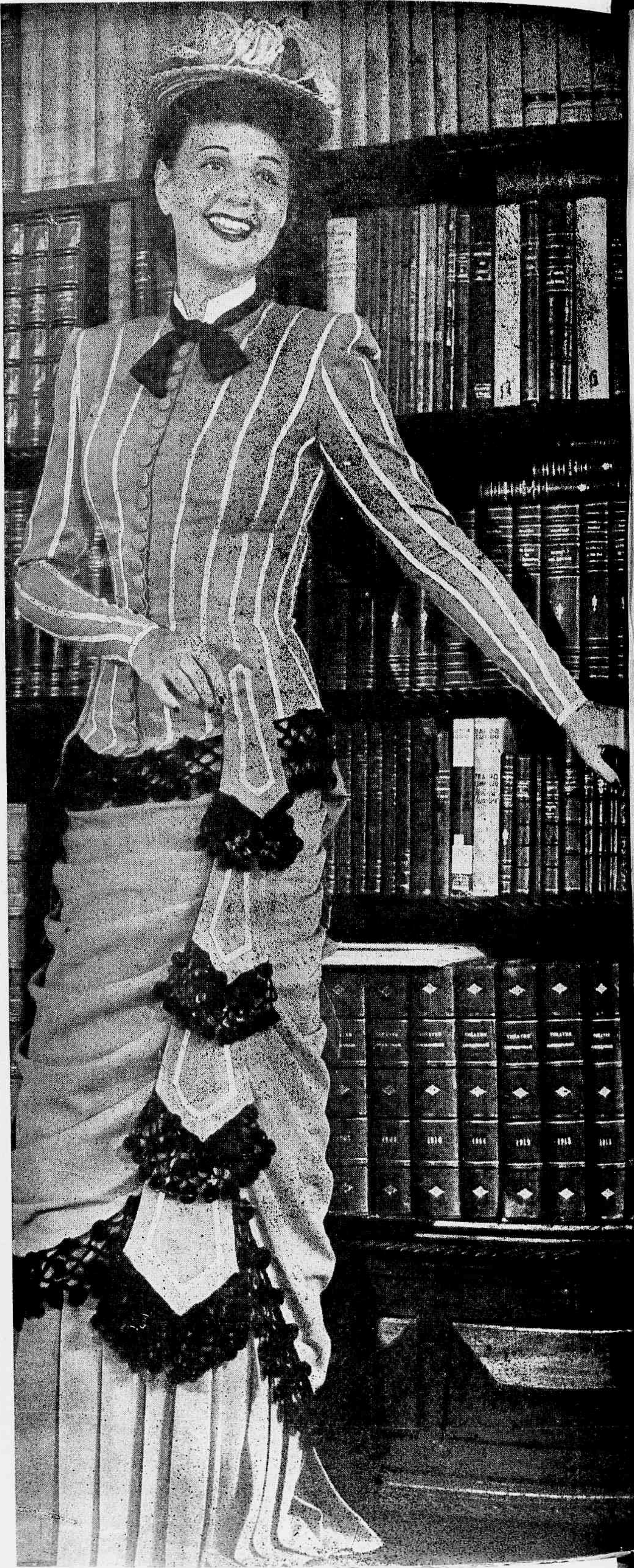
1 **SOGRO E GENRO** — O reverendo James não concorda com os métodos empregados pelo seu sogro John em seus negócios. E por várias vezes o adverte contra a sua ação desonesta no comércio. Ai estão eles empenhados em discussão. O sogro ouve as admoestações do genro sem poder contradizê-lo.

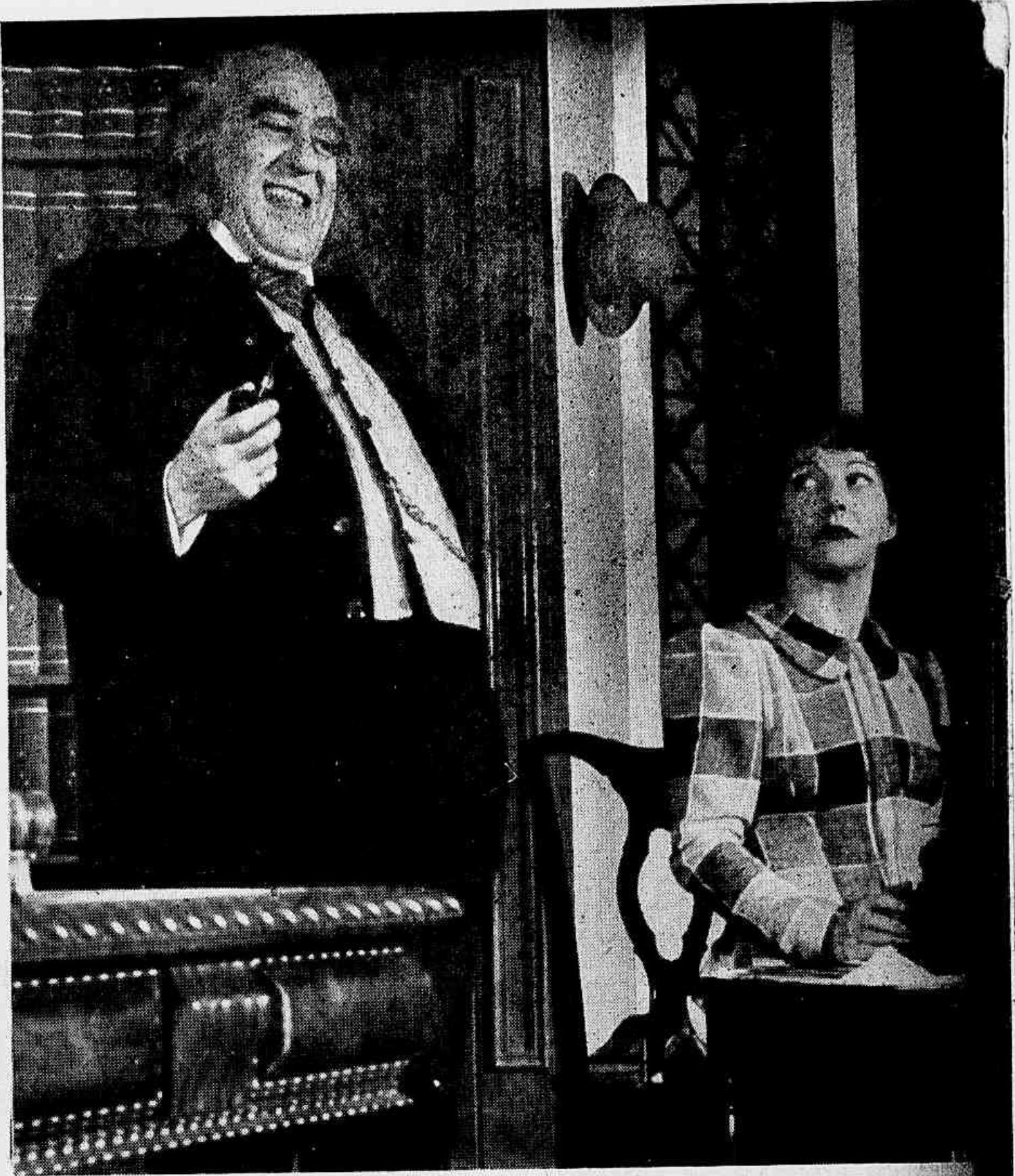
CANDIDA

Levada à cena por Eva e seus comediantes, estreia há pouco no Serrador a peça "Candida", uma das mais antigas criações teatrais de George Bernard Shaw, que conta a história da esposa de um paroco dos subúrbios de Londres. A peça desenvolve-se em torno da amizade de Candida por um jovem poeta recolhido pelo pastor à sua residência quando, desesperado, tentava suicidar-se. A trama do enredo gira toda em torno do amor de Candida pelo rapaz, que ninguém pode afirmar ser um afeto maternal ou mesmo uma paixão carnal. O epílogo porém revela que Candida não tinha por Eugenio — assim se chamava o rapaz — senão uma amizade platônica muito acentuada.

Assim se distribuíram os papéis de "Candida": Reverendo James, André Villon; Miss Proserpina, sua secretária, Elza Gomes; Reverendo Alexandre, coadjutor do paroco, Armando Braga; Mr. John, pai de Candida, Afonso Stuart; Candida, Eva Todor; Eugenio, Artur Costa Filho.

2 **CANDIDA** — Candida chegou e o reverendo James carrega para dentro as suas malas. O coadjutor Alexandre quer também prestar os seus serviços à senhora do amigo e pede para ajudá-lo a carregar a grande valise. Ao lado, Candida, numa de suas atitudes características, na biblioteca do marido,





3 A CENA DO CIUME — Tão forte é a paixão de Eugenio por Candida, e tão impetuoso é ele que num acesso de coragem revela tudo ao reverendo James. Este, cego de ciume, agarra-o pela gola gritando: "Miserável! Traidor! Deus me perdoe! Sou capaz de matá-lo".

4 MISS PROSERPINA, A SECRETÁRIA — A auxiliar do reverendo não faz nenhum segredo de sua paixão pelo paroco. E a notícia disso chega ao conhecimento do pai de Candida, que a aborda dizendo: "A miss é a mulher do diabo!". Ao que ela responde: "Seria se me casasse com o senhor".

5 LÍRIOS BRANCOS — Todas as manhãs, novos e frescos lírios brancos apareciam sobre a secretária de James. E tanto ele quanto a sua esposa tinham as flores como um símbolo da felicidade que reinava no lar. Com a entrada de Alexandre, porém, a dúvida nasceu no espírito do sacerdote, que termina um dia por jogar fora os lírios. Candida apanha as flores exclamando: "Esmagaste os lírios brancos como a paz de espírito que reina em nosso lar. Pobrezinhos! Pobrezinhos!"





6

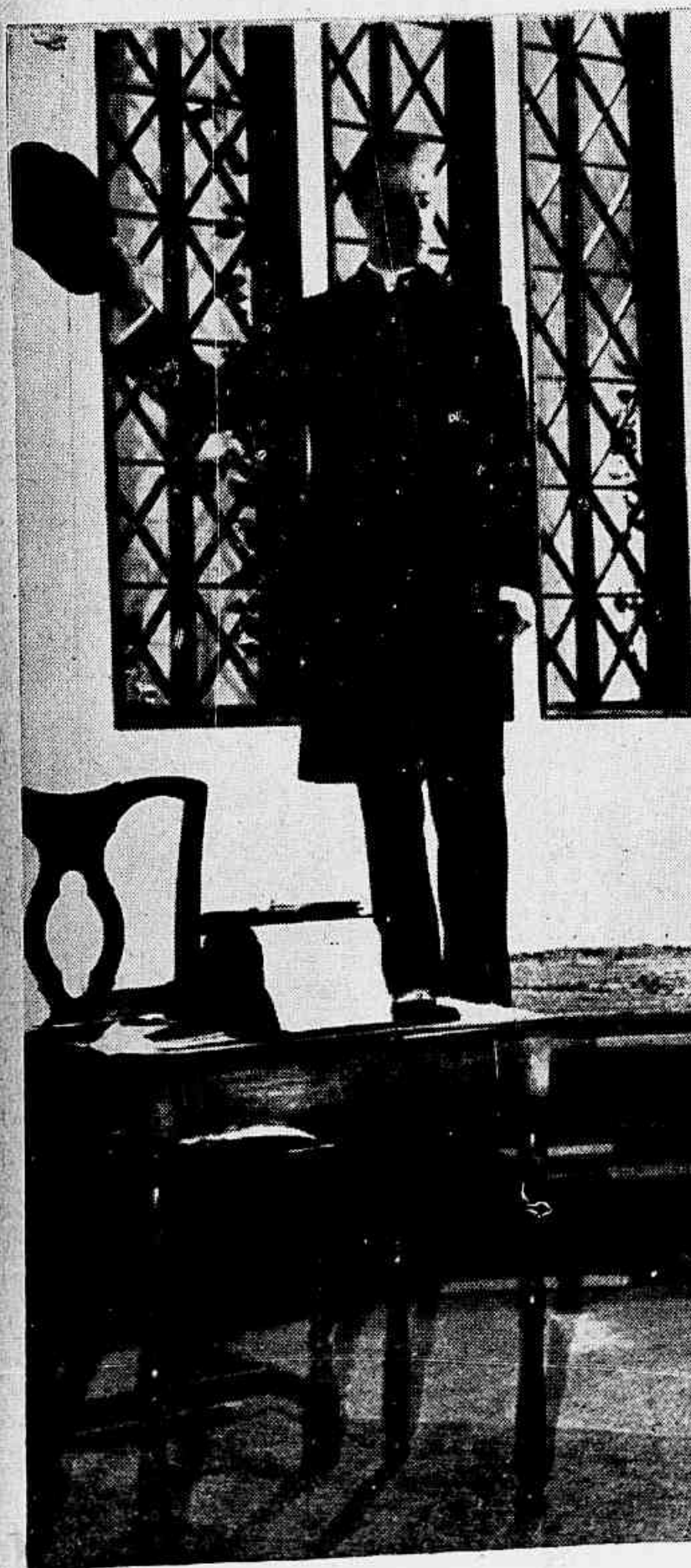
OLHARES — Candida desce a escada, lançando um olhar de simpatia para o poeta Eugenio. O reverendo James está sentado ao "bureau", embebido em seus trabalhos. Neste momento entra Proserpina, trazendo para o pastor um despacho telegráfico.

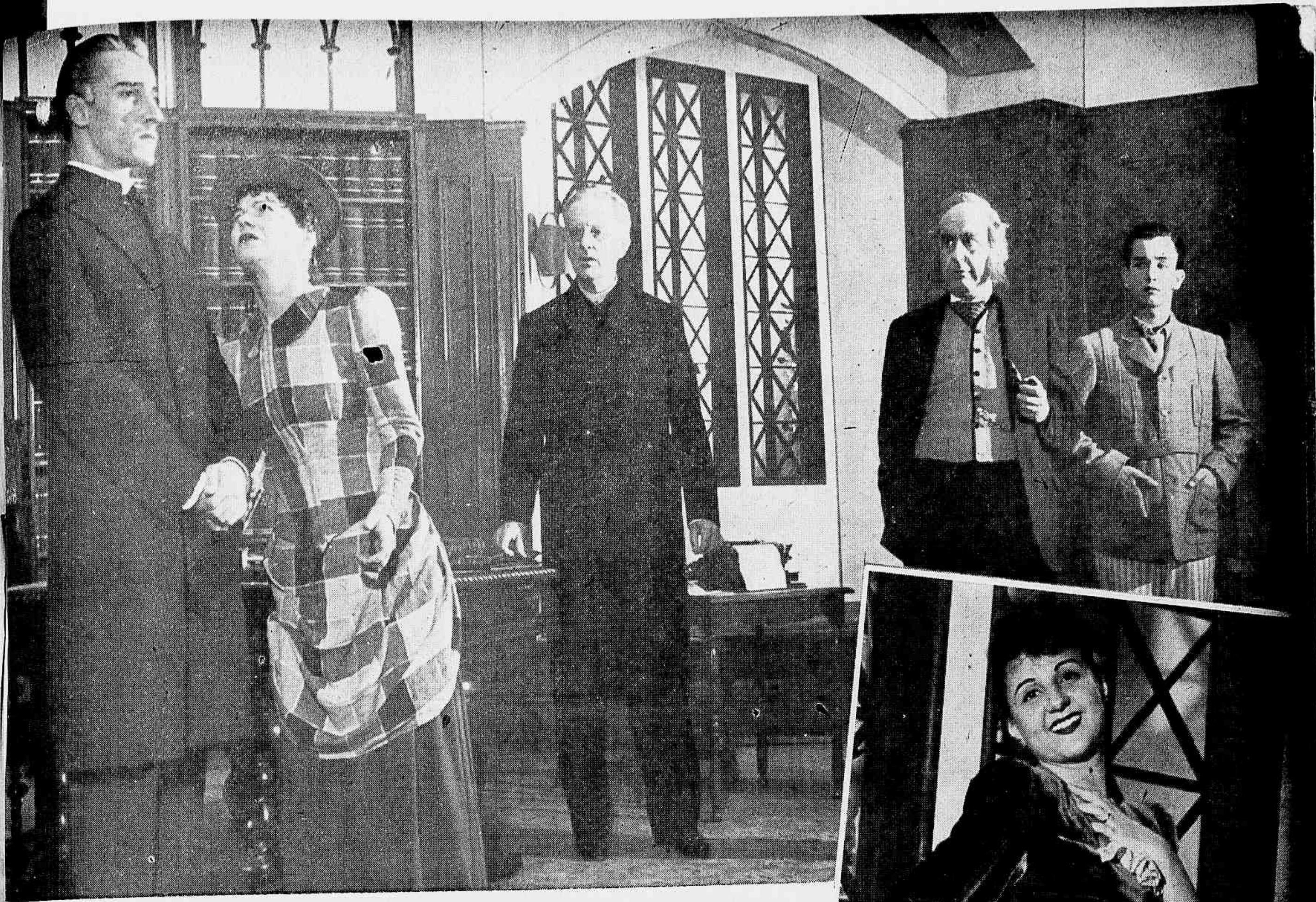
7

AMOR CONJUGAL — Diante de Eugenio cabisbaixo, Candida fala do amor de seu espôso. James havia deixado a sós a mulher com o rapaz, submetendo-a assim a uma prova de fidelidade, enquanto ia a uma localidade próxima fazer um sermão.

8

DÚVIDA — Voltando da aldeia onde fôra pregar, pela manhã, o reverendo James encontra ainda Candida e Eugenio ao pé da lareira. Candida conservara-se fiel, mas a dúvida perdurava no espírito do marido, que resolve indagar do poeta o que se passara. Eugenio, por perversidade, responde com palavras dúbias, deixando ainda em maior dúvida o espírito agitado do paroco, que resolve tirar uma prova concerta da verdade. Aquela noite fôra para ele um longo e terrível suplicio. Aproveitando a ausência do paroco, Eugenio tentara se declarar, mas Candida, percebendo a sua intenção às primeiras palavras, fez inteligentemente com que ele se calasse. E ninguém ficou sabendo quais eram em verdade os sentimentos da espôsa do reverendo para com o poeta. Seria apenas um amor maternal, ou uma paixão romântica e ardente?...

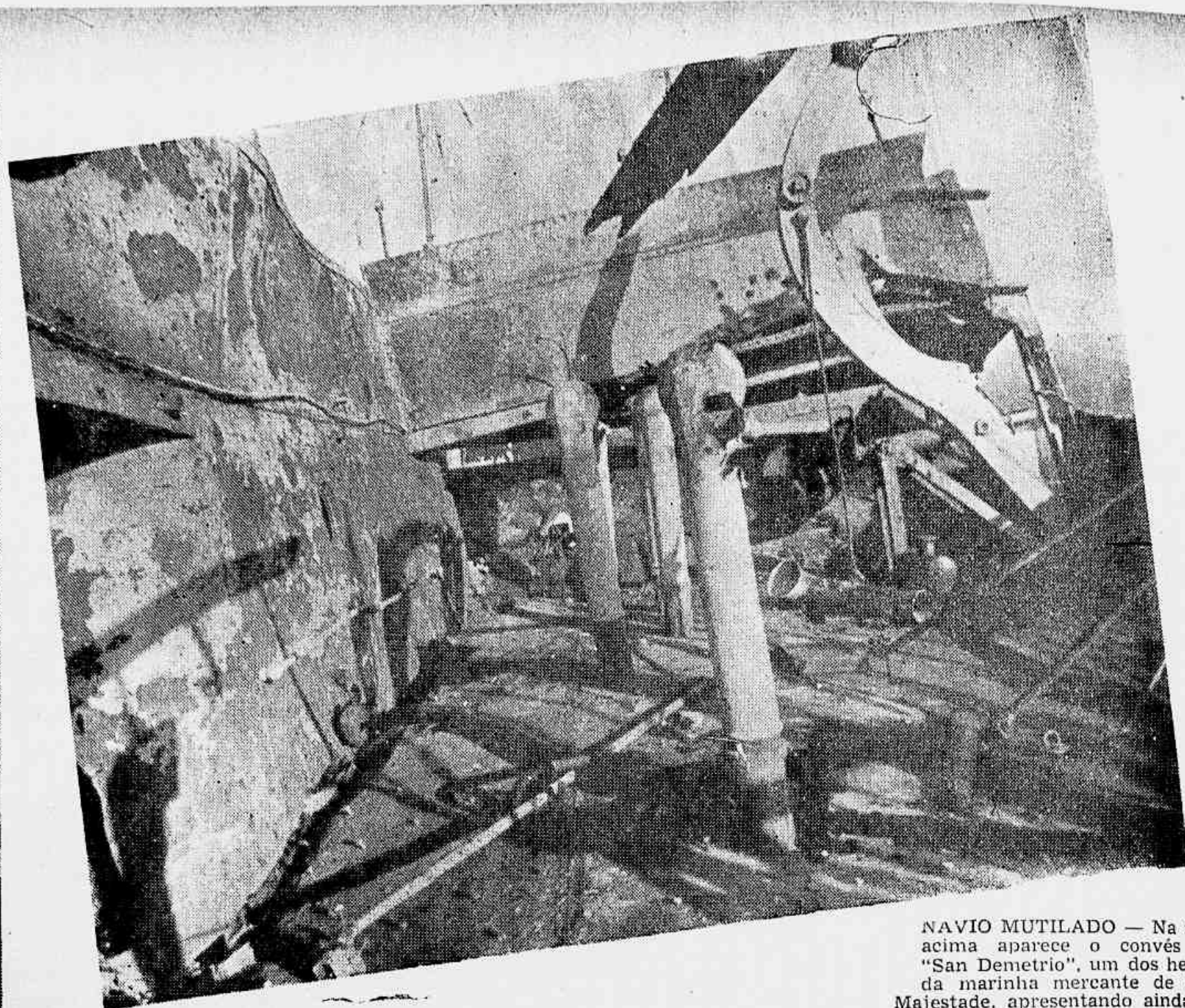
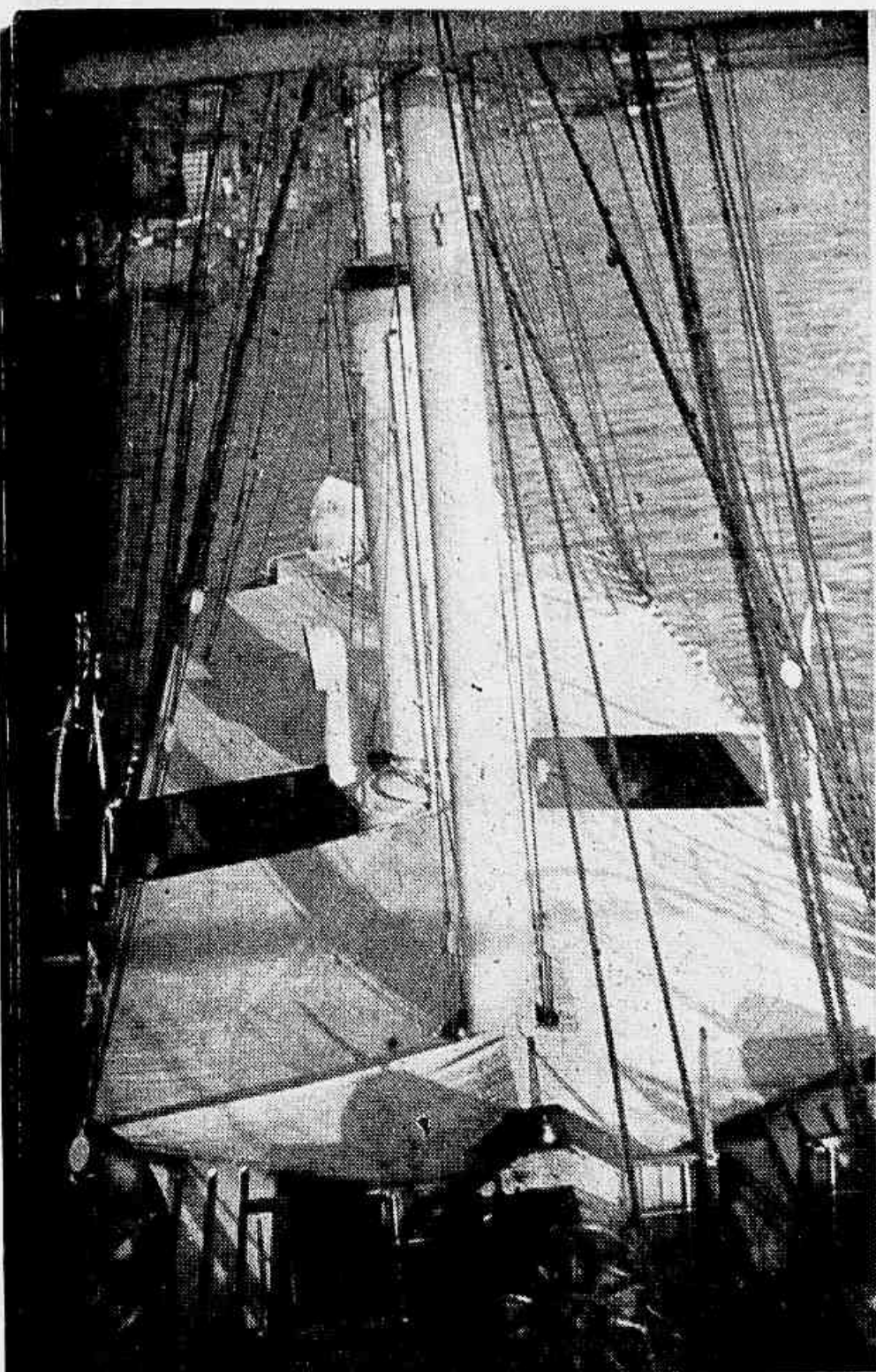




9 A DECLARAÇÃO DE PROSERPINA — A secretária de James resolve pedir-lhe uma graça. E quando ele a pergunta qual seria essa graça tão desejada, responde-lhe: “Amor, amor”; retruca o reverendo: “E’ graça de Deus e só a Ele compete distribuí-la.

10 A VOLTA DA TRANQUILIDADE — Pondo à prova a fidelidade da espôsa, o reverendo a interpela, em presença de Eugenio, a qual dos dois prefere. E, depois de afirmar que optava pelo mais fraco, Candida explica que considerava como tal justamente o seu espôso. E a peça termina com um amoroso amplexo.





NAVIO MUTILADO — Na foto acima aparece o convés do "San Demetrio", um dos heróis da marinha mercante de Sua Majestade, apresentando ainda os danos provocados pelas bombas alemãs.

DO "EAST INDIAMAN" AO "QUEEN ELIZABETH"

(Copyright B. N. S. — Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Sendo uma ilha, é muito natural que a Grã-Bretanha viesse a alimentar uma soberba raça de navegadores. Durante séculos, o mar atraiu os homens com instinto de aventura e da descoberta, e os marinheiros ingleses aliados a estes arrojados pioneiros estabeleceram muitas das mais importantes rotas comerciais do mundo.

Os primeiros navios ingleses que se aventuravam ao mar eram baseados no modelo Viking — embarcação fortemente construída e muito poderosa. Pelo fim do décimo segundo século este tipo foi suplantado por outro modelo baseado no desenho veneziano, pois naquele tempo o povo veneziano possuía o título de campeão do mar. Esta nova embarcação possuía linhas arredondadas e completas, com boa capacidade para o transporte de carga. Sua habilidade para enfrentar o mau tempo em melhores condições do que o tipo previamente conhecido, possibilitou aos ingleses tornarem-se comerciantes não meramente com os países do outro lado do Canal e do Mar do Norte, mas também com qualquer outra parte do mundo então conhecido.

Desde aí os construtores ingleses de navios concen-

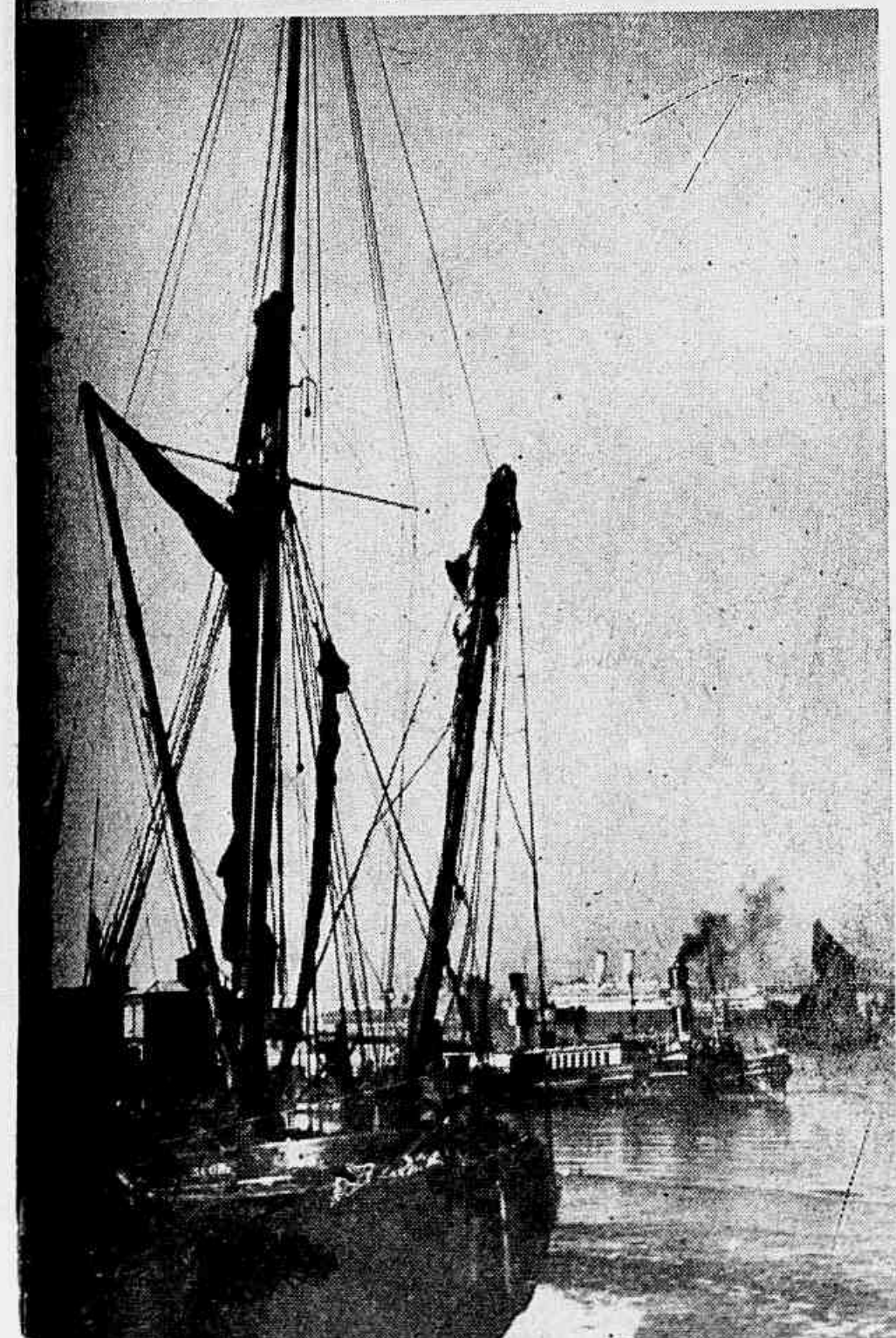
traram-se no desenvolvimento de novos tipos, todos especialmente desenhados para atender às exigências de um comércio cada vez mais intenso. No começo do século dezanove os navios ingleses consistiam de dois principais tipos especializados — o "East Indiaman" e o "Free Trader". O primeiro era o melhor navio daqueles tempos e pode justamente ser denominado o precursor dos modernos transatlânticos.

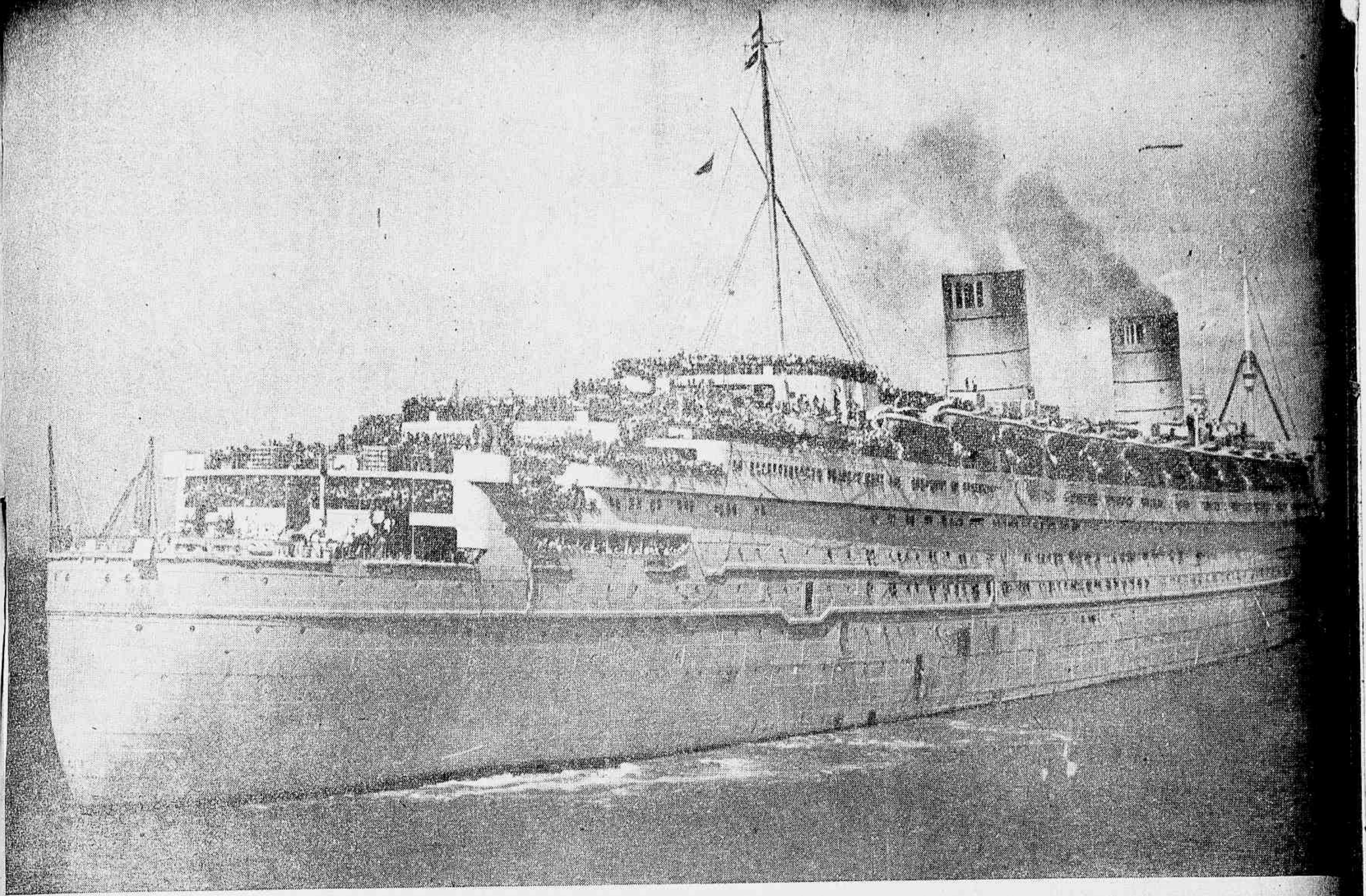
Em 1815, no fim das Guerras Napoleônicas, a Grã-Bretanha tinha se tornado a portadora do comércio marítimo de todo o mundo, e sua frota mercante então consistia de 25.000 embarcações que agregavam cerca de dois e meio milhões de toneladas. De fato, a Grã-Bretanha não teve nenhum sério competidor até ao meio do século dezanove. Tal concorrência fez com que os construtores ingleses dispensassem ainda maiores esforços à construção de navios. Resolveram desenhar ainda melhores embarcações, e o famoso "Clipper" foi o resultado deste trabalho. Este navio era inigualável em velocidade, economia de trabalho e segurança de construção, e prestou um grande auxílio no desenvolvimento do comércio do chá da China e do algodão da Austrália.

Já então os primeiros navios de metal começaram a circular e o vapor principiou a ser empregado como força

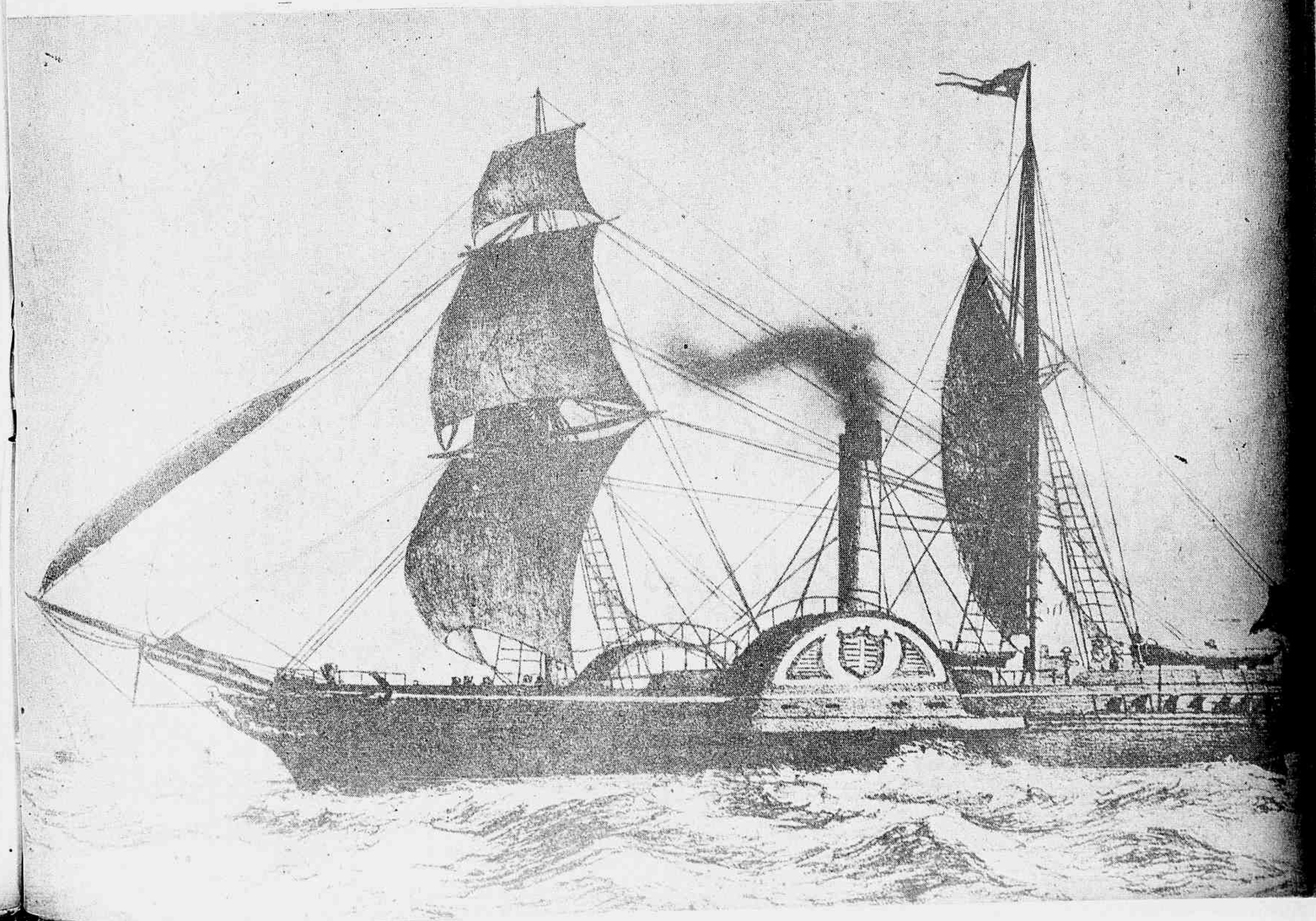
(Continua na pág. 40)

A FROTA MERCANTE DE SUA MAJESTADE — Na coluna da esquerda, em sequência do alto para baixo: o famoso navio explorador britânico "H. M. S. Discovery", ancorado. Nova embarcação de carga, em processo de construção. Navios antigos e modernos ancorados no porto de Londres. Finalmente, à direita, em baixo, o restaurante do "Queen Mary", que se tornou a maior unidade da Marinha Mercante Inglesa, depois do incêndio do "Queen Elizabeth".





EVOLUÇÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA — Quando se fez ao largo, rumo aos Estados Unidos da América, o primeiro navio movido a vapor, houve na Inglaterra, entre os entendidos em navegação, uma campanha de ridículo que se caracterizou pelo aparecimento das mais agudas anedotas, sobre os destinos do novo barco, a que logo se apelidou "chocolateira". A embarcação, por vias das dúvidas, era provida de velas. O deslocamento de água era provocado pelo sistema de rodas centrais. As pás giravam vagarosamente, mas isto não impediu que o navio cobrisse o percurso em um tempo que equivalia a meia viagem em brigue. Já então a Inglaterra era a Rainha dos Mares. Mas do "East Indiaman" para o "Queen Elizabeth" muito cresceu o prestígio da armada e da marinha mercante inglesas. Nesta página — Ao alto: o "Queen Elizabeth", quando servia como transporte de tropas, repleto de soldados. Em baixo: um transatlântico inglês de cem anos atrás.





RALPH GORDON, da infantaria do Exército dos Estados Unidos, numa das ruas da pequena cidade bávara de Scheinfeld, encontrando-se com uma criancinha alemã que havia ido buscar leite para a sua família, condói-se da sorte da infeliz menina e dá-lhe um pouco do chocolate da sua ração. A garota sorri agradecida, já esquecida das lições de seus pais, que pregavam o ódio aos americanos, ingleses e russos, pintando-os como seres selvagens e despidos de qualquer sentimento humano.

NO DESAPARECIDO IMPERIO DE HITLER

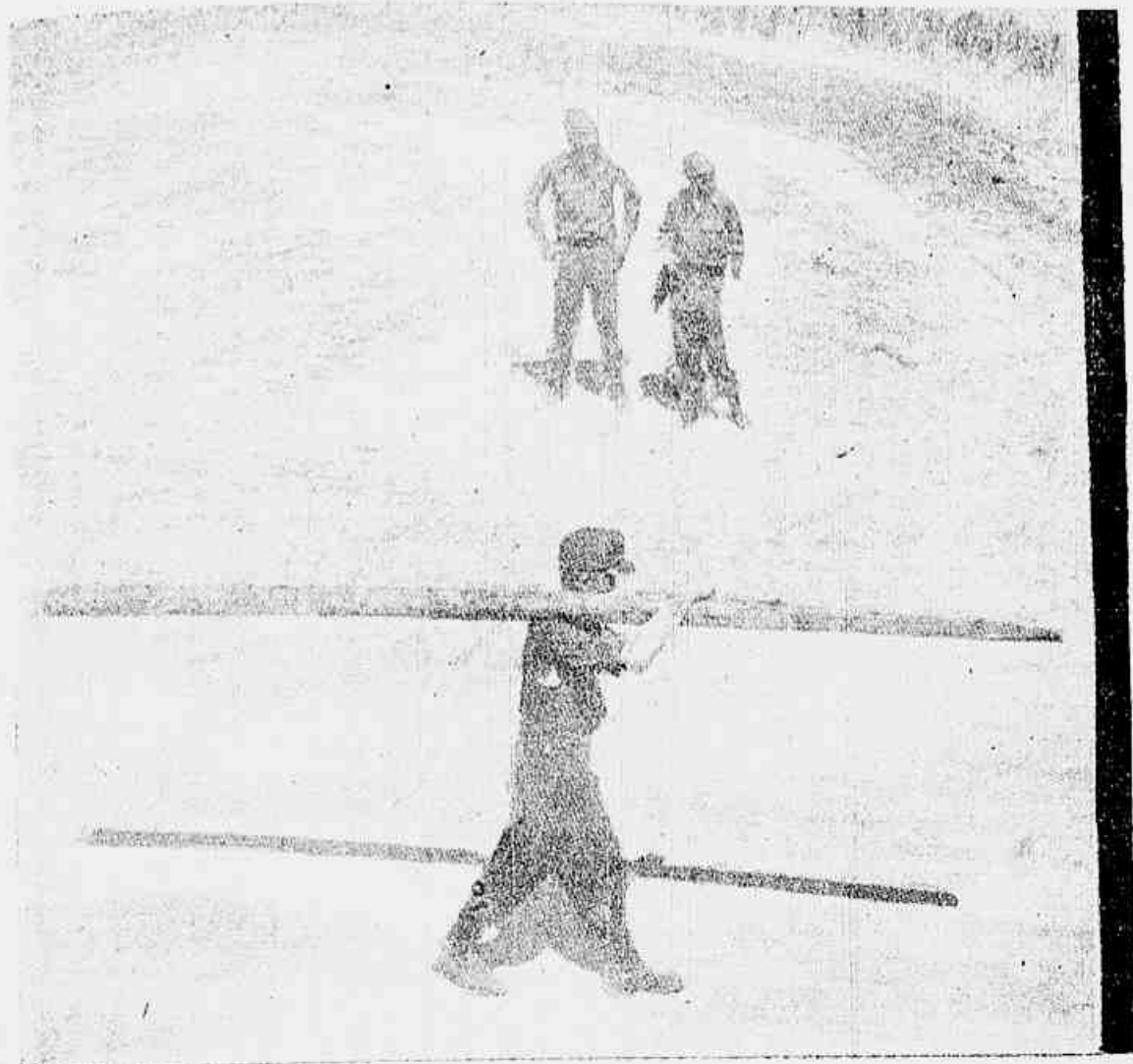
Durante longos anos, a Baviera sofreu os horrores da dominação hitlerista sem que que brisa de revolta se levantasse e corresse os campos e as cidades, como um aviso de alívio e de libertação. Imbuídos como estavam pela mística assassina do nazismo, voltados os seus olhos e o seu furor entusiasta contra os judeus e os chamados "povos fracos" da Europa e da América, não notavam os alemães, que a manteiga dia a dia minguava em suas despensas,

nem viam que os sapatos rotos martirizavam-lhes os pés feridos, num suplício que devia durar muito, porque o racionamento não permitia a compra livre de calçados.

Foi assim que viveram as populações da Baviera, quinhão por mais canhões, enquanto o pão faltava às crianças nas ruas desoladas. No fim, somadas todas as coisas negras do desaparecido Império Hitlerista, viu-se

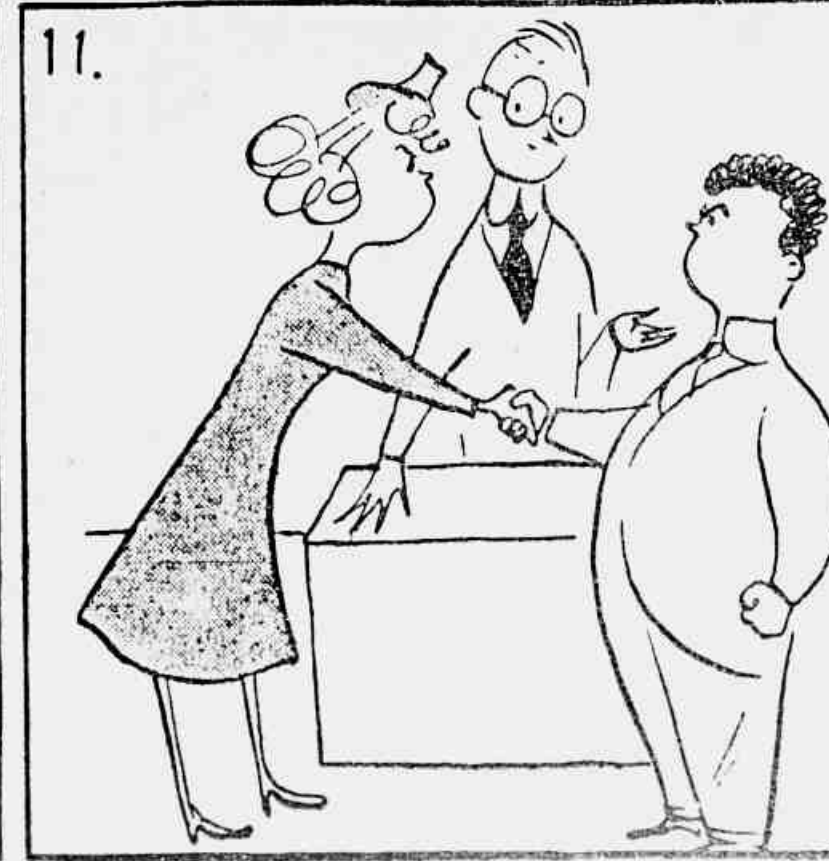
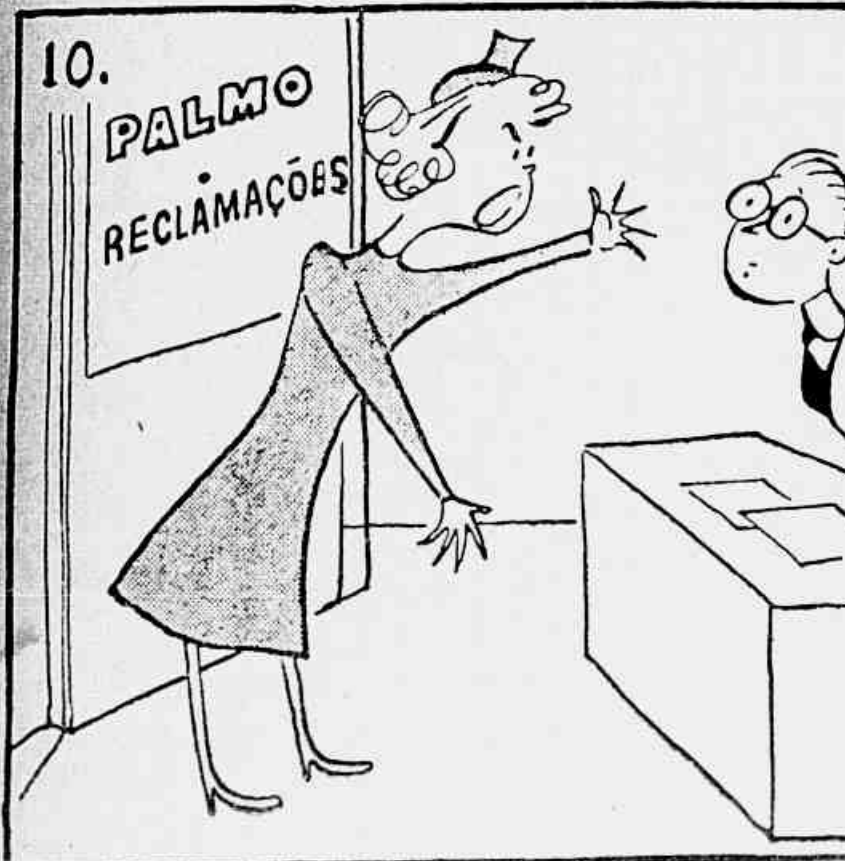
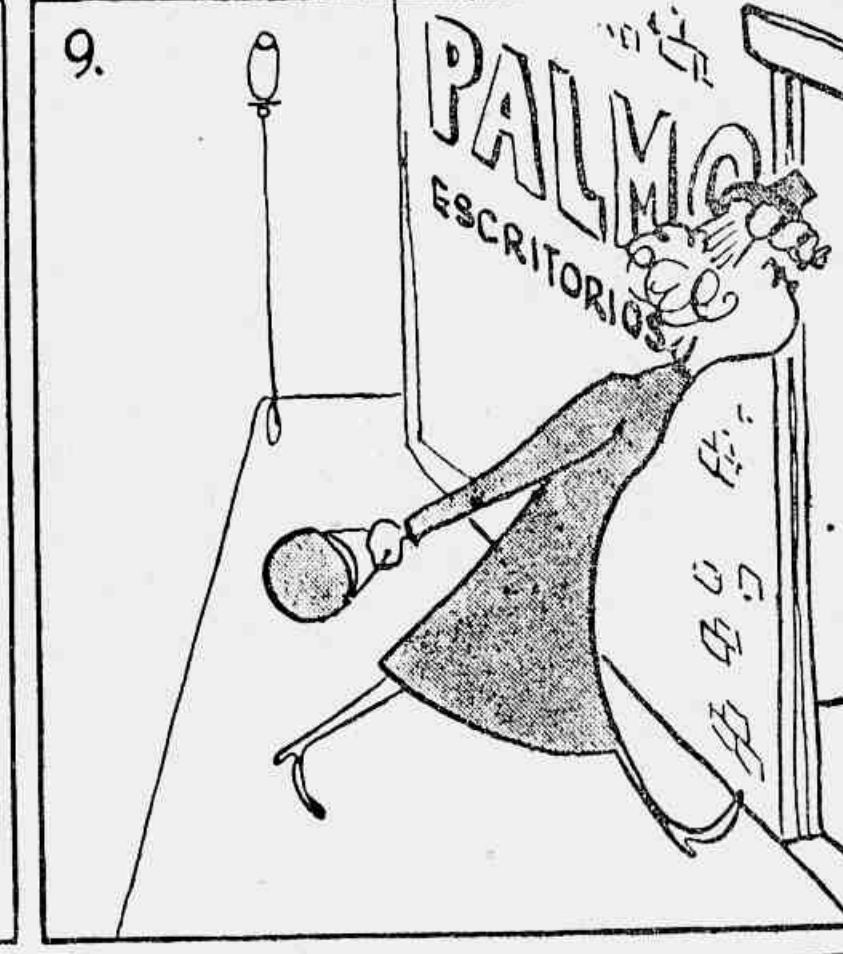
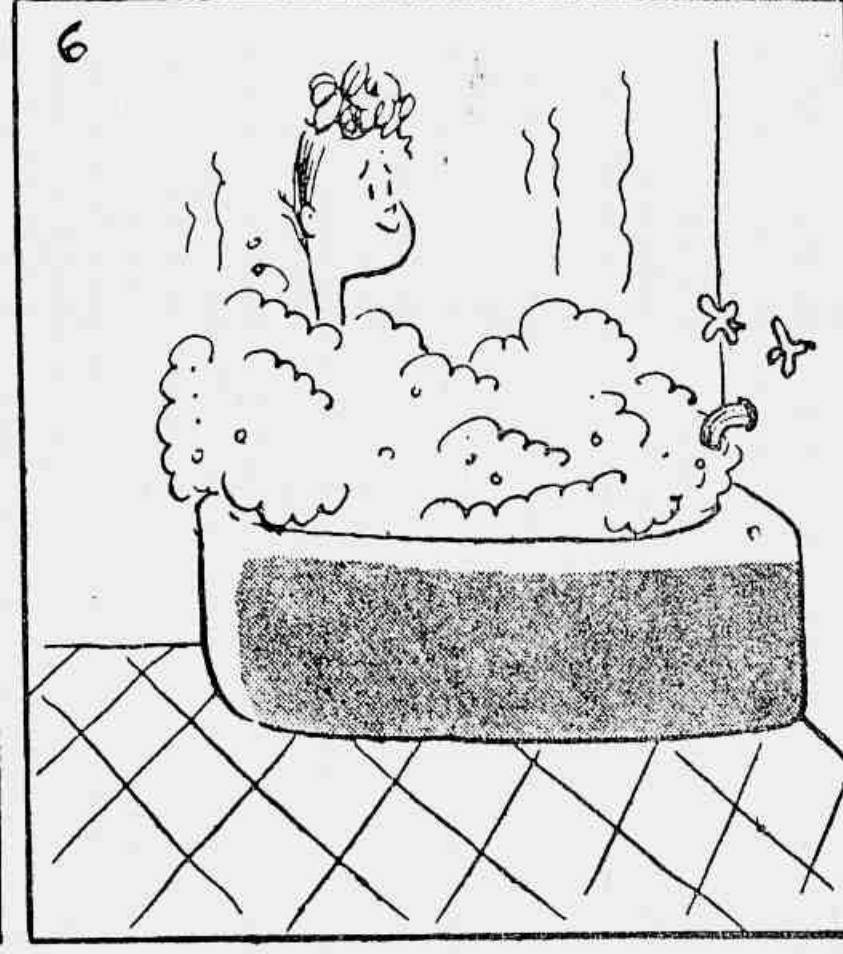
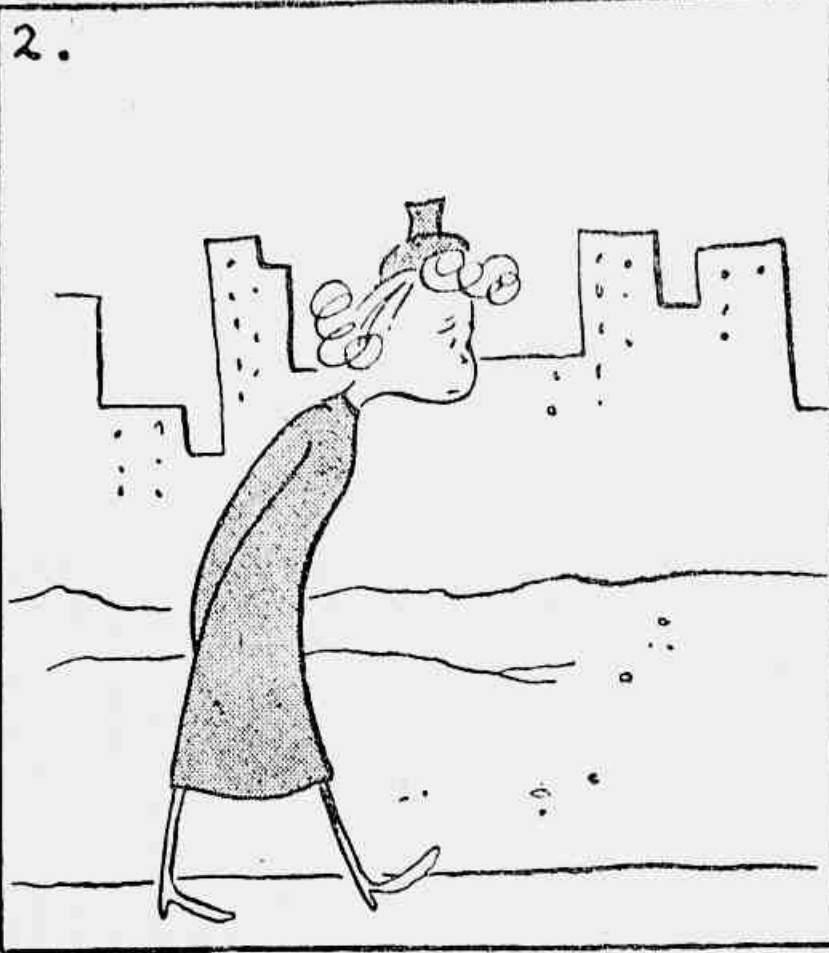
que a Alemanha havia sofrido quase tanto quanto as nações conquistadas. Os soldados americanos encontraram nas ruas das cidades bávaras crianças famintas e viam em todos os lares miséria e desolação.

Aqui estão as fotografias constantes de uma reportagem elaborada por um destes soldados, o americano Ralph Gordon, da infantaria dos Estados Unidos, servindo nas tropas de ocupação.



A BAVIERA, 1946 — Nas fotos que reproduzimos nesta página vemos alguns flagrantes da ocupação americana na Baviera. Ao alto, à esquerda; sob as vistas de guardas armados dos exércitos da América, prisioneiros de guerra alemães trabalham na reconstrução das linhas telegráficas e telefônicas. Em baixo, nesta coluna: uma "fraulein" louca, que serve como lavadeira das tropas de ocupação para manter a sua casa. Os americanos tratam-na com grande camaradagem, mas o serviço é duro. N. coluna da direita, ao alto: soldados de Tio Sam trabalhando na colheita do feno. Em baixo: uma família de Scheinfeld regressa ao lar, após longo período de permanência nos campos, para onde haviam fugido da guerra.





RUMO AO EGITO

— Muito breve. Mandarei avisar-lhe. Prepare suas malas e aguarde um aviso meu.

★

PARA podermos chegar ao ponto em que as suas vidas se cruzam, temos que tomar cada um dos personagens separadamente e traçar um resumo das suas atividades até o momento em que principia a ação da nossa história. Quem tomaremos primeiro: Pordage e seus milhões ou Jeremy, também arqui-milionário? Ou, por que não começamos com a secretária, a loura Annie Caroline?

Quando Annie viu o anúncio no jornal ficou impressionada. Parecia bom de mais para ser verdadeiro.

“Precisa-se de uma moça jovem, instruída, para fazer companhia a uma senhora em uma viagem ao Egito. Todas as despesas pagas e mais um ordenado de 50 libras mensais.”

Não era possível. Entretanto, na situação em que ela se achava, lutando contra as maiores dificuldades, pouco custava tentar... Vestiu-se, modestamente, e foi. Nesse ponto cruzam-se os destinos. Era a mulher de Pordage — o dos milhões — quem anunciara. Na verdade, para compreender bem os motivos do singular anúncio teremos que voltar atrás para contar uma conversa entre Pordage e a esposa.

— Como vamos fazer?
— Ora essa, eu o auxílio.
— Não serve. Você é muito conhecida.
— Será que você pensa que eu não sou capaz de me disfarçar.
— Não vale a pena. E' muito risco.
— Então o que é que você tem a sugerir?
— Ora, contrate-se uma moça jovem, bonita...

— Não. Isso, não.
— Não seja tola, Lou. São negócios.
— Eu conheço os seus negócios...

Para que necessitaria o milionário de uma moça jovem e bonita? Que função teria essa jovem de desempenhar? Por que Lou era demasiado “conhecida”?

Para explicarmos tudo isso teremos que ir ainda mais longe, às origens da fortuna de Pordage que acumulara por meio de pequenos golpes que não eram estritamente legais. E como ele sabia que o resultado de um golpe não dura a vida inteira, já estava se preparando para obter mais um pouco de dinheiro, para continuar sua vida de ostentação. Antes de passar a viver na alta roda londrina, ele fora um dos mais hábeis trapaceiros que agiam a bordo...

— Mas você não é conhecido também?
— Eu sei me defender. Você, não.
— E que fará essa moça?
— Sua única função será passar por minha secretária...

— Hum...
— ...E levar toda a culpa no final...
— Como?
— Quando se descobrir o roubo, farei a coisa de tal maneira que fique bem claro que foi a moça quem roubou e que depois atirou a jóia no mar... entendeu?

— Você acha que isso dará resultado?
— Você ainda pergunta? E' claro que dará.

★

O navio ia ao Egito, em um cruzeiro. Levava passageiros da mais alta roda. Inclusive Jeremy. Mas ainda não está na hora de apresentar Jeremy. Afastemo-lo um pouco e tratemos de explicar como Annie foi empregada por Pordage:

— Como é seu nome?
— Annie Caroline.

Um sorriso deliciosamente ingênuo iluminou-lhe o rosto.

— Escute...

Pordage estava em dificuldades. O tipo da moça era ótimo. Perfeita ingênua. Mas como anunciar-lhe que ela seria sua secretária particular sem assustá-la? Estava precisando dela.

— Sente-se, senhorita.

Foi persuasivo. Foi gentil. Primeiro captou-lhe a simpatia, fazendo-lhe uma série de oferecimentos. Depois descreveu-lhe a viagem da maneira mais fascinante, para prendê-la completamente. A seguir, então, anunciou-lhe que, infelizmente, sua esposa não poderia acompanhá-lo na viagem, mas que ele necessitaria de uma secretária e que ela poderia muito bem ficar com o lugar...

— Mas...

— Por favor, não proteste. Eu bem sei que o anúncio foi para uma coisa e agora estou propondo outra completamente diferente, porém não creio que venha a fazer diferença para si, uma vez que o seu salário e as suas atribuições não serão modificadas. Em vez de ser secretária de minha esposa será minha secretária.

— Bem, eu na verdade não sei o que responder...

Conto de
**EDGAR
WALLACE**



— Peço-lhe que considere bem o pedido antes de pensar em recusá-lo. Ele pode ser-lhe bem vantajoso.

— Eu não tinha a intenção de recusar. Posso servir-lhe de secretária. Trouxe mesmo meus diplomas de datilografia e estenografia.

Passando um olhar perfunctório sobre os papéis, Pordage devolveu-lhos. Depois anunciou:

— Vou mandar reservar-lhe um camarote.
— Obrigada. Quando devemos partir?

No momento em que Pordage telefonou para a companhia de navegação para reservar uma passagem no navio que faria um cruzeiro, rumo ao Egito, os destinos dos personagens da nossa história se encontraram, porque ele telefonou para reservar uma cabine para si, outra para Annie Caroline e o empregado, num descuido perdoável, deu-lhe a cabine de Jeremy.

Isso só aconteceu por um motivo: porque Jeremy tinha sempre reservada uma cabine nos grandes cruzeiros, que ele mantinha até à última hora e da qual acabava desistindo. Era um viajante inveterado mas caprichoso. Ora partia para o Alaska numa expedição, já meses depois estava no sul da África caçando leões. Sua família não conseguia conformar-se com aquilo.

— Jeremy, você precisa casar...

— Eu? Para que? Vivo tão bem assim...

Mas as tias casamenteiras nunca deixavam Jeremy em paz. Esse era um dos motivos por que ele gostava tanto de viajar. Só assim conseguia livrar-se dos convites infinitamente multiplicados com os quais as tias o importunavam, e só daquela maneira podia fu-

gir às entrevistas arranjadas, onde mocinhas, cuidadosamente ensinadas pelas respectivas mães, tentavam agarrá-lo com unhas e dentes, fazê-lo prometer alguma coisa.

(Continua na pág. 40)

UMA HISTORIA DE SCHEHERAZADE

Vinha rompendo a centésima madrugada. Scheherazade sentou-se sobre os joelhos de seu truculento espôso e começou a narração de uma nova história, que dizia assim:

"Lá para os lados de Nankin viveu outrora um pobre alfaiate, que teve a desdita de se apaixonar pela princesa que vivia protegida pelas muralhas de porcelana. Deu-se que ao tecelão foi dado comprar a lâmpada mágica. E como ele precisasse limpá-la, esfregou-a com um trapo de seda. E de dentro da lâmpada encantada saiu o grande espírito que ali se encontrava encarcerado. E o bom gênio se tornou escravo de Aladim (assim se chamava o pobre moço). E, tendo Aladim e seu escravo encontrado o anel mágico, mais poderoso ainda que a lâmpada, fizeram construir numa noite o mais vasto e mais rico palácio de todo o vasto Celeste Império, feito de porcelana e mármore negro.

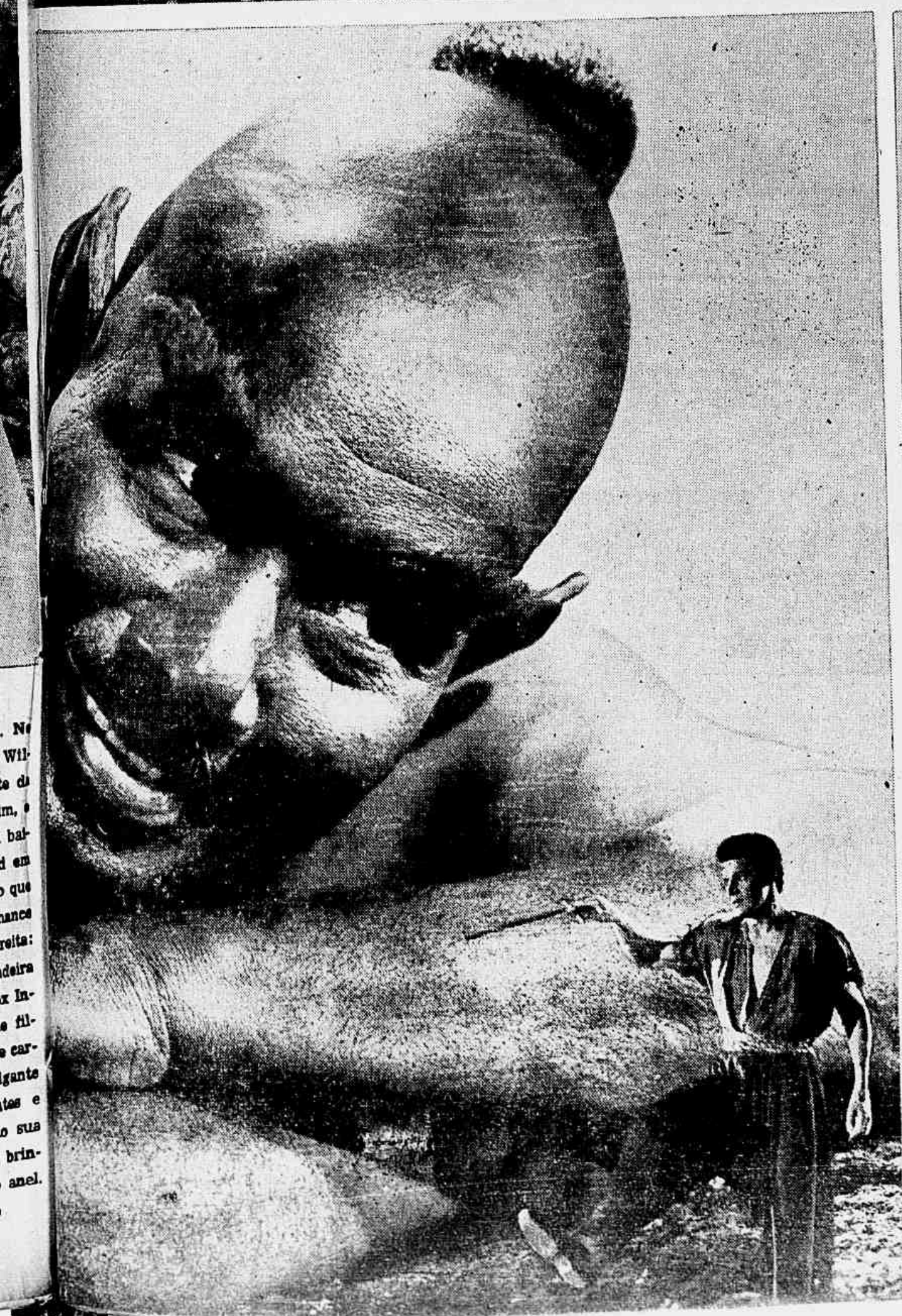
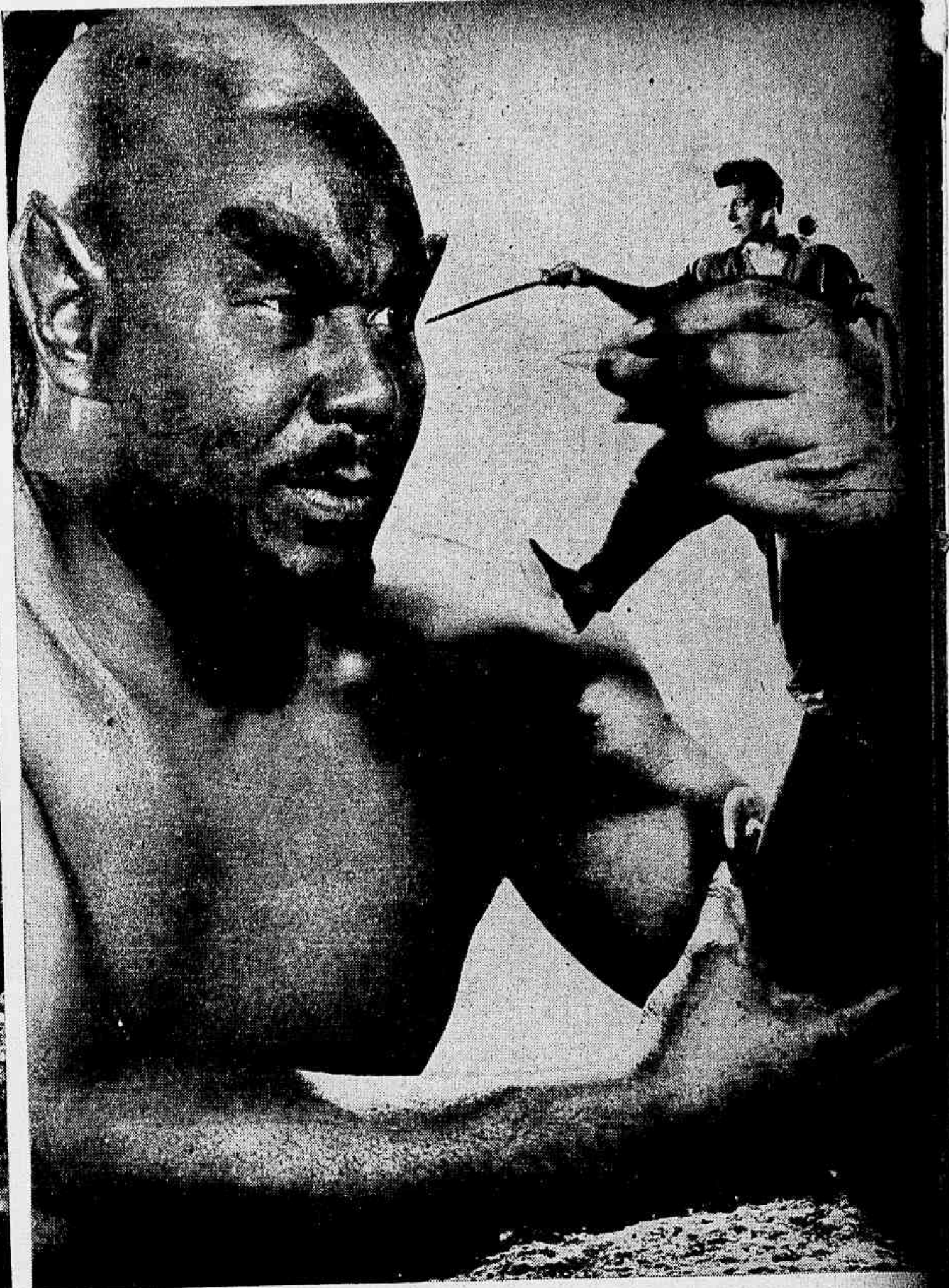
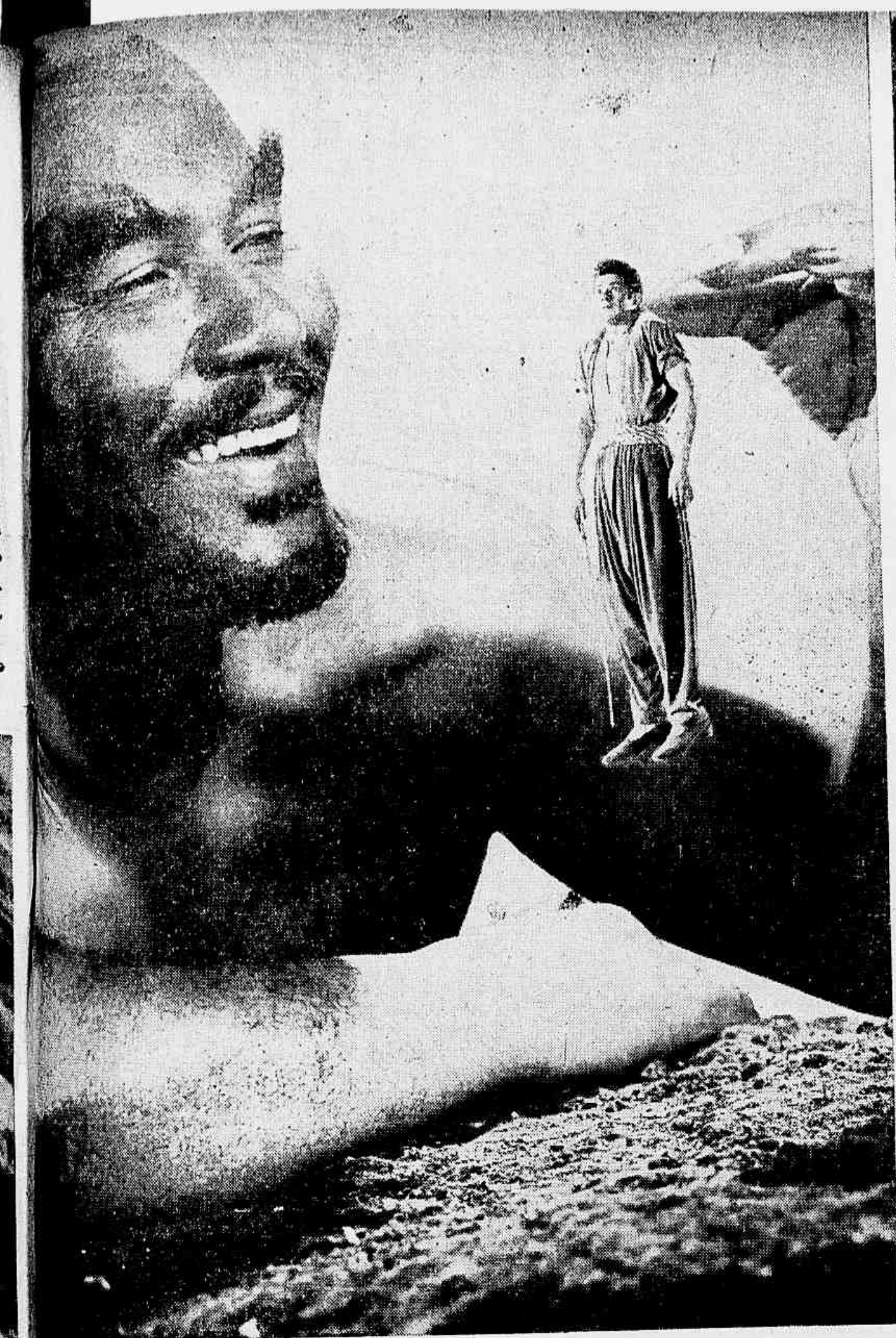
E Aladim se casou com a princesa e foram eles o casal mais feliz de toda a Ásia, enquanto viveram."

Assim falou Scheherazade, e adiou por mais uma noite a execução da sentença de morte que pesava sobre sua cabeça.



Nestas páginas reproduzimos alguns apanhados fotográficos da nova versão cinematográfica de "Aladim e a lâmpada maravilhosa", filmada pela Columbia. Nesta página — Ao alto, à esquerda: o gênio da lâmpada, simbolizado por uma linda

mulher (Evelyn Keyes), é libertado. No centro: à esquerda, Aladim (Cornel Wilde) e o mendigo (Phil Silver) diante da caverna do tesouro; à direita, Aladim, o mendigo e o gênio da lâmpada. Em baixo: Aladim e a princesa de Bagdad em doce idílio. No filme, ao contrário do que acontece na história original, o romance passa-se em Bagdad. Na página à direita: quatro fases de uma inocente brincadeira de Aladim com o gênio do anel (Rex Ingram). Num maravilhoso "truc" de filmagem, contracenam dois homens de carne e osso, um transformado num gigante imenso, pela magia física das lentes e dos celulóides. Outro, apresentando sua verdadeira estatura. Estas cenas da brincadeira de Aladim com o gênio do anel são uma verdadeira maravilha da sétima arte

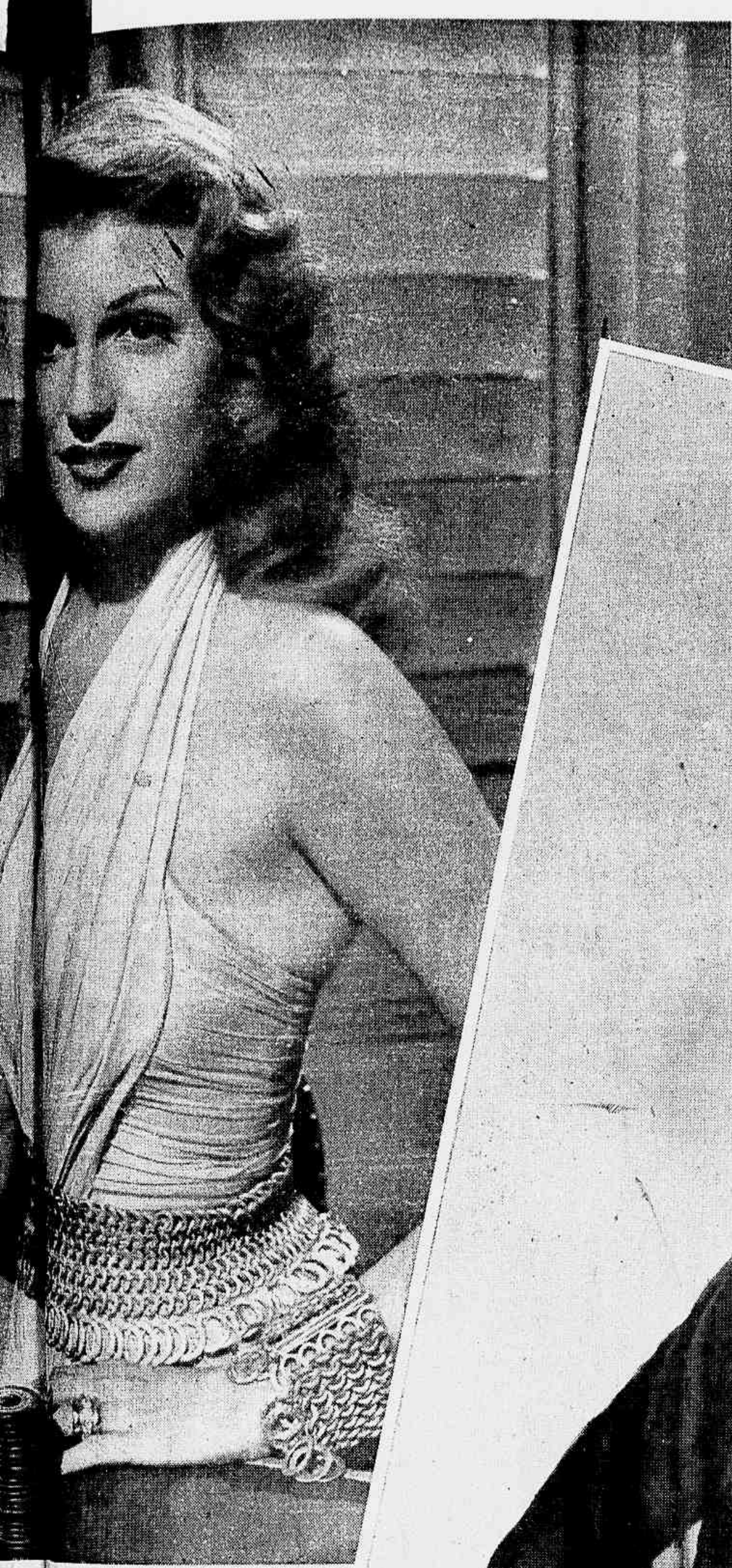


No
Wil-
te di
m, e
bat-
di em
que
hance
reita:
deira
x In-
e fil-
e car-
gante
las e
o sua
brin-
anel.



1 — E' de Saks êste modelo apre-
Andréa King, da Warner. E' um este m-
dêlo para a tarde, feito em pesada pre-
com a parte da frente da blusa, e uma
"V", em cetim preto. Um grande lambe-
de cetim, arremata a pala que vem a c-
tura. Luvas de antílope bastante lon- 2 —
atraente Rita Hayworth, "estrêla" de Colum-
num dos seus sensacionais modelos Pa no-
Êste é em gaze "chifon", corpo justo rape-
com pano em cetim; do contrário tam d-
peado, formando o decote. O cinturã de r-
tal dourado, de argolas entrelaçadas - pulse-
é igual ao cinto. 3 — Um "deshabill-
chic é êste apresentado por Lynn M-
bém da Columbia, feito em gaze pret-
bra côr de carne. Renda preta em po- é a

O QUE AS "ESTRELAS" SUGEREM



apreço por
um este mo-
esada preta,
usa, calma de
nde também
e vem a cin-
nte lon. 2 — A
êla" d'alumbia,
delos Pa noite.
justo rapeado
ário tam dra-
cintura de me-
çadas, pulseira
shabillastante
ynn Mes, tam-
ze pretom som-
em po é apli-

cada, unindo a blusa à saia e dando um tom de maior luxo à "toilette". 4 — O mesmo "déshabillé" visto com maiores detalhes. A manga é japonesa, o decote em "V", fechado com pequenos botões cobertos. Os cabelos louros e soltos de Miss Merrick contribuem para realçar a beleza da "toilette" negra.

★ NOS BASTIDORES FEMININOS

Seja você mesma... Não existe nada tão chocante quanto o espírito de imitação. Infelizmente êle é muito comum entre nós mulheres. Mas por que não iniciarmos um movimento de reação?

Repare, querida amiga, que em geral os homens preferem as mulheres "naturais" e quando êles dizem "naturais" querem dizer "mulheres que são simples, que têm sua própria beleza, seu próprio encanto, enfim, mulheres que não imitam a quem quer que seja.

Lembra-se, minha amiga, da profusão de "Veronicas Lake" que apareceram pelas Américas quando essa "estrêla" surgiu? Foi preciso que o Presidente Roosevelt baixasse um decreto proibindo o famoso penteado nas fábricas de guerra, pois já houvera demonstrações do perigo que aquela cabeleira espichada oferecia tanto às suas donas como ao sexo forte que com elas trabalhava...

E assim, milhares de mulheres do mundo inteiro não fazem outra coisa senão copiar e imitar... copiar e imitar tudo... copiar e imitar roupas, gestos, palavras, atitudes daquelas que resolveram tomar como modelo (os "modelos" preferidos geralmente são as "estrêlas" cinematográficas), sem perceberem que assim estão matando a sua própria personalidade.

Portanto, minha amiga, procure não pertencer a êsse grupo de imitadoras que outra coisa não demonstram senão falta de imaginação. Seja você mesma; use aquilo que fique bem em você, mas idealizado por você mesma; seja natural nos seus gestos, exponha sempre as suas próprias idéias, e ninguém poderá dizer que você é uma mulher sem personalidade.

Kitty

JOAN LESLIE (Wessex)





Penteados

Para um rosto oval e jovem, a encantadora Annita Louise sugere este penteado. O cabelo é repartido ao meio, caindo em ondas naturais, atrás termina em pagem. Annita Louise diz que para ter cabelos sempre lustrosos e bonitos é necessário lavá-los com um bom "shampoo", pelo menos duas vezes por mês, e escová-los diariamente pela manhã e à noite. (Fotos Columbia)



Máscaras Negras

Conto de
ANDRE' MAUROIS

HÁ muito tempo eu desejava conhecer Walter Cooper. Admirava seus livros. Ninguém, depois de Kipling, falou com mais justeza a respeito dos animais; em Cooper encontramos, não a jangal africana, mas a floresta dos condados do sul, húmida, florida, povoada de coelhos e raposas.

E' difícil travar conhecimento com um escritor inglês. Muitos deles vivem no interior e nunca vêm a Londres. As letras não formam, lá, como na França, uma corporação, tendo seus mestres, seus aprendizes, seus regulamentos, e Walter Cooper passa, mesmo nesse país, respeitoso da liberdade, por ser um selvagem.

Você terá dificuldade em agarrá-lo, disse Lady Shatfield que, como eu, o admirava. Ele mora numa pequena cidade de Suffolk, com sua mulher, numa cabana de camponeses... As duas famílias eram puritanas, dois dos avós ministros não-conformistas... Miriam Cooper usa longos vestidos que vão até o chão. E' linda... creio que nunca fala...

Essa descrição aumentou meu desejo de conhecer os Cooper. Um dia aproveitei uma viagem para fazer uma baldeação na sua cidadezinha. Os habitantes a quem indaguei, não sabiam que um homem genial vivia perto deles. Entretanto, o açougueiro indicou-me o endereço dos Cooper, que eram seus fregueses.

— O senhor se refere a Walter Cooper, o escritor?

— Isso não sei. Sei que é o sobrinho da velha Mrs. Cooper.

Segui o caminho que o açougueiro me havia indicado e que dava volta após volta entre duas cercas: ele me levou até uma barreira aberta. Além, uma alameda permitia atravessar a floresta coberta de flôres. A casa era pequena, deliciosamente pobre.

Foi Miriam Cooper quem veio abrir. Ela vestia, como dissera Lady Shatfield, um longo vestido protegido por um avental branco. O rosto, belíssimo, era de uma pureza inquietante quase desumana. Ouviu minhas

desculpas como se não entendesse bem e, de repente, no meio de uma frase, fugiu, como um animal assustado, gritando:

— Walter!

Os movimentos do longo corpo de Walter Cooper eram desajeitados, seu colete amarelado coberto de manchas. Ouviu minhas explicações com benevolência muda e me fez sinal para que entrasse no seu gabinete de trabalho. Prateleiras de madeira branca estavam cobertas de livros. Quando entrámos, um homem que estava olhando os títulos voltou-se. Cooper apresentou-o. Era um crítico ilustre.



Em seguida eles reiniciaram a conversa onde a tinham interrompido; falavam sobre plantas...

Isso pode parecer surpreendente mas aquela visita foi o começo de uma amizade. Os Cooper vieram visitar-me quando atravessaram Paris para ir passar um inverno em Tamaris. Por outro lado, eu voltei à casa deles, onde passei um "week-end". Mas apesar dessa amizade, do desejo evidente que eles tinham de me rever, eu pouco mas sabia sobre o casal do que no primeiro dia, à noite, em sua casinha, eles se sentavam lado a lado, num sofá, perto do fogo, e se contemplavam em silêncio. Acredito que se amavam.

Durante toda a guerra perdi-os de vista. Por volta de 1920, Lady Shatfield escreveu-me que ia dar um baile de máscaras em benefício de um hospital e que, se eu me encontrasse em Londres naquela ocasião, estava convidado para comparecer.

Antes de entrar, tirava-se a máscara, atrás de um biombo, para que a anfitriã identificasse os convidados; depois tornava-se a colocá-la para o resto da noite.

— Good Evening! Como foi a travessia? Má?... Ah! Quero apresentá-lo logo a uma senhora que o interessará.

(Continua na pág. 53)



UMA JOVEM PINTORA — Sta. Zelia Nunes de Oliveira, pintora formada pela Escola Nacional de Belas Artes, que vem de inaugurar o seu atelier na Urca, e cujos trabalhos já estão definitivamente consagrados pela crítica local.

FIGURAS E FATOS

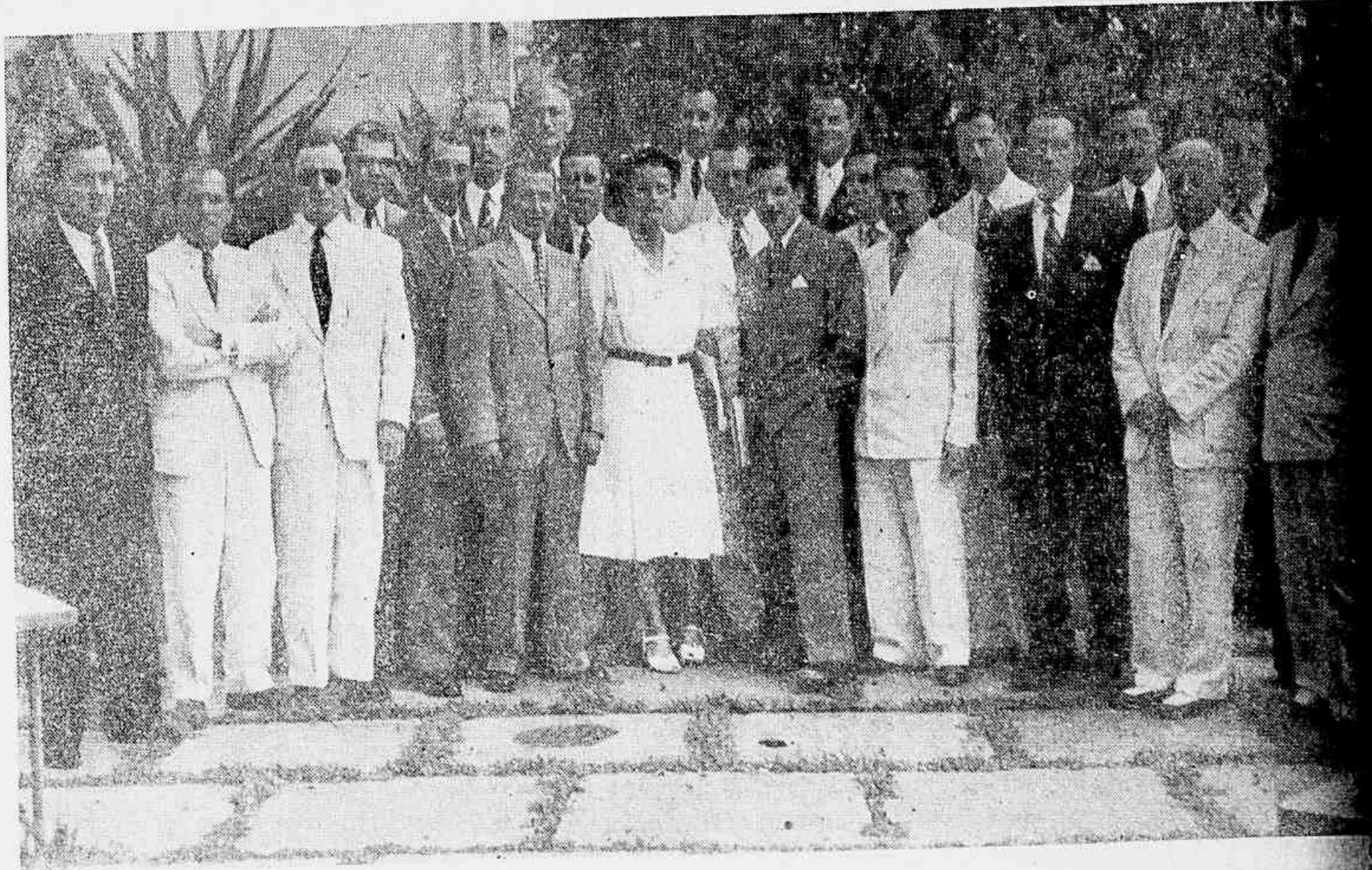
JORGE LUIZ — O valente "cow-boy" que aparece na gravura abaixo foi fotografado durante os festejos do último Carnaval. E' ele o pequeno Jorge Luiz, filho do casal Ary dos Santos-Clelia Valentina dos Santos.



A POSSE DO NOVO SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO — Recentemente nomeado para o alto cargo de secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal, vem de se empossar nessa pasta o sr. Fioravanti de Piero. Na foto acima aparece um flagrante do solene ato de posse do novo titular daquela pasta.



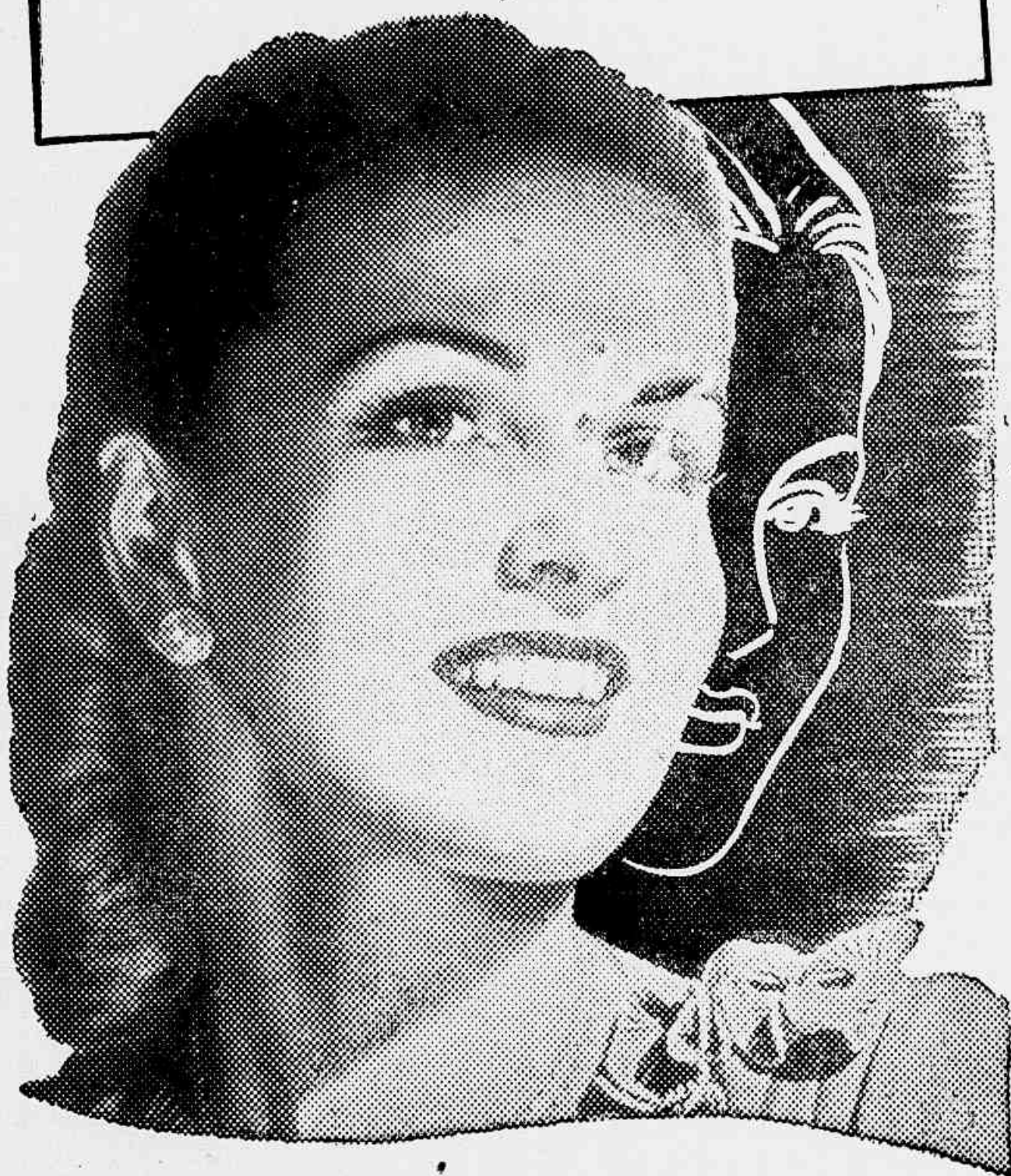
DR. AZEVEDO PIO — Tomou posse, há dias, no cargo de consultor médico da Previdência Social do Ministério do Trabalho, o ilustre facultativo patricio dr. Azevedo Pio, que muito se distinguiu na campanha da FEB no norte da Itália e em outros trabalhos em prol do desenvolvimento da ciência médica. A foto acima mostra um aspecto da posse.



HOMENAGEM A MRS. ADOLPH BERLE — Os médicos brasileiros ex-alunos das universidades norte-americanas, ao ensejo do regresso da embaixatriz Berle à sua terra, reuniram-se para homenageá-la no restaurante da A. B. I. A gravura mostra um grupo formado por essa ocasião, vendo-se, no terraço do edifício da Associação Brasileira de Imprensa os médicos patricios ladeando a homenageada.

DESCOBRIRÁ O

Inimigo Invisível

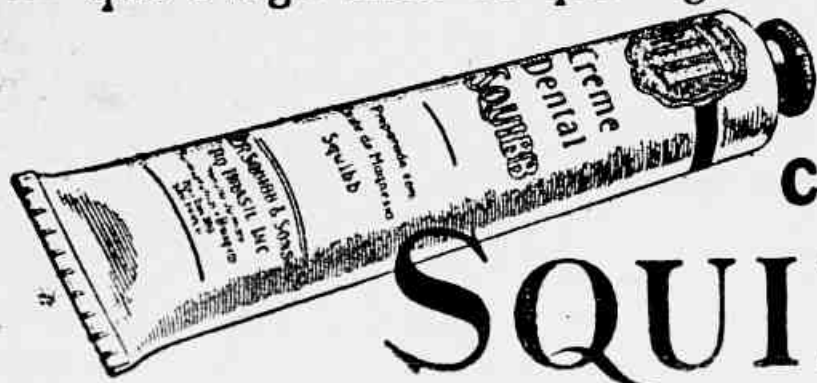


ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS?

Muita gente só vem a conhecer o
"Inimigo Invisível"...
depois dos dentes estarem afetados

Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não é possível vê-lo: no entanto, pode estar dentro de sua boca — atacando o esmalte e produzindo cáries. Para combater a acidez de origem bacteriana, é preciso limpar os dentes com regularidade. Mas faça questão de usar o dentifrício certo — o Creme Dental Squibb — que é algo mais do que

uma simples pasta dental. Com o Creme Dental Squibb é fácil lembrar-se de escovar os dentes duas vezes por dia. Tem tão bom paladar! Não é possível esquecer o seu sabor refrescante, delicioso! E o Creme Dental Squibb contém também Leite de Magnésia Squibb, cujo contato é tão eficiente para neutralizar os ácidos de origem bacteriana.



CREME DENTAL

SQUIBB

L.006

Livros

TRILUSSA E O BRASIL, coletânea organizada e anotada pelo declamador Carlo Prina, tradições de doze poetas brasileiros, ilustrações de Belmonte, Voltolino, Rosasco e Trilussa — São Paulo, 1945.

O sr. Carlo Prina tornou-se no Brasil, sobretudo em São Paulo, um propagandista ardoroso e infatigável das obras de Carlo Alberto Salustri, soberbamente conhecido pelo pseudônimo "Trilussa". Recitando aquelas famosas fábulas, quer no original, isto é: no dialecto romano, quer em traduções de poetas brasileiros — a que juntou algumas particularmente suas — presta o Sr. Prina ao seu compatriota serviços verdadeiramente esmerçados e valiosos. Recita-o em clubes e salões, no teatro e no rádio; passeia-o por todo o Estado; e é, por assim dizer, inexplicável, que não o tenha ainda trazido ao Rio de Janeiro.

As fábulas de Trilussa — que, se não valem, em geral, as dos mestres pelo prestígio de lição moral, pela fabulação propriamente dita, primam pela audácia inventiva e o sabor anedótico — eram, bem antes da intervenção notória do sr. Prina, conhecidas no Brasil e no nosso idioma. Tradutores do engenho e da autoridade dos Srs. Luiz Edmundo e Bastos Tigre as haviam disseminado por jornais e revistas, em larga escala e não poucos artistas, dos que se especializam na recitação, as incluíram nos seus repertórios do Rio e de lournée. Não envolve, porém, esta observação ao propósito, nem sequer a possibilidade, de diminuir o empreendimento do estimado *discur* que São Paulo adotou e a que pode realmente chamar seu. Tem ele desenvolvido uma solicitude, um empenho de divulgação que vai além do efeito simpático, atinge a real utilidade. E sem dúvida Trilussa lhe paga na mesma moeda. O presente livro constitui inegável atestado da devoção do Sr. Prina pelo fabulista e dos resultados que tira desse fervor religioso. Após o frontispício e antes doutra gravura, vem um grupo da "directoria" — e por que "directoria", entre aspas? — do Clube Piratininga, ladeando o autor, após uma palestra trilussiana. As duas páginas seguintes trazem: a da esquerda, excelente retrato do fabulista, a *crayon*, e a da direita quatro dos tradutores, figurando em primeiro lugar Carlo Prina. Na parte final da capa do livro vem, do lado de dentro, "Carlo Prina, interpretando versos de Trilussa, numa festa dos famosos produtos..." X e Y; e do lado de fora, em caricatura de Voltolino, Trilussa, em Santos brindando o Brasil, "com um copo de champagne"... Tal. Como se vê, os dois interesses, o da glória literária e o do reclamo comercial se correspondem e harmonizam, sempre por obra e graça do Sr. Carlo Prina, comentador, tradutor e agente de publicidade.

Manda a verdade dizer que algumas destas traduções representam, como técnico do verso, trabalhos arbitrários e de inferior qualidade. Em compensação, outras versões oferecem boa métrica e estilo correcto, além de transpor para a nossa linguagem corrente a nota deliciosamente pitoresca do fabulista. Eis, por exemplo, *O porco*, em decassílabos do Sr. Paulo Duarte:

Um velho porco disse, um dia, à vaca.
— A' minha vida suja vou dar fim.
Para isso, é só meter-me na casaca
E a cartola, a luneta e o borzeguim.

Farão o resto. Vou para a cidade,
Onde me insinuarei no alto escal.
Em meio à nata e à flor da sociedade,
Que isto aqui já não vale um caracol.

Com tal coisa metida na cabeça,
Si bem disse, melhor o porco fez.
Ao chã dançante foi uma condessa
Onde bebeu, dansou, falou francez.

Metendo-se no meio da alta roda
E com ela gosando o vinho e o amor,
Vários dias o porco andou na moda,
Parecendo um autentico senhor.

Mas, não se sabe que reviravolta
House, que regressou dias depois.
— Como? — pergunta a vaca — já de volta?
Outra vez entre porcos e entre bois?

Não se deu bem com a aristocracia?
— O que vi ninguém pôde calcular,
Respondeu, pois vi tanta porcária,
Que não pude por lá me acostumar...

* * *

VIDAS ILUSTRES, narrativas e fantasias de Hendrik Willem van Loon, com ilustrações do autor. Tradução de Marques Rebello. — Edição da Livraria do Globo. — Porto Alegre, 1945.



Hendrick Willem van Loon adotou um meio ao mesmo tempo erudito, engenhoso e deveras prático, de nos falar quer de grandes vultos da humanidade, quer de personagens ou tipos gloriosamente imaginários: convidar aquele primeiros para a sua mesa. Não para a mesa de trabalho, mas para a de jantar. Durante as refeições, o dono da casa interroga os hóspedes ilustres ou encaminha a conversação de maneira que cada um diga da sua vida: aspirações, projectos, empreendimentos, realizações; adversidades, lutas, vitórias, desesperos; afeições e júbilos, ideais de amor e de amizade satisfeitos ou desenganados; por fim, a recapitulação daquilo que os grandes senhores, grandes trabalhadores, desejaram deixar e aquilo que realmente ficou da sua vera individualidade... E assim se vai compondo o livro.

Está visto que, para a execução de semelhante plano, eram indispensáveis os recursos duma cultura das mais vastas e complexas, assim como a capacidade da apreciação pronta e firme do comentário vivas, e ainda, em grau requintado, o manejo do pitoresco e do espiroscopio. Tudo isso, com efeito, se nos depara através das quase setecentas páginas do volume. Tem-se a impressão — nós, pelo menos, a tivemos — de que certos episódios ou passagens bastante ganhariam em mais directa, mais concisa exposição. E' esse, porém, o feitiço de Hendrik van Loon, historiador, biógrafo, sociólogo, crítico, de origem holandesa.

Novos

desa, feito e consagrado escritor nos Estados Unidos. Para ele, tudo, a sério ou humoristicamente, deve ser tratado com rigores e minúcias que nada deixem para o leitor adivinhar ou fantasiar. Assim nos apresenta e nos expõe uma galeria de celebridades, cuja primeira figura é Dante Alighieri e a última George Washington. E entre esses convidados de H. van Loon, se sucedem, sem obedecer à ordem cronológica das respectivas passagens pelo mundo, poetas, filósofos, santos, heróis, reinantes e estadistas, músicos e pintores — em número de quarenta e cinco "imortalidades".

FRUTA ESTRANHA, romance de Lillian Smith, tradução de Lúcia Junqueira Smith — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.

Lillian Smith

FRUTA ESTRANHA



EDICAO DA LIVRARIA DO GLOBO

Este livro fez grande escândalo. E não de certo porque a autora assim o previesse ou desejasse. Trata-se, tanto quanto é possível julgar pelas idéias e o estilo, duma obra sincera. Foi a opinião ou antes a ação oficial que a condenou por atentatória à moral e aos bons costumes. Para impedir a sua divulgação se combinam os recursos da autoridade e da administração. O grito de alarme tinha partido de Boston onde *Strange Fruit* sofrera a primeira interdição. Proibiu-se depois a venda nas livrarias, a remessa pelo correio, e o rigor da censura postal foi ao extremo de suprimir a circulação de revistas e jornais que trouxessem artigos, notícias ou sequer anúncios relativos ao romance de Lillian Smith.

Semelhante ferocidade proibitiva chega a provocar suspeitas quanto à sua procedência. Tem a gente vontade de imaginar que o ponto de partida de tudo aquilo fosse um truque da casa editora. Num país em que o reclame se vale de processos tão imaginativos e há inúmeros especialistas consagrados a tais inverções e expedientes, nada mais natural do que o preparo duma corrente de repulsa, pela qual administradores e representantes da autoridade se deixassem impressionar, vindo a fazer o jogo da empresa interessada. O menos plausível é que altos responsáveis pela defesa da moral pública tomem espontaneamente medidas que fatalmente acabarão sendo revogadas e das quais só, por fim, resultará a popularidade sensacional e por consequência a procura ansiosa da obra em questão.

Fruta estranha passou por trâmites, diferentes na forma, paralelos no sentido, a que foi sujeita *Madame Bovary* e que determinaram a antecipação do seu triunfo no grande público. Críticos, novelistas, sociólogos, intelectuais de alta classe se arvoraram em paladinos da escritora perseguida. A par das censuras veementes aos pretensos defensores do decoro social, não deixou de lhes cair em cima farta dose de ridículo. Lillian Smith venceu, é bem o caso de se dizer, em toda linha. E a sua heroína, a bela *colored*, apaixonada desde menina, por um branco, de família importante na cidade de província onde decorre a ação, veio a ser uma figura conhecida dos leitores, principalmente das leitoras de toda a América do Norte.

SOLDADO! ESTE, O TEU REGIMENTO! edição comemorativa do 1.º aniversário da tomada de Monte Castello, pelo major Nelson R. Carvalho — Editora "A Noite" — Rio de Janeiro, 1946.

Este livro comemorativo do 1.º aniversário da tomada de Monte Castello, pelo major Nelson R. Carvalho, é uma obra de grande valor histórico e literário.

Soldado!
Este, o teu
Regimento!

EDICAO COMEMORATIVA
DA TOMADA DE CASTELLO
ANIVERSARIO SAMPAYO

lavra. Semelhantes feitos foram praticados.

O autor do presente livro apresenta a formação histórica do Regimento Sampaio, na sua sequência cronológica, desde 1567, com o primitivo batismo de "Teço Velho", de Mem de Sá; e acompanha as suas recomposições e remodelações até à forma e às características que hoje apresenta. Essa exposição se desenvolve por vinte páginas. E vem então a incorporação da nobre unidade na Força Expedicionária Brasileira, com uma rápida recordação dos acontecimentos que determinaram a entrada do Brasil na 2.ª Grande Guerra Mundial. É a segunda parte do volume. Também a maneira como a oficialidade e as praças do Sampaio se conduziram durante as operações, e particularmente nos sucessos que tiveram por desfecho a tomada de Monte Castello, está bem presente na memória de todos os leitores de jornais. Mas o major Carvalho fixa nestas páginas alguns episódios que não são do conhecimento de toda a gente. E de certo não foi às pessoas mais ilustradas que ele consagrou a sua obra. Servirá esta sobretudo à gente simples que precisa de aprender; e se difundirá nas classes armadas, como prêmio aos soldados que nela figuram e como exemplo para os soldados de amanhã.

J. L.



"Sacrifício de Mãe"
"Punhado de emoções"
DOIS LIVROS ESCRITOS PELO
CORACÃO E PARA O CORACÃO.
DEDICADOS À SENSIBILIDADE
DA MULHER BRASILEIRA
Duas obras consagradas de
MARIA DEZONNE
PACHECO FERNANDES
À venda nas boas livrarias



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça no nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40-Sob. Rio
Nome
Rua
Cidade Estado



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda a sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS



DOR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

SALAS MAGNAS

— ESCRAGNOLLE DORIA —

Salas notáveis avultaram em três edifícios públicos do Rio de Janeiro. Recomendava-se uma por arquitetura, outra por história, terceira pelo adorno de grande casa de instrução tutelada por grande nome.

As três salas de vulto couberam respectivamente à Alfândega, ao Senado do Império, ao Colégio de Pedro Segundo.

A sala da Alfândega data da estadia de D. João VI no Rio de Janeiro. Estadia marcada, ano a ano, por iniciativas e sucessos em contraste com o progresso paulatino da cidade no tempo colonial.

Em 1819 deliberou D. João VI dar Praça do Comércio aos negociantes do Rio de Janeiro; à cidade do Salvador já se ufanando de Praça de Comércio primeira no Brasil. Feita à custa dos negociantes baianos, fôra inaugurada num 28 de janeiro, gravadíssima data da abertura dos portos do Brasil, até então "jardim fechado" conforme autor da época.

A Praça de Comércio do Rio de Janeiro cedeu D. João VI braças de terra no espaço da rua Direita, ora 1.º de Março, espaço onde hoje se acha o Banco do Brasil.

Achou-se chamado a erguer a Praça um arquiteto de primeira plana, Grandjean de Montigny, laureado por importantes obras de sua arte na Europa e vindo à América na Missão Francesa atraída por D. João VI e auxiliares seus de governo para organização no Rio de Janeiro de Escola de Belas Artes.

A 11 de junho de 1819 alicerçava-se a Praça de Comércio, a 13 de maio de 1820 se a dava por pronta para inauguração.

A obra honrava Grandjean. Para dar estátuas à platibanda do edifício recorrera o arquiteto a membro da Missão Francesa, o escultor Zeferino Ferrez. As estátuas da Europa e da América subiram à platibanda no simbolismo de dois continentes.

Mais de vulto na Praça era a sua Sala Maior, tôda arrôjo arquitetônico, tôda grandeza; dupla galeria de colunas imponentes dividindo a sala em quatro partes amplas.

A Praça do Comércio de 1820, aberta no 52.º aniversário natalício de D. João VI, a 13 de maio, foi obra de fim de governo, por quase das vésperas da partida do rei para Lisboa e com que pesar.

A abertura da Praça do Comércio transcorreu sem bulha, sem nenhum aparato. A

Grandjean de Montigny — Paris, 1776 — Rio de Janeiro, 1850



Praga teria este a 14 de julho de 1820, quando D. João VI apareceu oficialmente no edifício cuja estreiteza de espaço na frente não permitia voltearem os coches reais.

Por isso D. João veio de S. Cristóvão por mar, desembarcando de galeota na ponte de madeira do fundo da Praça voltado para águas de golfo pelo rei tão apreciado.

Na Praga foi D. João VI recebido com as honrarias do estilo. Saudaram-o um negociante português e outro inglês, cada qual no seu idioma e na sua pronúncia cantante ou gutural.

Obsequiado com mesa de doces, escusado dizê-la profusa em tempos de comer à larga, tendo correspondido ao obséquio, o rei visitou o edifício.

E' de consignada tradição ter D. João VI manifestado muito agrado seu diante da obra da Sala Principal da Praça do Comércio. Não se limitando ao agrado, pediu um hábito de Cristo à farda de homem de seu sequito e corte.

Num gesto de compreensão, de entusiasmo, mesmo, o príncipe condecorou Grandjean de Montigny, alvo público do apreço de quem alguns consideram nulidade rasa, quando as nulidades graduadas sobram.

Muito, muito depois de 1820, o Rio de Janeiro recebeu segunda sala digna de atenção e respeito, ao ser adaptado o solar do Conde dos Arcos, ex-vice-rei último do Brasil, solar no Campo de Santana, esquina da rua do Areal.

Tratou-se de alojar com decôro o Senado do Império, corporação vitalícia e legislativa diferente da Câmara dos Deputados temporária e dissolvível.

Ficou o paço senatorial com duas faces, a menor voltada para o Campo, a principal deitando para o rua do Areal.

No edifício a sala das sessões primou pelo arranjo da bom gosto. Semi-circular o salão, damascos carmezes forravam-lhe paredes. Capitéis coríntios dourados sustentavam entablamento, no teto figuras de oradores célebres convidando à facúndia, Demóstenes perto de Cícero.

No fundo da sala estava o sólio imperial, decoberto nas sessões de Falas do Trono. Nos dias de sessões ordinárias era o sólio velado por cortinas verdes, veludo e seda, cortinas pesadas até vista de longe.

Abaixo do trono a Mesa do Senado, com lugares para o presidente e quatro secretários da assembléa.

Chamavam atenção na sala a tribuna da Imperatriz, presente às leituras das Falas do Trono, e a tribuna do Corpo Diplomático, por este ocupadas nas sessões de suma importância.

A luz, diurna ou noturna, não dava no quadro da Sala côres cruas. Sol ou lustres coavam no ambiente iluminação branda, sem impedir boa percepção de pessoas e objetos.

Fronteiras à mesa, ao alto, ficavam as galerias acessíveis a populares e sob a fiscalização de guardas privativos do Senado.

No recinto as cadeiras dos senadores, à beira das bancadas mesinhas volantes para taquígrafos.

Cada senador tinha cadeira habitual; olhar para o recinto na hora de sessão era encontrar cada senador no mesmo lugar, o que dava idéia de ordem e até disciplina em pessoas da mais alta categoria.

Das cadeiras do Senado, sólidas no seu magno, erguiam-se para orar e discutir os homens mais eminentes ou melhores do Brasil — Paranhos no discurso das Nove Horas, Sales Torres Homem justificando a lei do Ventre Livre, Caxias respondendo a acusações e na defesa retificando História, a da Guerra do Paraguai.

Mesmo vazia a sala do Senado impressionava. Um senador da República, procer desta, dissera a professor de seu filho: "Aconteceu-me alheiar-me de discussões, pondo-me a pensar nos homens e cenas do Velho Senado. Quanto dizia o recinto onde eu me achava representando terra do Norte, de quantas recordações eu me achei ao péso naquela sala histórica!"

Em certa época o Senado mudou-se para o Palácio Monroe, de rua do Areal passando à beira de praia, a de Santa Luzia.

Utilizaram o edifício do Senado, nele de sede Inspeção de Ensino. Aí, incumbido de rever provas de exame de consequentes despautérios, distinto professor de verdade lia aquelas provas no deserto salão do Senado. Ao descansar de coisas certas ou erradas, repassava na memória o muito que sabia de história pátria no recinto onde tantos grandes brasileiros haviam contribuído parlamentarmente para os nossos fastos.

E, sem saber, o professor-examinador repetia o que a professor confessara o senador da República, reportando-se a quanto o recinto do Velho Senado vira e ouvira.

Outra sala de bastantes ecos, de bastantes recordações, foi a sala nobre do Externato do Colégio de Pedro Segundo. O ministro João Alfredo autorizou-lhe a construção; realizou-a o arquiteto Bethencourt da Silva, discípulo de Grandjean de Montigny, que em 1838 apagara no Colégio feição de Seminário de S. Joaquim.

O Externato do Colégio de Pedro II recebeu magnífico salão nobre extenso e ornamental. Lindo soalho de variadas madeiras nossas, primorosos trabalhos de estuque, ampla tribuna de música, cariatides sustentando cimalha onde escudos com armas imperiais e setas, estas em lembrança da cidade de S. Sebastião, tudo isto e mais e mais recebeu a Sala Grande do Imperial Colégio de Pedro Segundo.

Nele, na presença do Imperador e da Imperatriz, solenemente, era colado grau a bacharelados em letras, e pelos próprios soberanos distribuídos prêmios a alunos de sobressaimento escolar, do 1.º ao 7.º ano recompensados quantos se haviam distinguido no ano letivo.

Escolhiam também os doutorandos em medicina o salão nobre do Colégio da rua Larga de S. Joaquim para o recebimento coletivo de grau médico, "na augusta presença de S. M. o Imperador", como se dizia e consignava em autos ou atas.

Descritas, historiadadas as três salas notáveis legadas pelo Rio de ontem ao de hoje, resta saber-lhes a sorte.

A sala do Senado está sendo demolida, a da Alfândega prestes a vir abaixo, a sala do Externato espera sua hora de picareta destruindo o que foi sem-segundo.

LISTRAS

1 — Duas peças estilo "chemisier", em tecido listrado. Bolsos embutidos no casaco. 2 — Vestido para manhã, em "rayon" branco com listras multicores. Saia tôda pregueada. O recorte da gola termina sôbre a cintura. 3 — Blusa lisa, com recortes formando bolso, e saia de listras, bastantê folgada. 4 — Vestido de listras largas. Dois grandes bolsos sôbre as cadeiras prendem os franzidos da saia. 5 — Bem interessante é êste modêlo com listras em dois sentidos. Mangas japonêsas. 6 — Modêlo bastante esportivo, com corpo comprido e saia em sentido contrário. Bolsos na blusa e larga pestana em todo o comprimento do vestido.



Meio Século

DE PREFERÊNCIA

Das damas do século passado à mulher elegante e dinâmica de hoje, perdura a tradição do uso do Sabonete de Reuter. Isento de substâncias nocivas e agradavelmente perfumado, o sabonete de Reuter satisfaz às epidermes mais delicadas.

Prefira o sabonete de Reuter, considerado, há meio século, um verdadeiro tratamento de beleza.

A venda em tôdas as farmácias e perfumarias.



Sabonete de Reuter

Rumo ao Egito

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 27)

— Se ele prometer casar e depois não cumprir, minha filha, nós podemos obrigá-lo — ensinavam as mães.

E as filhinhas obedientes tentavam extrair de Jeremy uma promessa. Mas ele já estava acostumado com tudo aquilo e sabia esquivar-se. Era, porém, um jogo fatigante, sendo preciso estar alerta a cada momento, para que nem uma frase sua registrada pelos ouvidos afiados das progenitoras pudesse ser interpretada como uma promessa, um compromisso.

Por isso ele viajava.

— Jeremy, você é incorrigível!

Vamos encontrar nosso herói sentado, pacientemente, aos pés de sua tia Emily, que fazia o seu sermão mensal.

— Jeremy, quando é que você vai criar juízo?

— Que espécie de juízo, titia? Juízo de casamento? Nunca!

— Mas Jeremy, você não compreende que não pode continuar vivendo assim, sem um lar, sem uma esposa que o auxilie, uma companheira?

— Sinto-me muito bem.

— Porque agora você é moço. Mas quando os anos vierem se empilhando nas suas costas, você há de sentir falta de uma companheira, de uma amiga compreensiva.

— E quem é a amiga compreensiva que a senhora me mostrou? Essas serigaitazinhas de salão?

— Oh, Jeremy! São môças da mais alta sociedade!

— Pois é: quanto mais alta, mais cacete. Não, titia. Eu hei de casar um dia, mas não com algumas dessas suas amiguinhas. E a senhora acha que quando eu ficar velho vou me arrepender?

— Acho que...

— Não é preciso insistir. Eu sei que vou precisar de uma companheira. Mas quando eu for velho, então, eu escolho uma velhinha para me fazer companhia.

Com uma gargalhada ele levantou-se. Tia Emily sorriu, indulgente.

— Afinal de contas, isso é somente a mocidade! Você depois aquietar. Agora só quer borboletear por aí...

— Se a senhora soubesse como é bom vagar pelo mundo sem compromissos... sem ter alguém para nos importunar...

— Nós voltaremos a conversar sobre isso quando você estiver mais sensato.

— Duvido muito que isso aconteça.

— Em todo caso...

Ao chegar em casa Jeremy vinha cansado daquela conversa. Era sempre a mesma coisa. Sempre os mesmos protestos. Pensou em viajar. Um navio ia partir rumo ao Egito. Ligou o telefone:

— Companhia de Navegação Western? Aqui quem fala é Jeremy Linton. Quero minha cabine, no "HMS Royal", que parte para o Egito depois de amanhã.

Não queria ser importunado, por isso foi para o seu clube, onde passou os dois dias que faltavam para a partida. Não recebeu, portanto, um telegrama com as desculpas da Companhia dizendo que infelizmente a cabine tinha sido vendida, por inadvertência de um empregado...

Annie Caroline recebeu um bilhete:

"Espere-me a bordo. Um homem de minha confiança estará em minha cabine, à sua espera."

A bordo ela se dirigiu para a cabine do patrão.

Jeremy estava desarrumando as malas quando viu a môça de pé, à porta.

— Disseram-me que o procurasse...

Isso é o cúmulo! — pensou ele. Até num navio...

— Naturalmente foi Mrs. Linton...

Annie Caroline não se lembrava bem do nome da mulher de Pordage. Sim, deveria ser a tal Mrs. Linton...

— Sim...

Jeremy bateu com a mala em cima da mesa e disse:

— Isso também é de mais!

Annie Caroline olhou-o surpreendida:

— Está zangado por alguma coisa?

Ele olhou-a, desconfiado. "Coitada! Parecia estar de boa fé! Mas a tia o perseguia até nas viagens"...

— Entre. Sente-se.

Ela entrou, muito intimidada.

— Tem alguma ordem?

Jeremy olhou-a surpreendido.

— Ordem?

— Disseram-me que o obedecesse...

Ele não estava entendendo nada. Foi sentar-se ao lado dela e disse:

— Mas, afinal de contas, quem é você?

— Eu sou Annie Caroline — disse a môça.

★

Foram presos antes de embarcar Pordage e seu amigo... A esposa já tinha sido detida há algumas horas.

— Quem é mesmo você? — perguntou Jeremy.

— Meu nome é Annie Caroline. E o tal homem me disse que aqui havia alguém da confiança dêle esperando por mim... E' o senhor?

"Então não era enviada por sua tia? Que estranho mistério esconderia aquela jovem?"

— Conte-me tudo.

★

Quando, dois meses mais tarde, Emily Linton recebeu um telegrama do Cairo anunciando o casamento, comentou:

— E aposto que ela nem é de boa família...

Do "East Indiaman" ao "Queen Elizabeth"

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 22)

motriz. Mas a adoção do vapor foi muito lenta em seu processo de aceitação, e a importância dos veleiros não começou a declinar senão em 1880. O aço tomou o lugar do ferro aproximadamente em 1860, e pelo fim do século já não eram construídos mais navios de ferro.

Com o advento do aço e do vapor, o tamanho e a velocidade foram grandemente aumentados. Em 1840 foi construído o "Britannia", de 1.154 toneladas, e em 1855 surgiu o "Persia", com 3.600 toneladas. Ao findar o século o maior navio do mundo era o "Oceanic", com 17.275 toneladas. Em 1903 foram lançados ao mar o "Lusitania" e o "Mauretania", cada um com 32.000 toneladas. O tamanho continuou a aumentar até 1934, quando foi lançado o "Queen Mary", com uma tonelagem bruta de 81.000 toneladas, e em 1938 apareceu o "Queen Elizabeth" com tonelagem ainda maior.

A velocidade e o tamanho desenvolveram-se lado a lado. A velocidade do "Britannia" era de 8 nós e meio, isto em 1840, mas antes de terminar o século já havia navios que perseguiam 23 nós. O "Queen Mary" cruzou o Atlântico com uma velocidade média de 30 nós e 63.

STANDARD CR\$ 115,00	ANEL ZODIAICO Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Man-de medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogos. Fábrica de Joias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.
FEDERAL CR\$ 165,00	AMERICA CR\$ 150,00
INCA CR\$ 285,00	CAPITAL CR\$ 265,00
	BRASIL CR\$ 300,00

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 — 2.º loja

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

Tia Candoca

(Continuação da página 17)

riam de sacrificar para comodidade daquela que, mais dia menos dia, levariam à cova?

Sinhá Bela olhou para fora, pela porta entreaberta.

— Vai buscar ela, Chico — disse — antes que venha a chuva.

O marido acendeu o pito e recostou-se na rede, fitando o teto. Não ousava encará-la.

— A velha se arranja — murmurou, voz arrastada. — Pede pousada no sítio de Sinhá Pulquéria.

E não se falou mais no assunto.

Veio a chuva.

O frágil casebre, acossado pela natureza enfurecida, assemelhava-se à Arca de Noé em meio do dilúvio. Ventanias esgalhavam os ingazeiros, desgrenhavam os carvalhos centenários, assobiando pelo matagal, carcomendo as paredes finas da morada. O riacho transbordara e a água barrenta invadia as plantações. As auroras, chuvosas e frias, obscurecidas pela cerração, amofinavam a família, que aguardava o estio, impaciente. Pelos caminhos barrentos e pelas ravinas pedregosas desciam filetes d'água, que mais adiante iam formar lamaçais e atoleiros. Pelo sapé do telhado corria a chuva, em cascata, penetrando à superfície, formando goteiras, que umedeciam o chão do barraco.

Paisagem triste.

De quando em quando uma fresta de porta ou uma janela aberta, por onde um rosto surgia. Chico fitava o temporal de esguelha, ruminando uma praga contra as intempéries. A tosse começava a atacar os seus, aquela tosse seca, renitente; a chuva não parava, aumentavam as goteiras, e tudo isso enchia-o de um funesto pressentimento.

— E tia Candoca, mãe? — novamente o paulificante do garoto repetia a pergunta. Desta vez, porém, encolhidinho a um canto, abatido, inquiriu à meia-voz, como que despertando da lassidão que o envolvia. Virou-se para o lado, procurando cochilar, certo de que não lhe dariam resposta.

Fazia já cinco dias de chuva incessante, e tia Candoca ainda não regressara da vila.

Afinal serenou a enxurrada.

Predominou, por certo tempo, uma cor plúmbea na amplidão. Passaram-se porém as nuvens com enorme rapidez, ao sopro da brisa, e o céu principiou a clarear.

A garotada saiu saltitante do barraco, em grande alarido, e pôs-se a chapinhar os pés nos

lodaçais. Corriam pelas cercanias, vendo os estragos da borrasca. Cada um tinha uma novidade para contar aos pais, notícias trágicas que os amarguravam.

Súbito, silencioso, Chico mu-

niou-se da pá e seguiu, rumo à estrada. Dispersou a filharada, que insistia em acompanhá-lo. Sinhá Bela viu a atitude do espôso, baixou os olhos e foi ver se encontrava algum pássaro tombado, para a janta.

Alcançando a estrada, o sertanejo pôs-se a segui-la, a passos lentos. Era um caminho sinuoso, que serpenteava a região, perdendo-se de vista entre outeiros e valados.

(Continua na pág. 43)



Grátis — para mulheres!

Doze dos mais empolgantes artigos de revista que V. já leu — reimpressos neste folheto para benefício de todas as mulheres que até hoje ainda não "descobriram" Seleções. Dentre centenaes de artigos, as leitoras de Seleções votaram nestes como sendo OS MELHORES DOS MELHORES. Leia agora a breve súmula do que são esses artigos, que V. pode receber inteiramente de graça neste atraente folheto. Para tal, basta remeter-nos o cupom junto.

Anuncie às suas amigas esta oferta GRATUITA e sem par!

"A mais rara das histórias de amor que eu já li, vem aqui publicada — e aconteceu assim mesmo!"



"Está cheia de idéias novas — o artigo sobre a educação das crianças foi-me uma ajuda incalculável!"

Porque confiamos que V. aceitará este folheto grátis. A revista Seleções tem conquistado uma vasta roda de leitoras, porque todas as mulheres que acham interessante a sua leitura falam dela às amigas, e lhes emprestam seus exemplares. E à medida que estas amigas descobrem por seu turno como a revista é fascinante, elas viram leitoras habituais, decididas a não perder um só número. Como V. talvez não seja ainda leitora habitual de Seleções, vamos oferecer-lhe esta coleção GRATUITA de artigos escolhidos pelas nossas próprias leitoras, como sendo os que mais lhes agradaram. Esperamos que, através desta "Seleção Feminina de Seleções", V. descubra por si mesma quantas horas de prazer a revista Seleções oferece, a par dum fundo de novidades e informações das mais cativantes, sobre grande diversidade de assuntos de interesse e atualidade.

Idéias novas a seu serviço — novas temas de conversação! Passatempo, inspiração, idéias novas que lhe permitem tirar maior prazer da vida, informações invulgares que lhe fornecerão novos temas de conversa para surpreender e divertir suas amigas — eis o que a espera neste folheto GRATUITO, "Seleção Feminina de Seleções". A revista Seleções, ela própria, já representa uma seleção de artigos realizada todos os meses entre mais de 500 publicações, o melhor de quanto aparece em livros e revistas que V. nunca teria tempo para ler! E este atraente folheto impresso a duas cores é uma "Seleção de Seleções" — "o melhor de melhor" — realizada pela escolha real de milhares de mulheres de inteligência e discernimento em todo o Brasil.

Tiragem limitada — não perca tempo! — A tiragem atual deste folheto novo e sem precedentes, é limitada a certo número de exemplares. Os pedidos já estão chegando aos montes, e se V. quer ter a certeza de receber o seu exemplar, é favor não perder tempo, e pedi-lo já. Escreva seu nome e endereço no cupom junto, ponha-o num envelope ou cole-o num cartão postal, e na volta do correio receberá o seu exemplar absolutamente grátis de "Seleção Feminina de Seleções".

Veja porque é que milhares e milhares de mulheres andam tão entusiasmadas com a leitura da revista Seleções... depois peça o seu exemplar grátis de "Seleção Feminina de Seleções".

"Complemento da mulher moderna"... "Seleções é o complemento da mulher moderna que, como eu, trabalha ao mesmo tempo que é esposa e mãe. Não dispondo assim de muito tempo, esta revista me proporciona, em breves horas de leitura correta, amena e fácil de assimilar, um panorama mundial."

— Laura Khalad de Garrido, esteno-dactilógrafa

"Leitura própria para adultos e crianças"... "Gosto de Seleções porque, como cristã, me edifica na Fé; como cidadã, me estimula; como filha, mãe e sogra, me orienta. Em sua amena leitura, própria para crianças e adultos, encontro a comunhão com Deus, e o mais que é necessário para levar uma existência decente e respeitada."

— Vicente Laura Ortiz Rodriguez, empregada de escritório

"Fascinante jornada espiritual"... "Para mim, Seleções é como um transatlântico em que embarca minha imaginação. Sempre que leio um novo número, sinto a emoção do viajante na hora da partida: cada artigo é um porto desconhecido, que me convida a uma fascinante jornada espiritual."

— Bertha Maig Miranda, estudante

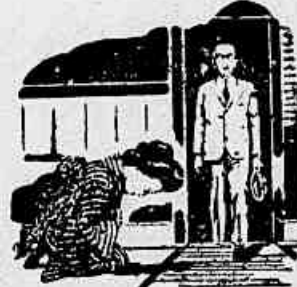
"Meu marido, meus filhos, e eu"... "Seleções acabou tornando-se uma revista indispensável em meu lar. Meu esposo como médico, eu como amadora de Arte, meus filhos com o ardente entusiasmo de sua estudiosa mocidade, todos encontramos nela um valioso auxiliar."

— Refúgio M. de la G. de Rodriguez

Seleções

UMA REVISTA LIDA PELA POPULAÇÃO
BEM INFORMADA EM TODO O MUNDO

As mulheres mais infelizes do mundo! Quando o marido toma banho, elas têm que estregá-lo por suas mãos. Quando ele passeia, a esposa deve segui-lo... Uma senhora que viveu no Japão descreve a lamentável existência das esposas japonesas, que entre outras coisas são forçadas a adotar os filhos das amantes de seus maridos!



Ele era cego — quando casou com ela! Mulher feia, ela receava o dia em que, recuperando a vista, ele descobrisse a sua fealdade. Mas o que sucedeu quando ele, de fato, recobrou a vista, surpreendeu a toda a gente, incluindo a própria esposa. Uma história de amor, tão autêntica quanto invulgar.

"Ele me queria muito bem!" Embora ela não fosse sua mãe, um grande presidente disse a seu respeito: "Tudo o que sou, devo-o ao anjo que me serviu de mãe." Comovente tributo a uma nobre e sensível mulher que a História deixou na obscuridade. Um dos artigos mais tocantes até hoje aparecidos em Seleções.

O médico que salvou o Brasil. De que maneira um médico "jovem, principiante e desconhecido" desencadeou a campanha que iria abolir no Brasil a peste bubônica e a febre amarela. Impressionante descrição da intrépida luta do Dr. Osvaldo Cruz, não só contra as pavorosas moléstias, mas contra a imprensa, os políticos, e o populacho quase sublevado contra as medidas de higiene!

O exemplo sentimental. Devem os esposos mostrar-se afetuosos um com o outro na presença dos filhos? Veja as razões por que o autor deste inusitado artigo pensa que as crianças têm tudo a ganhar em ver o amor externado no lar, entre os pais, e aprenda algumas expressões de afeição mútua que têm contribuído para fazer durar, numa atmosfera de felicidade, o seu casamento.



Tem dificuldades na criação de seus filhos? Leia então o caso da mãe que achou o engenhoso meio de ensinar boas-maneiras à filha, quando à mesa, e descubra como outros pais estão ensinando a seus filhos as simples e essenciais lições da vida. Fode ter certeza de encontrar conselho e auxílio nestas inspiradas e autênticas historietas, sob o título geral de "podemos ensinar os meninos a viver".

...Tudo isto, e mais seis absorventes artigos, que nenhuma mulher desejará deixar de ler... O cego, sua esposa e o despertador... Nunca tive o preparo que elas têm... Conheci um homem feliz... Valorizando o defeito físico para o trabalho... O multiforme poder curativo do sangue... Prevenção: o melhor remédio contra o cancer.

PARA RECEBER SEU EXEMPLAR GRÁTIS
QUEIRA CARTÃO E REMETER JÁ ESTE CUPOM

134-3

Seleções do Reader's Digest, a/o Sr.
Fernando Chinaglia, Rua do Rosario, 55A
2.º andar - Rio de Janeiro, Brasil

Queiram remeter-me um exemplar GRATUITO de
"Seleção Feminina de Seleções" — (sem qual-
quer desembolso ou obrigação de minha parte)

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____

DIABETE..OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Secção de Obesidade
e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cino-
lândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 13 às 16 horas.

Simples e elegante é este modelo apresentado pela simpática
Irene Dunne. Feito em crepe romano verde pistache; a blusa,
com mangas japonesas e gola alta, é enfeitada com ramagens
bordadas em vidrilhos num tom verde vivo. A saia é "godet",
com "pences" na frente. Faixa drapeada. (Foto Columbia)

Frigia

é simplesmente
notável!



...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta.
É um desodorante em
forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpira-
ção sem irritar a pele. Não
estraga as roupas.
- 3.º — É agradavelmente perfu-
mado e produz uma sensa-
ção de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente
a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bolsa, pôde
ser aplicado em qualquer
momento.

FRIGIA está registrado como pa-
tente de invenção sob n.º 29.830

A VENDA NAS
BOAS CASAS



Dist.: HERMANNY - C.P. 247 - RIO

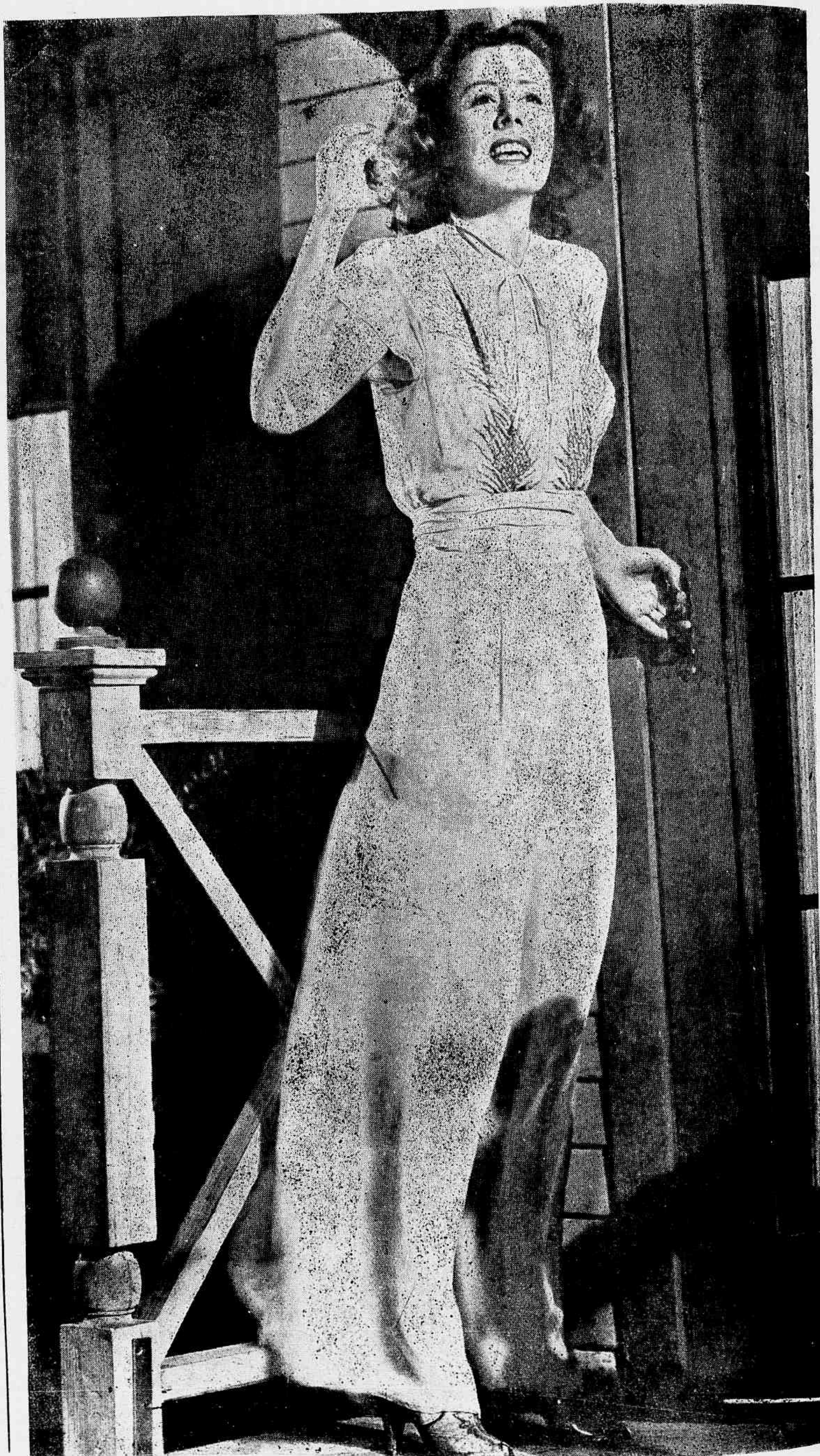
MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreta

Informações:
Rua Flack, 153-Blo. T. 29-2840
OLEO — LOÇÃO



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

Tia Candoca

(Continuação da página 41)

Aguardava, arfante, o momento em que se lhe depararia algo escuro, informe, estendido no caminho, semi-enterrado na lama. Assemelhar-se-ia a um monte de trapos. Aproximando-se, reconheceria tia Candoca, a velha que já o embalara em criança; que já lhe contara saborosas histórias do Saci-Pererê.

Olhando o terreno em volta,



é sempre
no mesmo
lugar...

Sim! Mas isto não acontece se a costura é feita com PURA SEDA. Evite aborrecimentos. Use somente retrôs de PURA SEDA. Todas as cores estão à venda nas boas lojas

SEDAS GUTERMANN S/A.
São Paulo - Caixa 3294

Fabricantes da
melhor linha de SEDA
para coser.

encharcado, viu que lhe seria árduo cavar a sepultura. Ademais, a meninada poderia chegar, a qualquer momento, em inspeção pelas cercanias. Ser-lhes-ia desagradável ver a velha morta.

Prendeu, com o cinturão, a pá nas costas, prestes a erguer o corpo enlameado e segurá-lo nos braços, assim que o visse. Caminharia, então, à procura de um terreno propício.

Agora uma nódoa de sangue tingia a serra. A noite, com seu manto negro, envolvia len-

tamente a região. Da capela do outeiro vinha-lhe o som do badalar de sinos. Seis horas. Hora da Ave-Maria.

Uma brisa passava, fresca.

Súbito, Chico estacou surpreso, estremecendo dos pés à cabeça. De uma das curvas do caminho surgiu o corpo pesadão, inconfundível, de tia Candoca, bamboleando as cadeiras. Que-
dou-se boquiaberto. Viu a velha aproximar-se, tocar-lhe no braço, sentindo-se no entanto ausente, abstrato.

— Que é, homem de Deus? —

berrou-lhe ao ouvido. — Parece que viu fantasma!

— Onde esteve a senhora? — articulou com dificuldade o rústico.

Tia Candoca piscou o olho, faceira, e, viva, bem viva, maliciosa, explicou-lhe:

— No sítio do Zé Fidelis! Cruz! Que homem! Não respeitava nem velha!

E soltou uma risadinha cretina.

Súbito, impertigando-se, recobrou a atitude austera:

— Nossa! Que dirá a vizinhança quando souber?



BOLO AMARELO

- | | |
|---|----------------------|
| 6 colhs. (sopa) manteiga ou outra gordura | 1 1/2 chics. farinha |
| 1 1/2 chics. açúcar | 1/2 chic. araruta |
| 1 colh. (chá) essência | 1 colh. (sopa) Royal |
| 2 ovos | 1 colh. (chá) sal |
| | 1/2 chic. leite |

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa, alternados com o leite, batendo sempre. Use fôrma untada, forno regular cerca de 50 min. e cubra com o seguinte glacê: numa panela, sobre fogo baixo, derreta 2 chics. açúcar, mexendo sempre até ficar dourado. Junte aos poucos 1 chic. leite bem quente, continuando a mexer. Junte 1 colh. (sopa) manteiga e tire do fogo. Quando estiver morno, bata até ficar cremoso e consistente.



Grátis!

Peca hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.



...e haverá sempre festa em seu lar!

Um lar em que há sempre bolos é um lar feliz... Bolos tornam a mesa mais farta, mais variada... e, sobretudo, muito mais festiva! Indubitavelmente! Vale a pena fazer bolos! É só começar! E, mesmo fora das grandes datas, sentirá logo que a presença de bolos cria em seu lar um ambiente de constante festa... Por certo, para garantia do êxito, utilize o Livro de Receitas Royal, usando o produto de qualidade e de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal.

FERMENTO ROYAL

a chave de mil e um
pratos deliciosos!

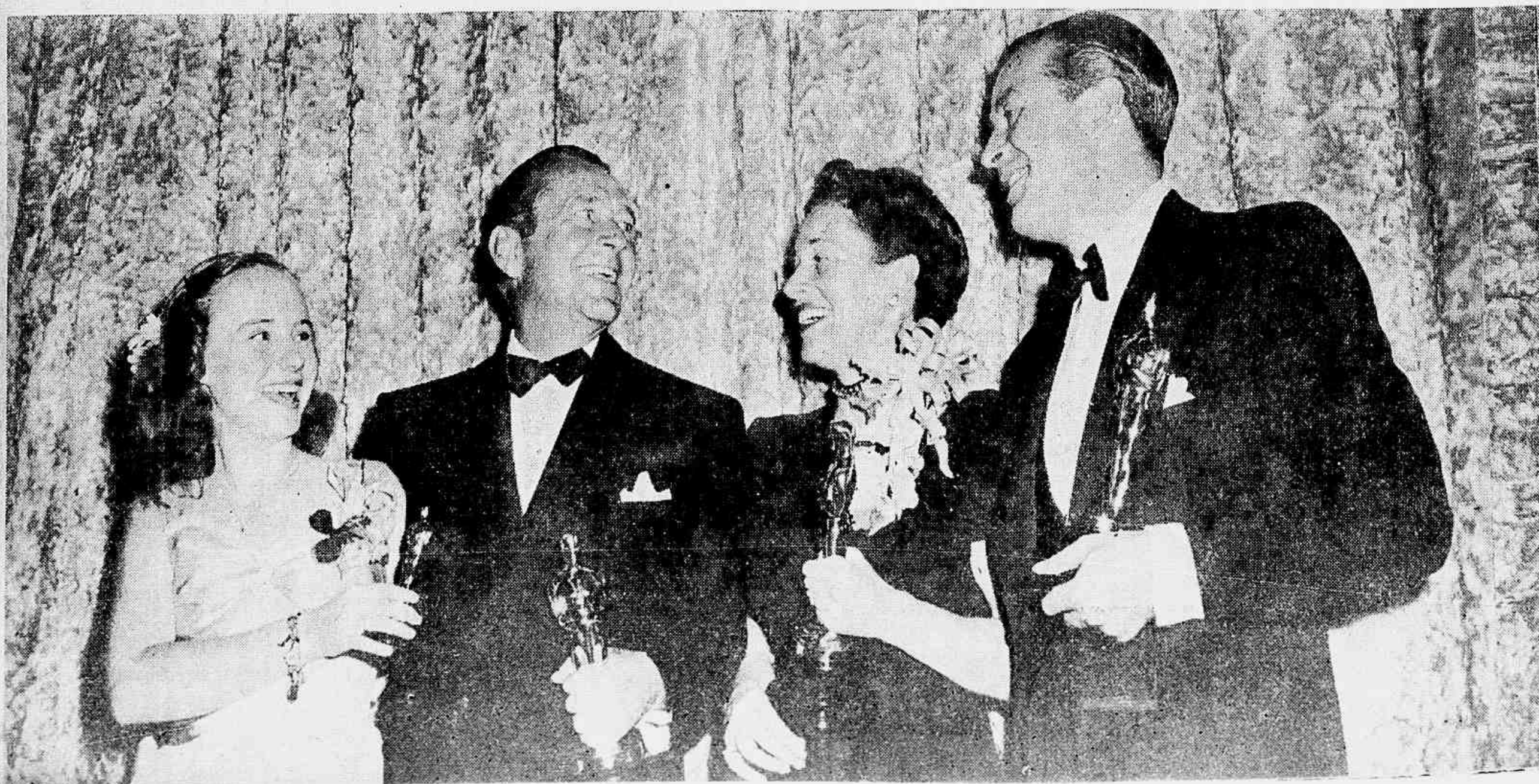
A REVISTA EM HOLLYWOOD

Hollywood, março — Teve lugar recentemente a entrega das simbólicas estatuetas aos "astros", "estrêlas", diretores e outros artistas e técnicos que foram contemplados com os prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas pelos seus trabalhos em 1945. "Farrapo Humano" (The Lost Weekend) foi considerada a maior produção do ano e Ray Milland, pela sua atuação nessa película, recebeu o prêmio reservado ao melhor "astro". Como "estrêla", foi contemplada Joan Crawford, que não pôde receber o Oscar durante a cerimônia, por se encontrar acamada. Respectivamente, como ator e atriz secundários, foram laureados James Dunn e Ann Revere. Coube o Oscar ao diretor Billy Wilder, ainda pela filmagem de "Farrapo Humano". Foram ainda premiados Hans Dreier e Ernst Fegte, como diretores artísticos, e Sam Comer como decorador, pela apresentação da fita "Gaivota Negra".

JOAN CRAWFORD refletida num espelho, numa das passagens do filme que lhe deu o Oscar, e que será exibido para os brasileiros com o título "Alma em suplicio". Joan não pôde comparecer à cerimônia da entrega dos prêmios que, depois de tantos anos de grandes performances como atriz dramática, representou a sua consagração suprema. A estatueta lhe foi entregue por Charles Boyer em seu leito de enferma.



DURANTE A CERIMÔNIA da entrega dos Oscars de 1945, o fotógrafo conseguiu o flagrante acima, que fixa um grupo onde aparecem velhos portadores da estatueta simbólica e novos contemplados. São eles, da esquerda para a direita: James Dunn, Peggy Ann Garner, Jean Hersholt, Bob Hope, Dore Schary, Ingrid Bergman, Ray Milland e Ann Revere. Em baixo: outro grupo, formado por quatro "astros" que receberam a suprema distinção do cinema: Peggy Ann Garner, James Dunn, Ann Revere e Ray Milland.





Acima reproduzimos as fotos de alguns dos contemplados com os prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas pelas suas atuações em 1945. Constituiu surpresa para todos os "fans" do mundo a vitória de Joan Crawford, que foi a atriz laureada. Ray Milland conquistou o Oscar destinado ao maior ator, pela sua atuação magnífica em "The Lost Week-End", que será exibido no Brasil sob o título "Farrapo Humano". Nas fotos acima vemos: ao alto, à esquerda: Ingrid Bergman, portadora do Oscar de 1944, em companhia de Ray Milland, detentor do prêmio de 1945. Ao alto, à direita: Ray Milland quando recebia o prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Em baixo, à esquerda: Betty Davis, entregando os oscars a Charles Brackett e Billy Wilder. Por último, Ginger Rogers entregando o prêmio a Sam Comer, o decorador premiado em 1945, pela montagem de "Frenchman's Creek" magnífico technicolor da Paramount

MODELOS PARA A TARDE



1 — Modelo próprio para reuniões, feito em crepe de França azul. Original decote, ligeiramente drapeado, arrematado com dois "clips". Profunda prega na saia, pespontada dos dois lados. Laço arrematando o pesponto da cintura. 2 — Vestido de seda verde, com interessante corte na blusa, formando drapeados e dando um grande laço na cintura. Pequeno grupo de pregas na frente da saia. 3 — Modelo bastante elegante, em seda azul marinho. Mangas curtas, franzidas no meio. Recortes na blusa donde saem panos franzidos. Grande laço na frente. 4 — Vestido de crepe "fucsia", com original decote. A blusa termina em ponta, prendendo os franzidos da saia. Botões fantasia. 5 — Elegantíssimo modelo para a tarde, feito em seda. Decote redondo e aplicação de renda na parte superior da blusa. De renda também é o grande laço colocado com grande chic no lado esquerdo sobre os quadris.

9 — Modelinho de crepe esmeralda. Decote em U, moderníssimo. Ao redor do mesmo e formando bolsos na saia, babados enviezados. 10 — Vestido em crepe mostarda. Recortes pespontados na blusa, terminando em laços. Bolsos redondos na saia, também pespontados e ainda com laços.



6 — Cortes enviezados e ligeiros drapés caracterizam este modelo em crepe azul de França. 7 — Modelos simples e elegante, em seda verde. No corpo e na barra da saia nervuras enviezadas. 8 — Vestido de seda azul marinho, trabalho em bainha aberta. Saia ligeiramente drapada dum lado. Do outro lado grande laço.



Jockey Club MUNDANO



Obteve franco sucesso o baile de Carnaval realizado na sede do Jockey Club Brasileiro. Como sempre, o baile da aristocrática associação constituiu a nota mais brilhante e distinta das comemorações dos folguedos de Momo no Rio de Janeiro. Nesta página reproduzimos vários aspectos do baile do Jockey Club Brasileiro, pelos quais se pode ter uma idéia do que foi a elegante festa. Centenas de foliões lotaram os salões da aristocrática sociedade, enchendo de música e de alegria a bela sede do Jockey, que viveu este ano mais um grande dia, com a realização de seu baile momesco.



A DÍVIDA

Conto de
ARTUR AZEVEDO

I

MONTENEGRO e Veloso formaram-se no mesmo dia, na Faculdade de Direito de São Paulo. Depois da cerimônia da colação do grau, foram ambos enterrar a vida acadêmica num restaurante, em companhia de outros colegas, e era noite fechada quando se recolheram ao quarto que, havia dois anos, ocupavam juntos em casa de umas velhotas na rua de São José. Aí se entregaram à recordação da sua vida escolástica, e se enterneceram defronte um do outro, vendo aproximar-se a hora em que deviam separar-se, talvez para sempre. Montenegro era de Santa Catarina e Veloso do Rio de Janeiro; no dia seguinte aquele partiria para Santos e este para a capital do Império. As malas estavam feitas.

— Talvez ainda nos encontremos, disse Montenegro. O mundo dá tantas voltas!

— Não creio, respondeu Veloso. Vais para a tua província, casas-te, e era uma vez o Montenegro.

— Caso-me?! Aí vens tu! Bem conheces as minhas idéias a respeito do casamento, idéias que são, aliás, as mesmas que tu professas. Afiango-te que hei de morrer solteiro.

— Isso dizem todos...

— Veloso, tu conheces-me há muito tempo: já deves estar far-

to de saber que eu quando digo, digo.

— Pois sim, mas há de ser difícil que em Santa Catarina te possas livrar do **conjugo vobis**. Na província ninguém toma a sério um advogado solteiro.

— Enganas-te. Os médicos, sim; os médicos é que devem ser casados.

— Não me engano tal. Na província o homem solteiro, seja qual for a posição que ocupe, só é bem recebido nas casas em que haja môças casadeiras.

— Quem te meteu essa carminhola na cabeça?

— Se fosses, como eu, para a Côrte, acredito que nunca te casasses; mas vais para o Destêro: estás aqui estás com uma ninhada de filhos. Queres fazer uma aposta?

— Como assim?

— O primeiro de nós que se casar pagará ao outro... Quanto?

— Vê tu lá.

— Deve ser uma quantia grande.

— Um conto de réis.

— Upa! Um conto de réis não é dinheiro. E' preciso que a aposta seja de vinte contos, pelo menos.

— Ó Veloso, tu estás doido? Onde vamos nós arranjar vinte contos de réis?

— O diabo nos leve se aqueles canudos não nos enriquecerem!

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

— Está dito! Aceito! Mas olha que é sério!

— Muito sério. Vai preparando papel e tinta enquanto

vou comprar duas estampilhas.

— Estampilhas?

— Sim, senhor! Quero o preto no branco! Há de ser uma obrigação recíproca, passada como todos os éfes e erres!

Veloso saiu e logo voltou com as estampilhas.

— Senta-te, e escreve o que te vou ditar.

Montenegro sentou-se, tomou a pena, mergulhou-na no tinteiro e disse:

— Pronto.

Eis o que o outro ditou e ele escreveu:

"Devo ao bacharel Jaime Veloso a quantia de vinte contos de réis, que lhe pagarei no dia do meu casamento, oferecendo como fiança desse pagamento, além da presente declaração, a minha palavra de honra."

— Agora eu! disse Veloso, sentando-se:

"Devo ao bacharel Gustavo Montenegro a quantia de vinte contos de réis... etc."

As declarações foram estampilhadas, datadas e assinadas, ficando cada um com a sua.

No dia seguinte Montenegro embarcava em Santos e seguia para o Sul, enquanto Veloso, arrebatado pelo trem de ferro, se aproximava da Côrte.

II

Montenegro ficou apenas três anos em Santa Catarina, que lhe pareceu um campo dema-

(Continua na pág. 51)

Harmonioso como a *Musica no seu Lar*

**LUSTRES
CANDELABROS
CASTIÇAIS
APLIQUES**

Os lustres de cristal, criação altamente artistica, constituem o complemento das mais modernas e luxuosas residencias. Escolha os lustres de cristal fabricados pela Cristaleria Lusitana que lhe oferece uma variedade de lindos modelos dignos de um ambiente de bom gosto.

**CRISTALERIA
LUSITANA
LTDA**

AV. CELSO GARCIA, 1501 - TELEFONE 9-3710 • SÃO PAULO
RUA BUENO AIRES, 52, 1.º ANDAR - TELEFONE 43-1521 • RIO DE JANEIRO

MULHERES

QUE O MUNDO NÃO ESQUECEU

Florence Nightingale

FISIONOMIA delicada e terna, olhar firme, calma e serena, assim era Florence Nightingale, que o mundo passou a admirar como uma das suas figuras mais humanas e perfeitas.

Nascida em 1820, era filha de William Shore Nightingale, rico proprietário de terras, e neta, por parte de mãe, de William Smith, conhecido filantropo e membro do parlamento inglês.

Florence recebeu aprimorada educação; seus conhecimentos iam dos clássicos à matemática, e além disso falava com perfeição, afora a sua língua natal, o francês, alemão e italiano. Desde pequena, dedicava grande atenção aos que sofriam; adorava os animais e tinha especial prazer de tratá-los quando adoeciam. Mocinha, com fortuna, beleza e educação, longe de frequentar festas, procurava sempre praticar a caridade, visitando doentes pobres e tudo fazendo para minorar-lhes o sofrimento. Estudava com afinho tudo aquilo que pudesse auxiliá-la na sua piedosa tarefa. Viajou por diversos países da Europa e, quando na Alemanha, conheceu o pastor luterano Fliender, homem boníssimo que quase que inteiramente só fundou um asilo para mulheres delinquentes, para crianças que trabalhavam em fábricas, um hospital para mulheres dementes e uma casa de descanso para enfermeiras. Essa congregação protestante atingiu cerca de 700 irmãs e duzentos estabelecimentos. Florence Nightingale permaneceu algum tempo na instituição de mulheres delinquentes, onde aprendeu muito depressa o que se referia à enfermagem e ao tratamento dispensado às infelizes. Foi essa a melhor discípula que teve o pastor alemão.

Voltando à Inglaterra, imediatamente Florence se pôs em ação. Ela soube que um hospital para professoras ia fechar por falta de meios e de administração. Deixou então o conforto do seu lar e ali se instalou, conseguindo, em pouco tempo, firmar o hospital em bases sólidas. Sua saúde delicada ficou um pouco abalada, mas continuou firme no desempenho da sua missão.

Chegou a guerra da Criméia; a Inglaterra enviou seus homens para lutar no mar Negro, na Rússia. O correspondente do "Times" mandava para o seu jornal notícias desoladoras. Os soldados morriam mais de moléstias e falta de cuidados especiais do que propriamente em combate. Não havia roupas, remédios, alimentos, nem o mais simples conforto nas trincheiras, e a depressão era geral entre as tropas.

Levantou-se então a voz do povo inglês e imediatamente foi feita uma coleta, apurando-se soma avultada que foi invertida em roupas, cobertores, remédios e alimentos.

Mas ainda faltava qualquer coisa: o consolo de uma mulher. Em toda a Inglaterra só havia um nome indicado para levar calma e consolo aos soldados e essa mulher era Florence Nightingale. Quando o governo pensou em chamá-la, ela mesmo se ofereceu espontaneamente, pondo-se à disposição para qualquer tarefa. Deu-lhe então o governo inglês poderes ilimitados para a organização de um corpo de enfermeiras que se dirigisse ao campo de batalha. O nome de Florence Nightingale foi pronunciado em todo país com respeito e admiração. Com trezentas enfermeiras ela abandonou a Inglaterra com destino à Criméia. Seu trabalho foi imenso. A princípio teve que vencer a resistência de médicos militares, que achavam que o ambiente ali não era propício à mulher. Pouco a pouco, porém, essa resistência foi vencida e o seu trabalho coroado do maior êxito. Florence velava dia e noite; era incansável; transformou aquele salão onde se amontoavam colchões imundos e onde não havia passagem entre dois colchões para uma pessoa sequer, num salão claro, com camas limpas e doentes limpos e bem tratados. Era adorada por todos os soldados, que escreviam para suas casas enaltecendo a sua grande obra.

Terminada a guerra, volta gloriosa para a Inglaterra. O seu país recebe-a como heroína; a rainha Vitória presenteia-a com uma cruz de esmalte e rubi, com a inscrição: "Bem aventurados os misericordiosos" e ainda "Criméia". O governo ofereceu-lhe 250.000 dólares para fundar o hospital São Tomás, em Londres.

Recebeu muitas homenagens entre as quais, em 1908, a Ordem do Mérito, concedida pelo rei Eduardo VII, comenda que foi concedida apenas a poucos homens ilustres.

No dia 13 de agosto de 1910, morreu essa mulher valorosa cujo exemplo é seguido pelas mulheres do mundo inteiro, e que já em duas guerras demonstraram que não foi em vão a luta, o sacrifício e a abnegação de uma mulher que o mundo nunca esquecerá: Florence Nightingale.

FEMININA

CONSELHOS

Para limpar as pinturas a óleo, há um processo bastante econômico e simples. Aplica-se a metade de uma batata sobre a pintura e esfrega-se suavemente de modo circular. Quando a superfície de batata estiver suja, corta-se uma rodela e torna-se a esfregar o quadro até que o mesmo apresente cores brilhantes.

★

Para preparar conservas vegetais deve-se usar vinagre de boa qualidade e bem forte. Só assim se neutraliza a influência da água que os frutos contêm e que reduz a ação do vinagre.

★

A limpeza dos espelhos pode ser feita com o emprêgo de uma mistura de gesso, água e vinagre. Aplica-se essa massa sobre o espelho, esfregando-se de leve e enxugando-se depois com um pano fino bem limpo.

★

O melhor método para limpar as teclas do piano consiste em esfregá-las com um paninho embebido em éter sulfúrico. Muitas vezes esse processo deve ser repetido, mas os seus resultados são os melhores.

PARA O ALMOÇO

OVOS COM PRESUNTO
CARNE COM CEBOLADA
DOCE DE CÔCO COM GEMAS

OVOS COM PRESUNTO

Passe manteiga em fatias de pão, passe uma camada muito leve de mostarda, deite por cima uma fatia de presunto e sobre essa coloque um ovo pochê. Polvilhe com salsa frita e sirva.

CARNE COM CEBOLADA

Corte bifes finos de alcatra de vitela e do mesmo modo 2 cebolas em rodela. Tempere os bifes com sal. Arrume numa caçarola uma camada de bifes, uma de cebolas, outra de pedacinhos de toucinho "Bacon". Regue com uma colher de sopa d'água onde já desfez 1 colher de sopa de massa de tomates. Abafe bem a caçarola e deixe cozinhar lentamente.

DOCE DE CÔCO COM GEMAS

Rale um côco muito fino e reserve. Faça uma calda com 250 grs. de açúcar, dê o ponto de fio brando, deixe esfriar, junte 6-gemas e leve ao fogo brando, juntando nessa ocasião o côco ralado. Não deixe ferver para não talhar as gemas. Quando retirar do fogo junte ½ colher de essência de baunilha. Sirva em compoteira.

PARA A NOITE

SOPA DE ABÓBORA COM FEIJÃO BRANCO
POMBOS GRElhADOS NO FORNO
CREME DE CÔCO

SOPA DE ABÓBORA COM FEIJÃO BRANCO

Ferva com 2 litros d'água, ½ quilo de costela, 100 grs. de paio, 250 grs. de feijão branco, ½ quilo de abóbora, 1 alho porrô, 1 cebola, 2 tomates, sal e pimenta a gosto.

Duas horas depois tudo por peneira, inclusive o feijão e a abóbora, que devem desaparecer. Leve ao fogo novamente, junte mais um pouco e sirva com pedacinhos de pão torrado.

POMBOS GRElhADOS NO FORNO

Escolha pombos bem novos, lave-os bem, condimente-os a gosto, passe-os em manteiga derretida, depois em farinha de rosca e leve-os ao forno para grelhar.

PUDIM DE MINAS

Bata 4 gemas com 4 claras, junte 3 chécaras de açúcar, 1 prato raso de queijo de Minas ralado, 1 colher de manteiga derretida, 1 colher de sopa de farinha de trigo, 1 colher de chá de canela em pó e um cálice de rum. Misture tudo e deite em forma acaramelada. Leve ao forno em banho-Maria.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A dívida

(Continuação da página 49)

siado estreito para as suas aspirações: foi também para a Côte, onde o conselheiro Brito, velho e conhecido advogado, amigo da família dêle, paternalmente se ofereceu para encaminhá-lo, oferecendo-lhe um lugar no seu escritório.

Chegado ao Rio de Janeiro, o catarinense desde logo procurou o seu companheiro de estudos, e não encontrou da parte dêste o afetuoso acolhimento que esperava. Veloso estava outro: em três anos transformara-se completamente. Montenegro veio achá-lo satisfeito e feliz, com muitas relações no comércio, encarregado de causas importantes, morando numa bela casa, frequentando a alta sociedade, gastando à larga.

O catarinense, que tinha uma alma grande, sinceramente estimou que a sorte com tanta liberalidade houvesse favorecido o seu amigo; ficou, porém, deveras magoado pela maneira fria e pelo mal disfarçado ar de proteção com que foi recebido.

Veloso não se demorou muito em falar-lhe da aposta de São Paulo.

— Olha que aquilo está de pé!

— Certamente. A nossa palavra de honra está empenhada.

— Se te casas, não te perdão a dívida.

— Nem eu a ti.

Os dois bacharéis separaram-se friamente. Veloso não pagou a visita a Montenegro, e Montenegro nunca mais visitou Veloso. Encontravam-se às vezes, fortuitamente, na rua, nos bondes, nos tribunais, nos teatros, e Veloso perguntava infalivelmente a Montenegro:

— Então? Ainda não és noivo?

— Não.

— Que diabo! estou morto por entrar naqueles vinte contos...

III

Um dia, Montenegro foi convidado para jantar em casa do conselheiro Brito. Não podia faltar, porque fazia anos o seu venerando protetor, mestre e amigo. Lá foi, e encontrou a casa cheia de gente.

Passeando os olhos pelas pessoas que se achavam na sala, causou-lhe rápida e agradabilíssima impressão uma bonita môça que, pela elegância do vestuário e pela vivacidade da fisionomia, se destacava num grupo de senhoras.

Era a primeira vez que Montenegro descobria no mundo real um físico de mulher cor-

respondendo pouco mais ou menos ao ideal que formara.

Não há mulher, por mais inexperiente, a quem escapem os olhares interessados de um homem. A môça imediatamente percebeu a impressão que produzia, e, ou fôsse que por seu turno simpatisasse com Montenegro, ou fôsse pelo desejo vaidoso de transformar em lavareda a fagulha que faiscaram seus olhos, o caso é que se deixou vencer pela insistência com que o bacharel a encarava, e esboçou um dêsses indefiníveis sorrisos que nas batalhas do amor equivalem a uma capitulação. O acôrdo tácito e imprevisito daquelas duas simpatias foi celebrado com tanta ra-

pidez, que Montenegro, completamente hóspede na arte de namorar, chegou a perguntar a si mesmo se não era tudo aquilo o efeito de uma alucinação.

O namôro foi interrompido pela espôsa do conselheiro Brito, que entrou na sala e cortou o fio a tôdas as conversas, dizendo:

— Vamos jantar.

A mesa, por uma coincidência que não qualificarei de notável, colocaram Montenegro ao lado da môça.

Escusado é dizer que ainda não tinham acabado a sopa, e já os dois namorados conversavam um com o outro como se de muito se conhecessem. Na altura do assado, Montenegro

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

acabava de ouvir a auto-biografia, desenvolvida e completa, da sua fascinadora vizinha.

Chamava-se Laurentina, mas tôdas as pessoas do seu conhecimento a tratavam por Lalá, gracioso diminutivo com que desde pequenina lhe haviam desfigurado o nome. Era órfã

(Continua na página 55)



Um PERFUME

Inesquecível!

Os perfumes são as recordações mais duradouras!...

Eles são a música dos sentidos e ficam na memória como as canções!...

E ha um perfume que nunca mais se pode esquecer: — é o perfume ORGANDY de BAZIN. O perfume que é sensibilidade, o perfume que é uma noite cheia de estrelas, o perfume do amor e da poesia!...

Água da Colônia
Brilhanina
Extrato
Loção
Óleo perfumado
Pó de Arroz
Sabonete
Talco

Organdy

de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

A VENDA EM TODO O BRASIL

Plus ça change...



**O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.**



Peça-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS
 tendo a certeza de ser atendido
 por **LUTZ, FERRANDO** com a
 mesma garantia e eficiencia como
 se o fôsse pessoalmente pelos
 nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente calibrados de acordo com a receita do oculista. Adquira seus óculos pelo sistema de reembolso.

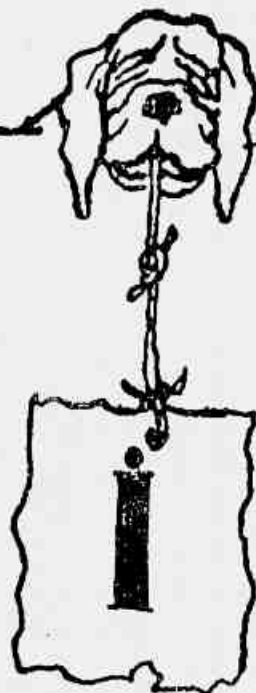
PEÇA CATÁLOGO GRATIS À

LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 • RIO DE JANEIRO

Desperte a Bilis 'do seu Fígado'

e saltará da cama disposto para tudo
 Seu fígado deve produzir diariamente
 um litro de bile. Si a bile não corre
 livremente, os alimentos não são dige-
 ridos e apodrecem. Os gases incham o
 estômago. Sobrevem a prisão de ventre.
 Você se sente abatido e como que en-
 gatinado. Tudo é amargo e a vida é
 um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pímulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bile e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bile correr livremente. Peça as Pímulas Carters para o fígado. Não existe outro produto. Preço Cr\$ 5,00



9



- 3 -



5. . . .



- Que é que dá?



- Quando diremos: "Líbera nos, Dómine"!

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

Máscaras Negras

(Continuação da pág. 34)

Tomou meu braço, abandonou seu pôsto e pôs-se a procurar na multidão.

— Ei-la — disse, enfim.

Fez-me sentar perto de uma mulher alta, com uma máscara preta, como as outras, e desapareceu. Surpreso, eu disse:

— Eis uma situação difícil. Deve ter notado, pelo meu sotaque, que eu sou francês. Sem dúvida, nunca tornarei a vê-la... Estou disposto a confiar-lhe meus segredos, como se confia nos fantasmas... ou como a pessoa se liberta nos sonhos.

Minha vizinha tinha mãos expressivas. Aceitou o jogo com espírito. A princípio achei-a um pouco audaciosa de mais para meu gosto. Ela revelava estranhos desejos nesse vocabulário ingenuamente científico que Freud e seus discípulos emprestaram ao povo anglo-saxão. Mas logo ela começou a falar tão bem do lado animal que há em todos nós, de coisas íntimas

que ninguém revela, que eu fui conquistado pela sua eloquência.

— Quem é você? — perguntei, maravilhado.

Mas ela levantou-se:

— Passei uma noite agradável. Devemos ficar nesse ponto. Adeus...

Dez anos mais tarde Lady Shatfield revelou-me que minha interlocutora era Miriam

Cooper. Muito depois eu vim a descobrir que Walter Cooper, quando bebia, também falava em idêntico tom selvagem, que contrastava com a pureza de sua vida...

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Nas cores:

- * Branco
- * Rosa
- * Raquel
- * Ocre-claro
- * Ocre-escuro

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

De música

POR QUE OUVIMOS MÚSICA?

Não é nova a idéia de um curso de apreciação musical. Nas universidades americanas há aulas especiais com o objetivo de ensinar os estudantes a ouvir as obras dos maiores compositores. Um leitor, contudo, apresenta uma interessante sugestão, baseada no método empregado pelo professor inglês Richards com respeito à literatura e que bem poderia ser adaptado à música. Experiências nesse sentido esclareceriam mais detalhadamente o motivo pelo qual o ouvinte gosta ou não de determinada peça, permitindo, assim, ao mestre explicar precisamente aqueles pontos que parecem mais obscuros, de acordo com as respostas apresentadas. O método do professor Richards é simples. Ele limitou-se a reunir uma série de poemas, na qual estavam incluídas obras primas dos maiores poetas e versos sem o menor valor e, assegurando-se de que as pessoas submetidas ao "test" não conheciam as páginas escolhidas, pediu-lhes que lessem cuidadosamente tudo aquilo e dessem sua impressão. Quais eram os mais belos versos e os mais fracos? Por que preferiam uns e achavam outros mal feitos?

Baseado nas respostas apresentadas, o professor Richards escreveu um longo tratado a respeito do mecanismo da apreciação da poesia, discutindo minuciosamente as reações mais comuns diante de um poema, a noção mais geral de poesia. Uma experiência dessa categoria fornece, portanto, documentação valiosíssima, permitindo um estudo mais aprofundado da maneira pela qual a música age sobre um grupo de indivíduos. Poderíamos reunir algumas pessoas que não conhecessem bem música e procedermos como o escritor inglês. Algumas peças cuidadosamente selecionadas seriam executadas e a seguir pediríamos que dessem sua impressão, não esquecendo de citar as razões por que encontram mais qualidades em umas do que em outras.

Aliás, mesmo que não se efetuasse a experiência, estão à disposição dos que quiserem empreender o estudo as bases para a construção de uma teoria: são opiniões sobre música em geral e sobre determinadas obras, em particular encontradas nos livros de escritores que de vez em quando arriscam uma observação puramente subjetiva a respeito dessa arte.



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Um exemplo entre muitos é a seguinte observação de Sergio Milliet:

"Villa Lobos me comove com o 'Índio Branco'. Uma centelha de gênio justifica todas as excentricidades. De Guarnieri me agrada gostosamente a toada cabocla. Sinto menos Debussy pianista; não entendo de música, mas tenho a mesma impressão superficial e bonitinha dos poemas de Henri de Regnier. Já o Debussy orquestral me parece muito mais 'poussé'.

Em torno dessa opinião a respeito de Debussy poder-se-ia ensaiar uma análise da apreciação musical, que fôsse mais além da simples observação de um ponto de vista falso.

São inúmeros os exemplos e não é difícil encontrá-los. Quem estará disposto a fazer este trabalho?

Roberto Lyra Filho

Vida de perigos a vida da mulher

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos, cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: se vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc., tudo está bem. Mas se aparece em abundância ou, ao contrário, diminuído, irregular ou retardado, então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes — os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias, e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras — e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N.º 2 para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N.º 1 ou o Regulador Xavier N.º 2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males, conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida.



TONIFIQUE SUA CUTIS COM ANTISARDINA Nº 1

Rugas precoces são produzidas pela perda de elasticidade da pele enfraquecida.

ANTISARDINA é um tônico vivificador das células da epiderme.

ANTISARDINA não rejuvenesce, prolonga a mocidade da cutis.



Pedidos a

DISTRIBUIDORA ANTISARDINA LTDA.
Cx. Postal, 80 - Curitiba - Paraná

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIQUINA

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DA ENERGIA AOS MÚSCULOS

A dívida

(Continuação da pág. 51)

de pai e mãe. Vivia com uma irmã de seu pai, senhora bastante idosa e bastante magra, que estava sentada do outro lado da mesa, cravando na sobrinha uns olhares penetrantes e indagadores. Os pais não lhe deixaram absolutamente nada, além da esmeradíssima educação que lhe deram; mas a tia, que generosamente a acolheu em sua casa, tinha, graças a Deus, alguma coisa, pouca, o necessário para viverem ambas sem recorrer ao auxílio de estranhos nem de parentes. Para não ser muito pesada à tia, Lalá ganhava algum dinheiro dando lições de piano e canto em casas particulares; eram os seus alfinetes.

— Fui educada um pouco à americana, acrescentou; saio sozinha à rua sem receio de que me faltem ao respeito, e sou o homem lá de casa. Quando é preciso, vou eu mesma tratar dos negócios de minha tia.

E elevando a voz:

— Não é assim, titia?

— É, minha filha, respondeu do lado oposto a velha, embora sem saber de que se tratava.

Lalá era suficientemente instruída, e tinha algum espírito mais que o comum das senhoras brasileiras. Essas qualidades, realmente apreciáveis, tomaram proporções exageradas na imaginação de Montenegro.

Este disse também a Lalá quem era, e contou-lhe os fatos mais interessantes da sua vida, exceção feita, já se sabe, da famosa aposta de São Paulo.

E tão entretidos estavam Montenegro e Lalá nas mútuas confidências que cada vez mais os prendiam, que nenhuma atenção prestaram aos incidentes da mesa, inclusive os brindes, que não foram poucos.

Acabado o jantar, improvisou-se um concerto e depois dançou-se. Lalá cantou um romance de Tosti. Cantou mal, com pouca voz, sem nenhuma expressão, e a Montenegro pareceu aquilo o *non plus ultra* da cantoria. Dançou com ela uma valsa, e durante a dança apertaram-se as mãos com uma força equivalente a um pacto solene de amor e fidelidade.

Ele sentia-se absolutamente apaixonado quando, de madrugada, se encaminhou para casa, depois de fechar a portinhola do carro e magoar os dedos da môça num último apêto de mão.

Era dia claro quando o bacharel conseguiu adormecer. Sonhou que era quase marido. Estava na igreja, de braço dado a Lalá, deslumbrante nas suas vestes de noiva. Mas ao subir com ela os degraus do altar, reconheceu na figura do sacerdote, que os esperava de braços erguidos, o seu colega Veloso, credor de vinte contos de réis.

IV

Nesse mesmo dia Montenegro estava sozinho no escritó-

rio, e trabalhava, quando entrou o conselheiro Brito.

— Bom dia, Gustavo.

— Bom dia, conselheiro.

O velho advogado sentou-se e pôs-se a desfolhar distraidamente uns autos; mas, passados alguns minutos, disse muito naturalmente, sem levantar os olhos:

— Gustavo, aquilo não te serve.

— Aquilo que?

— Faze-te de novas! A Lalá.

— Mas...

— Não negues. Tôda a gente viu. Vocês estiveram escandalosos. Se tens em alguma conta os meus conselhos, arre pia carreira enquanto é tempo. Tu conhece-la?

— Não, senhor; mas encontrei-a em sua casa, e tanto bas-

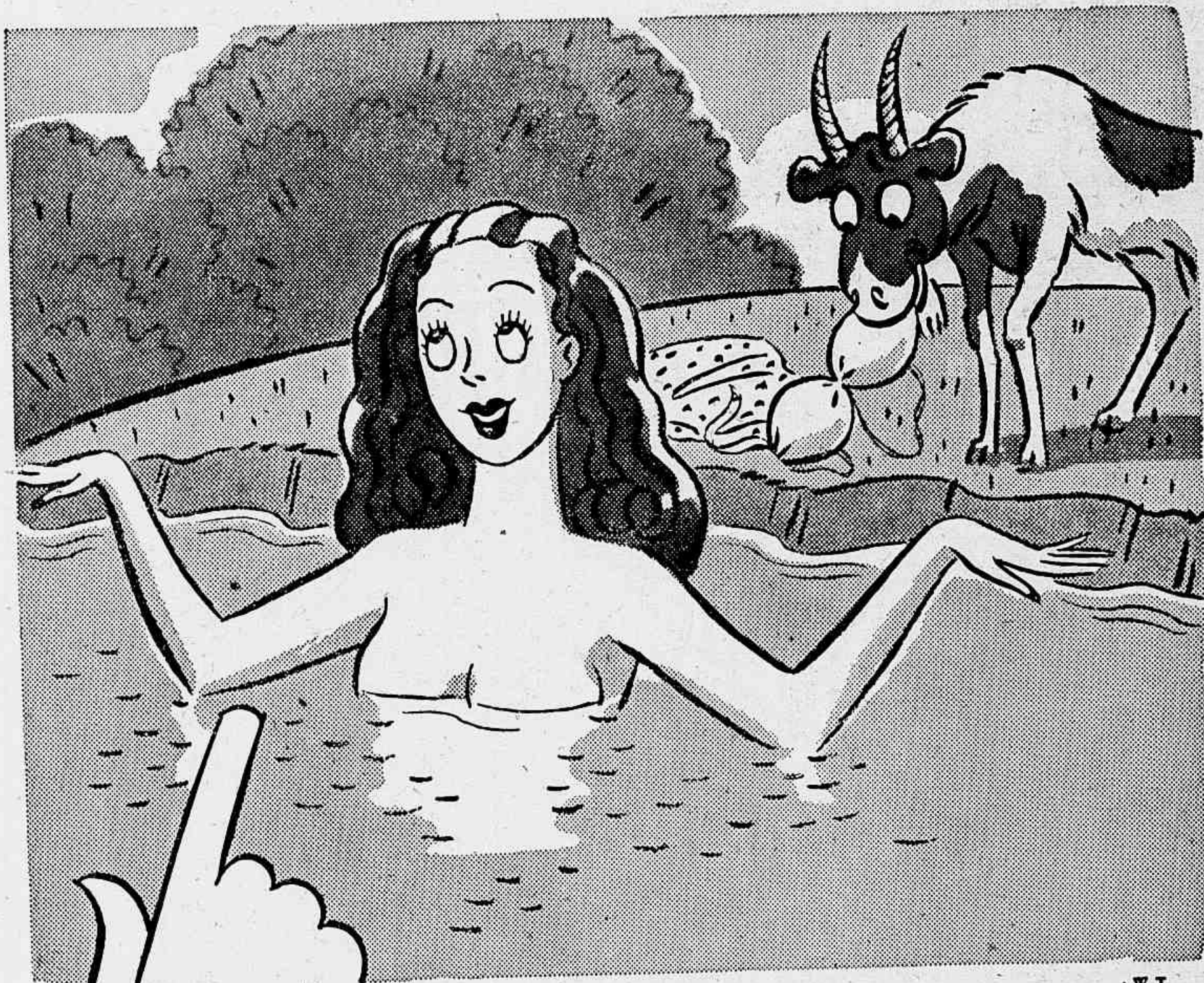
tou para formar dela o melhor conceito.

— Lá por isso, não, meu rapaz! Eu não fumo, mas não me importa que fumem perto de mim.

— Então ela...?

— Não digo que seja uma mulher perdida, mas recebeu uma educação muito livre, sacroteia sozinha por tôda a cidade, e não tem podido, por conseguinte, escapar à implacável maledicência dos fluminenses. Demais, está habituada ao luxo, — ao luxo da rua, que é o mais caro; em casa arranja-se ela e a tia sabe Deus como. Não é mulher com quem a gente se case. Depois, lembra-te

(Continua na pág. 57)



*Você não sabe
o que está perdendo...*

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



Isso mesmo! Não calcula o que perde em sabor e energias! Principalmente se sua mesa carece de algum alimento indispensável! Graças à sua riqueza em malte, Malzbier da Brahma, além de ser uma delícia, é ainda altamente nutritiva. Ligeiramente doce, de baixo teor alcoólico, aí está a cerveja do lar. Prefira-a para redobrar o valor e prazer das refeições.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA, RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se desloca

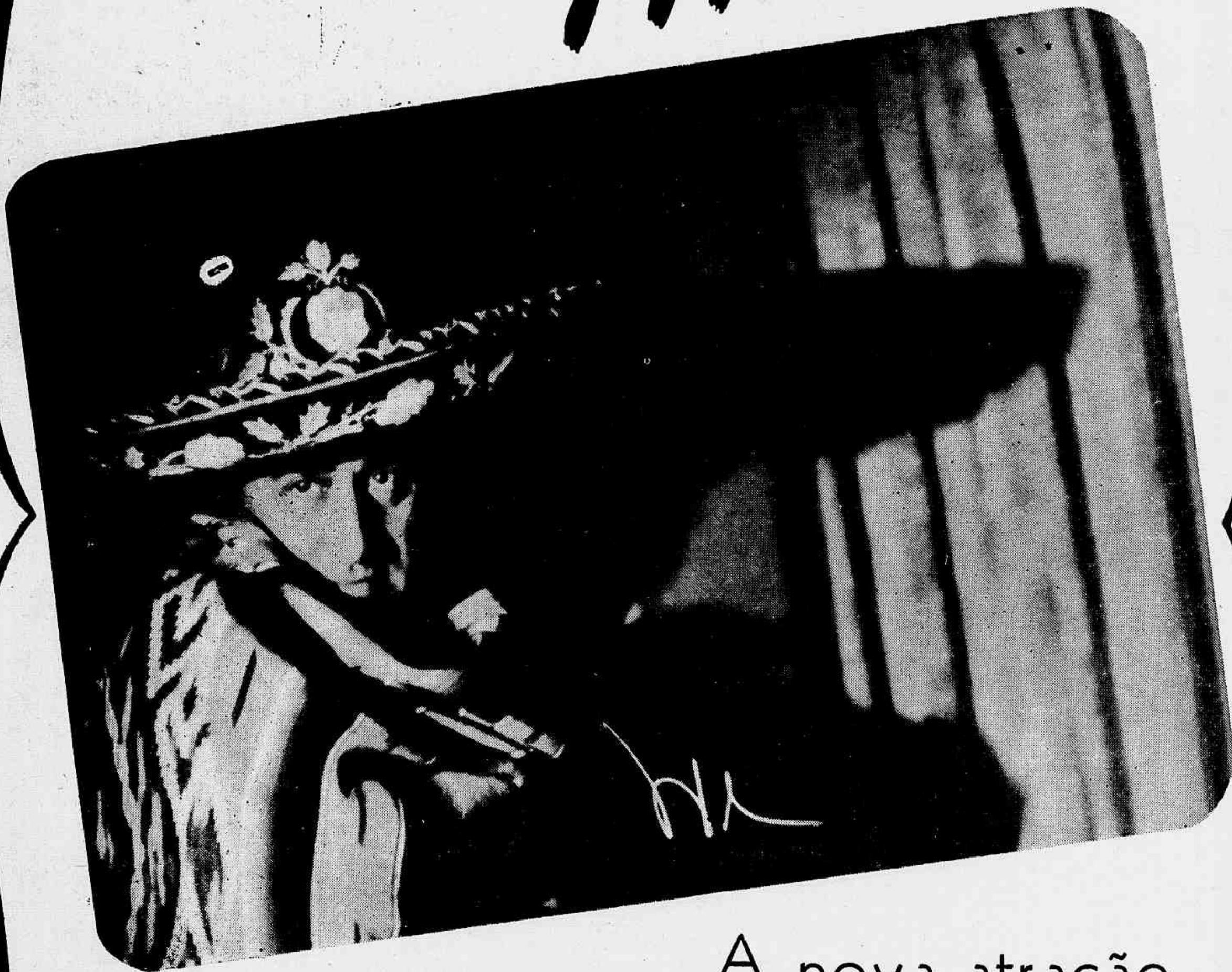
A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. FIXODENT é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmemente na bôca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na bôca nenhuma sensação pegajosa.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA. Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

Uma grande voz do MEXICO

**ALFONSO
ORTIZ
TIRADO**



A nova atração
internacional
da

Radio GLOBO

A divida

(Continuação da pág. 55)

que apenas começa e não tens ainda onde cair morto. Enfim, és um homem: faz o que bem te parecer.

Essas palavras, proferidas com uma franqueza por tantos motivos autorizada, calaram no ânimo do bacharel. Intimamente ele estimava que o velho amigo de seu pai o dissuadesse de requerer a môça, — não pelas consequências morais do casamento, mas pela obrigação, que este lhe impunha, de satisfazer uma dívida de vinte contos de réis, quando, apesar de todos os seus esforços, não conseguira até então pôr de parte nem o terço daquela quantia.

Mas o amor contrariado cresce com inaudita violência. Por mais conselhos que pedisse à razão, por mais que procurasse iludir-se a si próprio, Montenegro não conseguia libertar-se da impressão que lhe causara a môça. O seu coração estava inteiramente subjugado. Ainda assim, lograria, talvez, vencer-se, se, vinte dias depois do seu encontro com Lalá, esta não lhe escrevesse um bilhete que neutralizou todos os seus elementos de reação:

"Doutor. — Sinto que o nosso romance o enfastiasse tanto, que o senhor não quisesse ir além do primeiro capítulo. Entretanto, não imagina como soffro por não saber os motivos que atuaram no seu espírito para interromper tão bruscamente... a leitura. Diga-me alguma coisa, dê-me uma explicação que me tranquilize ou me desengane. Esta incerteza mata-me. Escreva-me sem receio, porque só eu abro as minhas cartas. — Lalá."

A primeira idéia de Montenegro foi deixar a carta sem resposta, e empregar todos os meios e modos para esquecer-se da môça e fazer-se esquecer por ela; refletiu, porém, que não poderia justificar o seu procedimento, se recusasse a explicação com tanta delicadeza solicitada. Resolveu, portanto, responder a Lalá com um desengano categórico e formal, e mandou-lhe esta pílula dourada:

"Lalá. — Deus sabe quanto eu a amo e que sacrificio me imponho para renunciar à ventura e à glória de pertencer-lhe; mas um motivo imperioso existe, que se opõe inexoravelmente à nossa união. Não me pergunte que motivo é esse; se eu lh'o revelasse, a senhora achar-me-ia ridículo. Basta dizer-lhe que a objeção não parte de nenhuma circunstância a que esteja ligada a sua pessoa; parte de mim mesmo, ou antes, da minha pobreza. Adeus, Lalá; creia que, ao escrever-lhe estas linhas, sinto a pena pesada como se estivessem fundidos nela todos os meus tormentos. — G. M."

— Que conselho me dá você-mecê? perguntou Lalá à sua tia, depois de ler para ela ouvir a carta de Montenegro.

— O conselho que te dou é tratares de arranjar quanto antes uma entrevista com esse moço, e entenderes-te verbalmente com ele. Isto de cartas não vale nada. Ele que te diga francamente qual é o tal motivo... e talvez possamos remover tôdas as dificuldades. Não percas esse marido, minha filha. O doutor Montenegro é um advogado de muito futuro; pode fazer a tua felicidade.

No dia seguinte Montenegro recebeu as seguintes linhas:

"Amanhã, quinta-feira, às horas da tarde, tomarei um bonde no largo da Lapa, porque vou dar uma lição na rua do Senador Vergueiro. Esteja ali por acaso, e por acaso tome

o mesmo bonde que eu e sentese ao pé de mim. Recebi a sua carta; é preciso que nos entendamos de viva voz. — Lalá."

O tom desse bilhete desagradou a Montenegro. Quem o lêsse diria ter sido escrito por uma senhora habituada a marcar entrevistas. Entretanto, à hora aprazada o bacharel achou-se no largo da Lapa. Recuar seria mostrar uma pulilanidade moral, que o envergonharia eternamente. Depois, como ele possuía tôdas as fraquezas do namorado, deixou-se seduzir pela provável delícia dessa viagem de bonde. Quando o veículo parou no largo do Machado, Lalá sabia já qual o motivo pecuniário que se opunha ao casamento. Ouvira sem pestanejar a confissão de Montenegro.

— O motivo é grave, disse

ela; o doutor Veloso tem a sua palavra de honra, e o senhor não pode mudar de estado sem dispor de uma soma relativamente considerável; mas... eu sou mulher e talvez consiga...

— O que? perguntou Montenegro sobressaltado.

— Descanse. Sou incapaz de cometer qualquer ação que nos fique mal. Separemo-nos aqui. Eu lhe escreverei.

Lalá estendeu a mão enluvada que Montenegro apertou, desta vez sem lhe magoar os dedos.

Ele apeou-se e galgou o estribo de outro bonde que partia para a cidade.

— Já está pago, disse o condutor a Montenegro quando este lhe quis dar um níquel.

(Continua no próximo número)



**SUA CÚTIS ESTÁ
DIANTE DESTA AMEAÇA:**

Beleza de Máscara!

QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA? É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquillage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa "Beleza-de-Máscara" constitui perigo para a vital respiração da pele.

PARA EVITÁ-LA, NÃO OCULTE, NÃO DISFARCE!

CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!

Não é frivolidade... Mirar-se demoradamente ao espelho é um dever para com sua beleza... Mas, se alguma imperfeição aparecer, pense bem! Não procure ocultar rugas, espinhas, cravos, sardas e manchas, asfixiando a pele... Uma "Beleza-de-Máscara" não é a solução para esse caso! Ao contrário... É um perigo!

Adote, pois, este método prático, fácil e simples - corrija essas imperfeições, eliminando-as! Leite de Colônia - o amigo ideal da beleza feminina - limpa, alveja e amacia a pele, livrando-a das imperfeições. Dê, pois, à sua cutis, uma beleza jovem, radiante e, sobretudo, real, com Leite de Colônia!



**ÉIS O FÁCIL TRATAMENTO
DIÁRIO PARA SUA PELE!**

Use Leite de Colônia pela manhã e durante o dia como base para pó. À noite, para tirar o "maquillage" e limpar a pele. Use-o igualmente para proteger sua cutis contra os efeitos do sol!

Leite de Colônia

— LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!



J. W. F.

O tricô volta à moda

(Copyright B. N. S. — Especial para a REVISTA DA SEMANA)

E' de se supor que os ingleses começaram a fazer tricô para amenizar os rigores do clima da Inglaterra. Há uma lenda do século 16 que nos conta que um servo teceu uma blusinha de tricô e ofertou-a à rainha Elizabeth. Esta, ao receber o presente, ficou tão encantada com a nova peça do vestuário que jurou dali em diante apenas usar roupas tricotadas. E' verdade que o servo ficou deveras conterrado, pois era muito difícil atender às constantes exigências da rainha e esta não tinha um temperamento muito mefifluo, ah! isso não... Entretanto, a moda persistiu até nossos dias e, atualmente metade dos habitantes da Grã-Bretanha parece tecer suas próprias blusas de tricô, enquanto a outra metade gasta seus talões de racionamento comprando-as nas lojas revendedoras.

Foi durante a última guerra que os pull-overs se tornaram realmente artigo de moda, pois, como é o caso de hoje, os ingleses precisam, de qualquer forma, manter-se bem aquecidos... Atualmente há firmas que trabalham unicamente com pull-overs e artigos de tricô, empregando fios de todas as qualidades e de todas as cores. Além disso, os pull-overs são desenhados com o mesmo carinho de qualquer outra peça do vestuário.

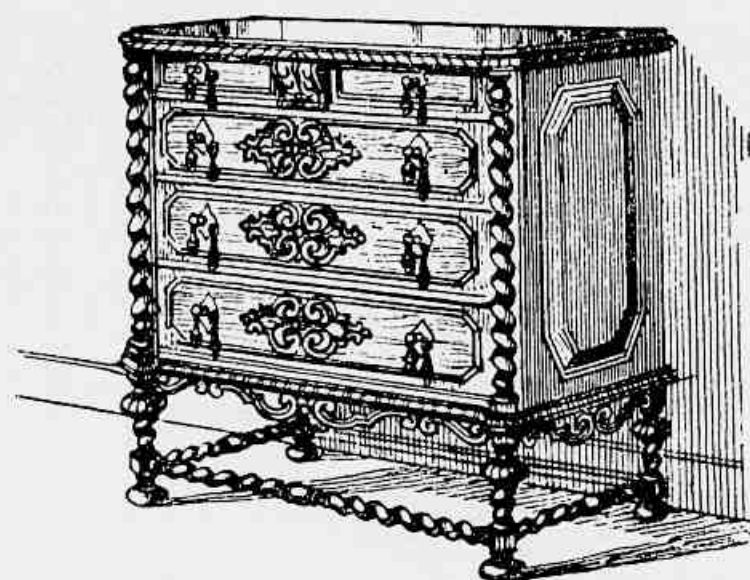
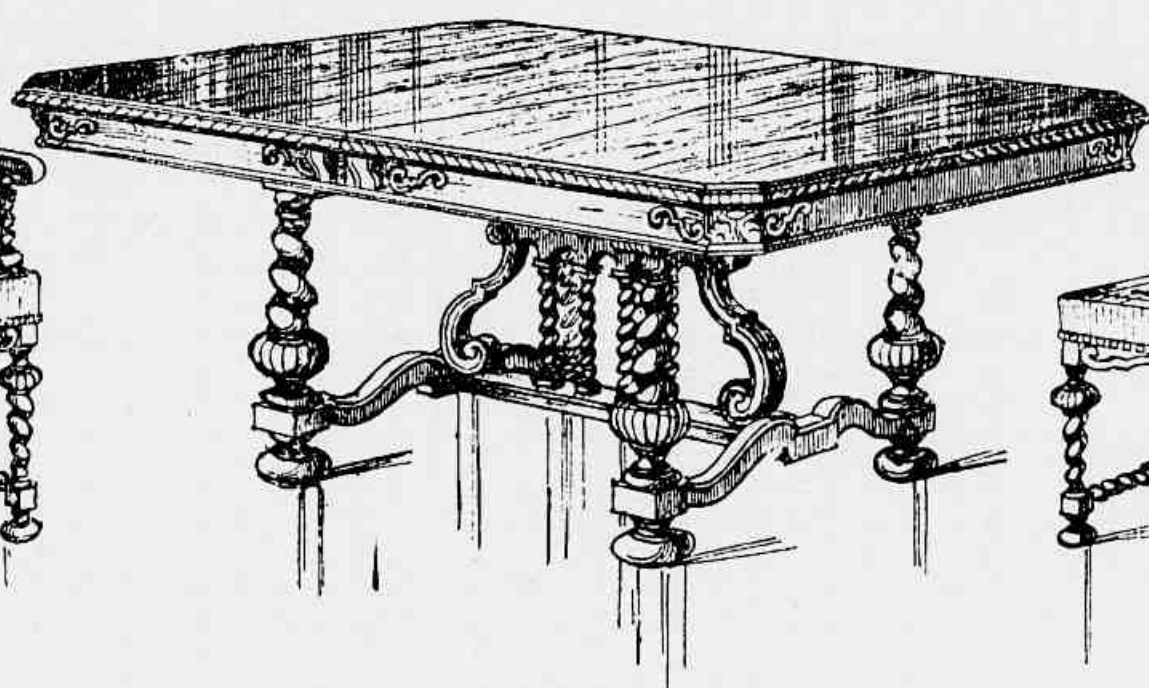
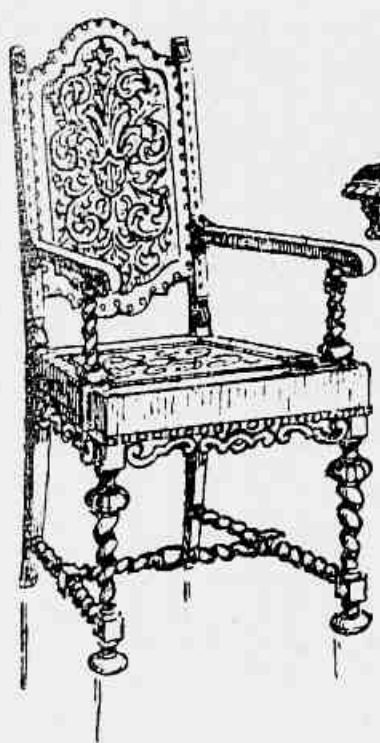
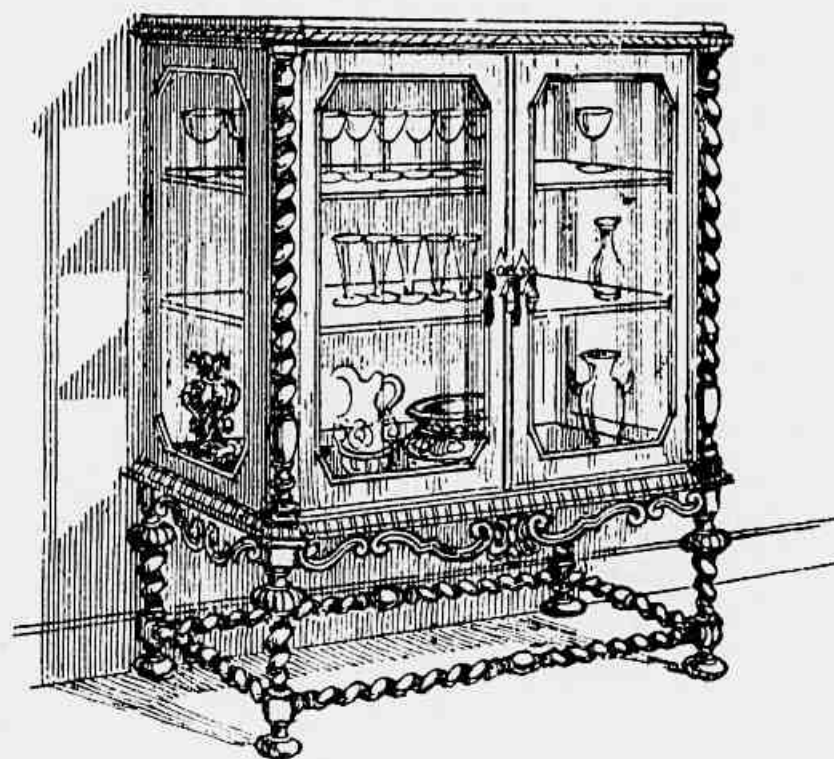
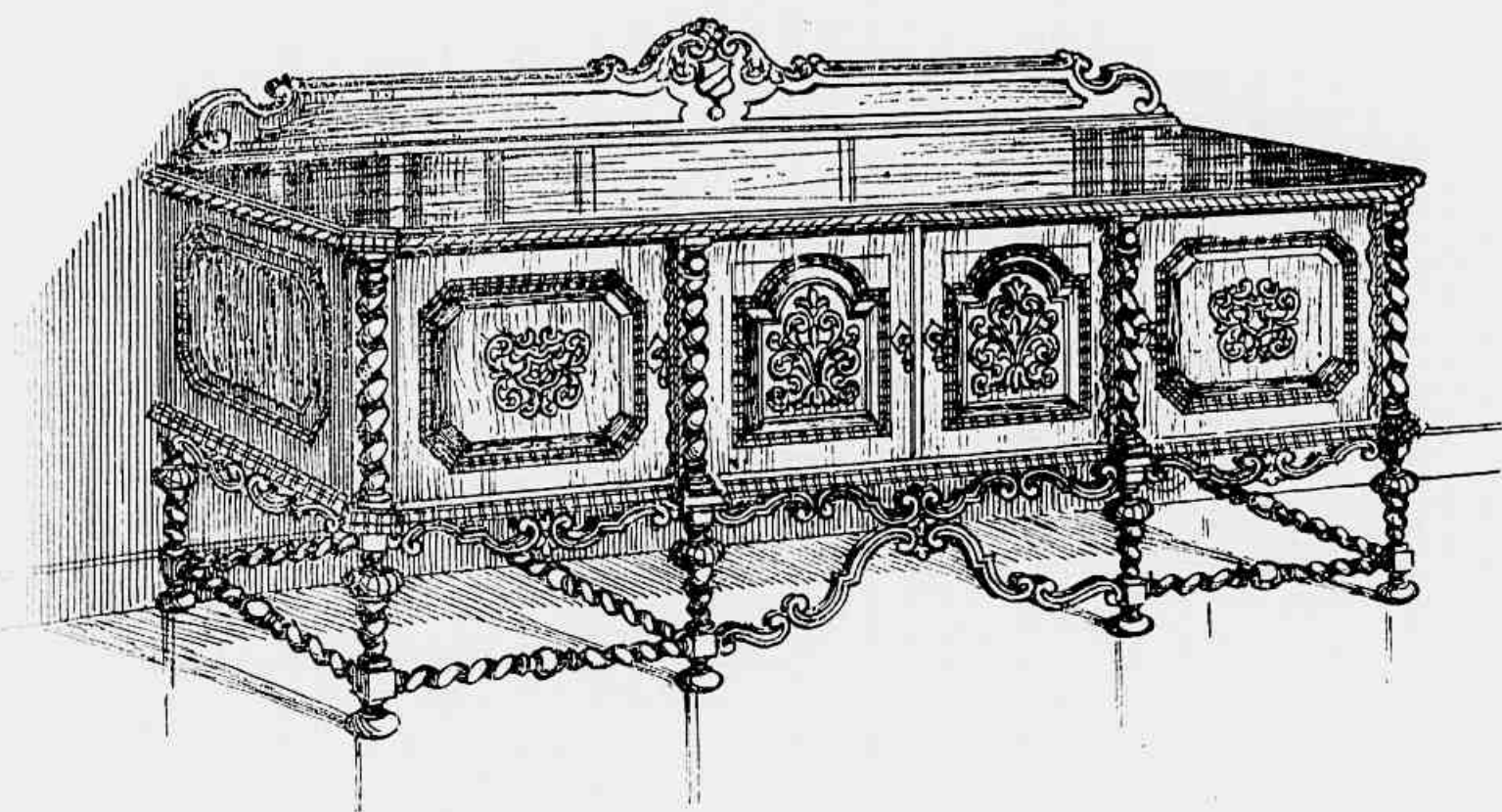
VERSATILIDADE

Agora que as cinturas são, e isso é de grande importância, as menores possíveis, os novos pull-overs procuram acentuar este fato; os ombros são arredondados; as golas alevantadas. Alguns dos pull-overs mais atraentes possuem golas de cores diversas e enfeites de tecidos diferentes, o que lhes empresta uma aparência realmente agradável.

As blusas podem ser pequeninas ou então jaquetas mais desenvolvidas. Tanto servem para os trajes matutinos, como para os conjuntos para a noite. Na verdade, é provável que muito poucas peças sejam tão versáteis quanto os pull-overs e tecidos de tricô. Apesar de que em 1914 os tecidos de tricô fossem usados mais pela classe pobre, que os confeccionava por processos manuais, agora todas as jovens inglesas sabem fabricar suas próprias blusas e tecer suas próprias meias.

Em 1946 é elegante usar, digamos, um pull over negro, com enfeites de equlins, e uma comprida saia de soirée! "Três chic"...





Sala de jantar

A estilização, quando baseada no puro estilo genuíno, sem arrojados de formas e exageros de linhas, longe de se tornar ridícula e espalhafatosa, constitui um motivo de apuração estética, que não se encontra em geral nas peças originais. E se isto acontece em todos os ramos da arte, mormente é notado no mobiliário e na arte decorativa.

Como exemplo do que acabamos de afirmar, apresentamos a sala de jantar acima, em colonial estilizado, trabalhada em madeira nobre. O faqueiro, a cristaleira e a "étagère", bem como a mesa, são cobertos todos por uma camada de vidro ou cristal, que empresta um traço de modernismo ao mobiliário, sem lhe tirar entretanto as características do estilo colonial.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Sinta-se orgulhoso em possuir uma "Sheaffer"

Esta "jóia que escreve" foi fabricada especialmente para senhoras e cavalheiros de gosto requintado. É bela e útil! Perfeita e indispensável!



Novas canetas "TRIUMPH"
Novas lapiseiras "FINELINE"

As novas canetas e lapiseiras SHEAFFER são verdadeiras jóias de raro valor, com toda a perfeição de acabamento das mais puras obras de arte. Presenciar ou possuir uma SHEAFFER'S Valiant *Lifetime* constitui um motivo de orgulho, pois esses maravilhosos instrumentos de escrever resistem a qualquer análise. Observe o alimentador FLO-RITE, de capacidade superior à comum, que controla o fluxo exato da tinta, evitando falhas e borrões na escrita. O seu fácil reabastecimento, visibilidade do depósito, "clip" flexível, controlado por mola interna e adaptável a qualquer espessura de tecido. Verifique a precisão microscópica com que foi fabricada a nova pena *Lifetime*, inteiramente feita à mão, de ouro de 14 K., platina e ponta de irídio, com reforço interno; ela desliza sobre o papel com a suavidade de uma pluma, permitindo escrever de dois modos diferentes, numa adaptação perfeita à sua maneira pessoal de manejá-la.

Completando o jogo, a lapiseira "Fineline", macia, de maior resistência e durabilidade, com a nova ponta reforçada e grafites de comprimento duplo. Sinta orgulho em oferecer ou possuir um jogo SHEAFFER. Ele reflete a sua personalidade e o seu senso de homem prático e observador... e, além disso, dura toda a vida!

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 47-1.º andar • São Paulo: Rua Dino Bueno, 212 - Caixa Postal 344
PORTO ALEGRE: Rua dos Andradas, 894

